



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

Carmem Lopes de Oliveira

ENTRE DEUS E O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO:

relações conflituosas entre a Igreja Católica e a Maçonaria em Pernambuco (final do século XIX e início do XX)

Recife
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

Carmem Lopes de Oliveira

ENTRE DEUS E O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO:

relações conflituosas entre a Igreja Católica e a Maçonaria em Pernambuco (final do século XIX início do XX)

Dissertação apresentada a Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, para a obtenção do título de Magister Scientiae.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Giselda Brito Silva.
Co-orientador: Prof. Dr. Carlos André S. de Moura.

Recife
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Nome da Biblioteca, Recife-PE, Brasil

L732p Oliveira, Carmem Lopes de
Entre Deus e o grande arquiteto do universo: Relações conflituosas entre a Igreja Católica e a Maçonaria em Pernambuco (final do século XIX início do XX) / Carmem Lopes de Oliveira. – 2018.
131 f. : il.

Orientadora: Giselda Brito Silva.
Coorientador: Carlos André Silva de Moura.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Recife, BR-PE, 2017.
Inclui referências.

1. Maçonaria 2. Igreja Católica 3. História Social 4. Igreja e Estado I. Silva, Giselda Brito, orient. II. Moura, Carlos André Silva de, coorient. III. Título

CDD 306.09



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ENTRE DEUS E O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO:

relações conflituosas entre a Igreja Católica e a Maçonaria em Pernambuco (final do século XIX e início do XX)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

CARMEM LOPES DE OLIVEIRA

APROVADA EM 30 / 10 /2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Giselda Brito Silva
Orientador – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE

Prof^o Dr^o Carlos André Silva de Moura
Programa Pós-Graduação em História– UPE

Prof^o Dr^o Augusto César Acioly Paz Silva
Programa Pós-Graduação em História– AESA

AGRADECIMENTOS

Agradecer pode ser uma tarefa difícil, pois se pode correr o risco de esquecer alguma pessoa querida, ou ainda, cometer uma injustiça ou desagradar alguém pela ordem na hierarquização que se faz neste momento. Muitas pessoas ajudaram a assentar os tijolos desta obra, que de um a um se tornou concluída ao longo dos últimos dois anos. Com estas pessoas vivemos alegrias, tristezas, aprendizados, perdas e ganhos, algumas são amigas de longa data, outras amizades recentes ou até mesmo pessoas anônimas que nem imaginam estarem presentes nos agradecimentos desta dissertação.

Meu primeiro e muito obrigada vai para minha orientadora, Giselda Brito, que puxou a minha orelha sempre que necessário nas muitas orientações que se iniciaram ainda na Graduação. Seu amor pelo que faz me inspirou.

Agradeço a Silvio Leonardo, companheiro que sempre esteve ao meu lado, sendo o pilar emocional em meus momentos de angústias. A minha mãe, Carmelita Lopes, que desde eu criança me falava sobre a importância do estudo na vida de uma pessoa. A minha irmã, Galba Lopes, primeira professora que sempre torceu pelo meu sucesso. Ao meu pai, Geraldo de Oliveira, em memória. A minha amiga, Michelle Silva, que desde o curso pré-vestibular esteve na torcida pela minha vida profissional.

Agradeço também aos professores do curso de Graduação em Licenciatura em História e da Pós-Graduação em História da UFRPE, pelo comprometimento com os alunos. Ao funcionário da secretaria do Programa de Pós-Graduação em História, Rafael Cipriano, pela paciência e profissionalismo que atende a demanda dos cursistas do Programa.

Aos muitos colegas da Academia que tive a honra e a sorte de conhecer, tais como: Carlos Santana, Leandro Nascimento e Márcio André. Ao “Clube da Luluzinha”, composto por Luciene Santos, Salete Santos, Rosana Florêncio e Josirene Souza. Grupo de estudo amador da Graduação que me rendeu tardes de domingos agradáveis de amizade e conhecimento. Aos colegas da turma de Mestrado, que, em vários momentos, partilhamos ansiedades e alegrias do percurso.

Agradeço a Augusto César Acioly Paz Silva, pois foi através de suas pesquisas que passei a conhecer mais sobre o tema. E hoje, estou muito feliz por ter tido a oportunidade de conhecê-lo e tê-lo como membro da banca. A Carlos André Silva de Moura, por sua competência na coorientação desta pesquisa.

À CAPES pelo financiamento. E por fim, e não menos importante, aos funcionários dos muitos arquivos que pesquisei que sempre estiveram disponíveis e comprometidos. A todos, o meu muito obrigada.

“Se usarmos o passado como uma renda, permanentemente retrabalhada, devemos lembrar que não são apenas as linhas, laços e nós, por mais coloridos que sejam, que dão forma ao desenho projetado; são, justamente, os buracos, os vazios, as ausências, que são responsáveis por fazer aparecer com nitidez o que se pretendia fazer”.

Durval Muniz - História: A Arte de Inventar o
Passado

RESUMO

A mudança de regime político do país, da Monarquia para a República, sacudiu as relações entre a Maçonaria e a Igreja Católica, ao mesmo tempo em que foram encontradas uma valorização do discurso liberal e uma depreciação do conservadorismo, isto se deveu muito a secularização da sociedade e a “separação” entre Igreja e Estado. Em meio às agitações políticas estavam: os maçons que defendia uma ideologia liberal e cientificista; e os intelectuais católicos que valorizavam uma cultura cristã, voltada para o tradicionalismo e o conservadorismo. Tendo isso em mente, nosso trabalho tem por objetivo analisar os conflitos entre maçons e católicos em Pernambuco, durante o final do século XIX e início do XX, a fim de buscar compreender como as relações de disputas ideológicas político-sociais, deram-se no campo social.

Este estudo trata ainda sobre as relações de conflitos conservadores *versus* liberais, na cidade de Garanhuns, representadas, respectivamente, pelos católicos Integralistas e pelos maçons. O conflito das duas instituições na cidade exemplificou uma fração das disputas que aconteceram no país entre os seguidores de Plínio Salgado (o líder integralista) e os maçons. Tais conflitos além de estarem relacionados às suas ideologias divergentes, também se ligaram as escolhas político partidárias do período, que se circunscreveu nas eleições presidenciais de 1938.

Para este estudo, analisamos discursos dos jornais maçônicos e católicos para observar seus conflitos de intolerância, bem como seus debates sobre política, moral e filosofia. Ainda nestes impressos, percebemos que a redação e publicação dos próprios jornais foram estratégias de luta contra o “inimigo” que combatiam nas matérias.

Palavras chave: Maçonaria; Igreja Católica; Conflitos.

ABSTRACT

The change of the country's political regime, from the Monarchy to the Republic, shook the relations between Freemasonry and the Catholic Church, at the same time that a valorization of the liberal discourse and a depreciation of the conservatism was found, this was due a lot to the secularization of the society and the "separation" between Church and State. Amid the political turmoil were: the Freemasons who defended a liberal and scientific ideology; and Catholic intellectuals who valued a Christian culture, focused on traditionalism and conservatism. With this in mind, our objective is to analyze the conflicts between Freemasons and Catholics in Pernambuco during the late nineteenth and early twentieth centuries, in order to understand how the relations of political-social ideological disputes, in the social field.

This study also deals with the relations of conservative versus liberal conflicts in the city of Garanhuns, represented respectively by Integralists and Freemasons. The conflict of the two institutions in the city exemplified a fraction of the disputes that took place in the country between the followers of Plinio Salgado (the integralist leader) and the Freemasons. These conflicts, apart from being related to their divergent ideologies, were also linked to the political party choices of the period, which was limited in the presidential elections of 1938.

For this study, we analyze discourses of Masonic and Catholic newspapers to observe their conflicts of intolerance, as well as their debates on politics, morals and philosophy. Still in these forms, we realized that the writing and publication of the newspapers themselves were strategies to fight the "enemy" who were fighting in the stories.

Keywords: Freemasonry; Catholic church; Conflicts.

LISTA DE SIGLAS

Ação Católica Brasileira (ACB)

Ação Integralista Brasileira (AIB)

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE)

Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA)

Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS)

Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE)

Faculdade de Direito do Recife (FDR)

Grande Oriente do Brasil (GOB)

Legião Cearense do Trabalho (LCT)

Liga Eleitoral Católica (LEC)

Partido Comunista Brasileiro (PCB)

Sociedade de Estudos Políticos (SEP)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1. O Liberalismo e o Conservadorismo no final do Século XIX..... | 17 |
| 1.1 “Nada mais Parecido com um Conservador do que um Liberal no Poder”. | 17 |
| 1.2 Maçonaria Republicana e as Literaturas Antimaçônicas..... | 23 |
| 1.3 A Igreja em um Estado Laicizado. | 39 |
| 2. Espaços de Combate no Início do Século XX. | 55 |
| 2.1 O Processo de Restauração Católica ou Recatolização no Brasil. | 56 |
| 2.2 Espaços de Luta nos Impresses. | 62 |
| 2.3 A Pedagogia Maçônicas <i>versus</i> Católica..... | 77 |
| 3. Plinianos <i>versus</i> os Filhos da Viúva. | 89 |
| 3.1 À direita do Catolicismo..... | 90 |
| 3.2 Conflitos do Compasso com o Sigma nos Periódicos. | 100 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 119 |
| FONTES | 123 |

INTRODUÇÃO

Em um vídeo de 2013 de um site católico, foi perguntado a um padre se era possível que um membro da Igreja entrasse para a Maçonaria. A resposta foi negativa, justificada por uma declaração da *Congregação para a Doutrina da Fé*, publicada em 26 de novembro de 1983, o qual dizia que por mais que a Maçonaria não persiga a Igreja, ela contém princípios que são contrários ao catolicismo, constituindo um perigo para o fiel.¹ Após tantos embates e conflitos entre ambas – que se desenrolaram desde o século XIX –, as duas instituições ainda não apaziguaram suas desavenças completamente.

O tema: os conflitos entre Maçonaria e Igreja Católica tem sido objeto de estudo na historiografia brasileira ao longo de algumas décadas. Podemos dividir os autores que trataram sobre o tema entre autores maçons e não maçons. Dentre as obras desenvolvidas por maçons, “a [...] pesquisa [...] se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias [...]”², observa-se na escrita o caráter enaltecido da instituição, memorando a história maçônica desde a antiguidade, com destaque aos grandes personagens.³ Já as obras escritas de não maçons são mais exploradas pelos acadêmicos e procuram enxergar o desenvolvimento da instituição através de um processo histórico.⁴

Alguns nomes ligados à Igreja também se dispuseram a escrever sobre o tema da Maçonaria e sobre seus desdobramentos com a Igreja. Esses intelectuais católicos, ou até membros do clero, escreveram fundamentados nos documentos oficiais condenatórios da

¹ CATÓLICO e Maçom? Paulo Ricardo. 2012. Vídeo VLC media file (.mp3), 12.032KB, (17:07min) Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/episodios/um-catolico-pode-ser-macom>> Acesso em: 10 ago. 2017.

² CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.67.

³ Exemplos de obras maçônicas com renome nacional: ASLAN, **História Geral da Maçonaria**: fastos da Maçonaria Brasileira. Rio de Janeiro: A TROLHA, 1997; CASTELLANI, José. **A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro**. São Paulo: Editora Traco, 1989.

⁴ Algumas obras de historiadores que tratam do tema Maçonaria com repercussão nacional: BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e sombras**: a ação da Maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 1999; _____. **Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)**. Juiz de Fora: Ed. UFJF/ São Paulo: Annablume, 2006; COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. Passo Fundo: Ediupf, 1998; MOREL, Marco, SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O Poder da Maçonaria**: a História de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008; AZEVEDO, Celia Marinho de. **Maçonaria, Antiracismo e Cidadania**: uma história de lutas e debates transnacionais. São Paulo: Annablume, 2010; COSTA, Luiz Mário Ferreira. **A Antimaçonaria Desvendada**: conspirações, pactos satânicos e comunismo. Curitiba: Editora Prisma, 2016. Em Pernambuco tem-se: SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal**: Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em História). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007; _____. **Maçonaria e República**: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940. (Doutorado em História). UFPE/CFCH, Recife, 2013.

Igreja com relação à Maçonaria e ao imaginário maléfico que se construiu em torno da instituição maçônica.⁵

Nossas questões em torno do tema foram sendo construídas a partir das experiências de pesquisa ao longo da Graduação. Primeiro, a partir do Programa de Iniciação Científica (PIC/UFRPE), quando realizamos um trabalho intitulado: “*Análise dos discursos policiais acerca dos conflitos integralistas X comunistas no estado de Pernambuco (1932 – 1945)*”. Naquele momento, nosso tema teve como objetivo a análise dos discursos produzidos pela polícia política na Era Vargas acerca dos conflitos entre os integralistas e os comunistas. Nessa pesquisa, procuramos realizar um levantamento e a leitura de documentos arquivados nos *Prontuários Funcionais da DOPS-PE* (Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco), hoje sob a guarda do APEJE (Arquivo Público do Estado Jordão Emerenciano), relacionadas a outras fontes (jornais, teses, dissertações, artigos, livros e entrevistas) dos quais extraímos alguns trechos dessa história. Nesta lógica, percebemos nos arquivos da polícia que, além dos integralistas, também a Maçonaria foi igualmente perseguida. Estas constatações, por nós verificadas, foram suficientes para nos instigar a um novo trabalho, desta vez como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sob um projeto intitulado: “*A Maçonaria em Pernambuco: Ideias, Ações, e Perseguições no Contexto da Crise Liberal (1930-1945)*”⁶. O preconceito, a perseguição e a desconfiança sofridas pela Maçonaria eram deflagradas pela repressão da ditadura durante o Estado Novo no Brasil, justificadas por um perigo eminente comunista.

Toda a temporada de trabalho não nos foi suficiente para elucidar as lacunas historiográficas que se formaram ao longo do período, pois percebemos que a Maçonaria e a Igreja Católica apresentavam discursos de embates. Desde o final do século XIX, quando o país inauguraria a Primeira República, a Igreja Católica acostumada com o apadrinhamento do Estado, no período imperial, viu-se ameaçada pelos pensamentos modernos e liberais. Já os maçons, defensores do liberalismo e do anticlericalismo, viram, no novo governo republicano laico, a oportunidade para o fortalecimento da Maçonaria e para uma maior visibilidade social. Foi então que as forças católicas e maçônicas passaram atuar de forma

⁵ Com relação a algumas obras de autores ligados a Igreja ou a instituições leigas relacionadas a mesma, tem-se: BENIMELI, Ferrer; ANTÔNIO, José. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Paulus, 1998; KLOPPENBURG, Dom Boaventura. **Igreja & Maçonaria**: conciliação Possível? Petrópolis/RJ: Vozes, 1992; BARROSO, Gustavo. **História secreta do Brasil**. 1ª reedição. Porto Alegre: Editora Revisão, 1990-1993. (6 Volumes);

⁶ OLIVEIRA, Carmem Lopes. **A Maçonaria em Pernambuco: Ideias, ações e perseguições no contexto da crise liberal (1930–1945)**. 2008. 43p. Monografia (Licenciatura em História) UFRPE/DLCH, Recife, 2008.

política partidária nos Partidos Conservador e Liberal (ou) Republicano, respectivamente. Cada qual na defesa de seus interesses e ideologia particulares e divergentes.

As literaturas antimaçônicas e os documentos oficiais do Vaticano também contribuíram para os discursos de conflitos entre as instituições e tiveram uma repercussão numa escala mundial. No Brasil, muito do imaginário negativo, em relação à Maçonaria, foi alimentado por este tipo de material, confeccionado por intelectuais católicos. Essas literaturas geraram um aumento no grau de intolerância entre ambas. Nos impressos católicos e maçônicos, foi possível observar as principais motivações que levaram aos discursos de conflito. Nos impressos, os articulistas atacavam a instituição inimiga com temas que abordavam questões que iam desde a moral até pedagogias educativas.

Na década de 1930, a descrença no sistema liberal gerou polarizações ideológicas em que ficaram marcados o extremismo de direita e o liberalismo. Nesta fase, maçons e católicos, mais uma vez, escolheram lados partidários opostos: maçons liberais laicos *versus* católicos extremistas da Ação Integralista Brasileira de direita. Neste período, o sentimento de intolerância foi ampliado pelas associações que foram feitas entre a Maçonaria e o comunismo, o judaísmo, ou políticas internacionais

Tendo tudo isso em mente, o que nos propomos é realizar uma análise das relações de conflitos entre maçons e católicos em Pernambuco durante o final do século XIX e início do XX, a fim de compreender como se deram as disputas no campo político social, visto que as relações entre maçons e intelectuais católicos não foram sempre de conflito. Existiu um período, anterior ao nosso recorte temporal, em que a Maçonaria e a Igreja Católica conviveram de forma pacífica. Um período no qual não era proibido aos padres ingressarem na Maçonaria. Diante disto, surgiu-nos o questionamento sobre como e o que motivou ambas as instituições a divergirem tanto.

A escolha do recorte temporal foi norteadada em função de uma rica condição histórica do período, em nível nacional e regional. Entre o final do século XIX e início do XX, ocorreram diversas movimentações políticas e sociais que mobilizaram a produção dos discursos e das ações das instituições Igreja e Maçonaria, tais como: a formação de correntes republicanas, os documentos pontifícios condenatórios da Maçonaria, a eclosão da Questão Religiosa, a Romanização da Igreja Católica, a cisão da liderança maçônica no Brasil, a criação do Grande Oriente do Norte do Brasil em 1884 - o que fragilizou a instituição, pela separação do poder central maçônico - e, a instauração da constituição de 1891, que retirou o

religioso da esfera pública, passando-o para a privada, agravando os conflitos entre católicos e maçons, uma vez que a igreja passava a perder áreas de atuação dentro da sociedade.

Na Segunda República, também ocorreram fatos que sacudiram os ânimos de católicos e maçons. Nos anos iniciais do século XX, o Estado e a Igreja estavam se aproximando e compartilhando uma mesma visão de interesses. Tudo isso se refletia em seus discursos. Esses estavam se configurando de forma mais autoritária, devido às novas necessidades do período: combater o perigo comunista, construir um país forte, zelar pelos princípios morais, lutar contra o liberalismo e etc. Conseqüentemente, essa nova aliança entre a Igreja e o Estado se voltou como oposição aos maçons. Durante os anos 30, o Estado, que construiu o discurso da eminência do perigo comunista, passou a encarar outros grupos políticos, incluindo os maçons e os integralistas, como inimigos. Nesta fase, tanto a Maçonaria quanto os católicos integralistas ficaram inconformados com a vigilância, a desconfiança e a repressão que sofreram do governo de Getúlio Vargas.

Assim sendo, acreditamos que, com nossa pesquisa, poderemos ampliar o debate a cerca dos conflitos entre Maçonaria e Igreja Católica, uma vez que eles continuam a existir e a estereotipar a instituição maçônica negativamente. Também esperamos contribuir com surgimento de novas perguntas e de novos trabalhos com relação ao tema. As análises discursivas que observamos, as relações de poder, bem como alianças e associações políticas, se somarão a futuras análises sobre conflitos entre a Igreja e a Maçonaria.

Pretendemos assim, poder criar a possibilidade de que se pense uma história do Brasil sem a perda de visibilidade da instituição maçônica. Não foram poucas as construções da história através de perspectivas que omitiram a presença maçônica. É importante incluir uma versão da história que não se exclui a Maçonaria nem suas ações. Isto não quer dizer que a historiografia atuou de forma proposital, e sim que se resolveu enfatizar alguns aspectos em detrimento de outros. Trata-se apenas das lacunas da narrativa histórica e do processo de legitimação da construção histórica dos eventos.⁷

Esperamos mostrar os conflitos que os integralistas tiveram com os maçons na década de 1930, tão pouco explorados na historiografia do período. A bibliografia que trata sobre a AIB é numerosa, nela são encontradas várias perspectivas e métodos de se trabalhar este grupo político, no entanto não se aprofundou a Maçonaria como inimiga dos “camisas-

⁷ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª ed., reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014. p.27.

verdes” de Plínio Salgado.⁸ Sobre os conflitos entre maçons e integralistas, encontramos duas pesquisas que constataam o quão pouco o tema é explorado. Um estudo local de Marcos José Diniz Silva, em que trabalhou a relação entre a religião e a política no estado do Ceará em 1935, que se refletiu nas ações de católicos e maçons, posicionados partidariamente e de lados opostos. Segundo ele: “livres-pensadores e parcela dos maçons acreditaram na eficácia de uma grande frente progressista (ANL) contra o avanço do fascismo (AIB) no Brasil.”⁹

Em Pernambuco, especificamente no município de Garanhuns, este conflito foi observado por Marcio André, enquanto aprofundava as polêmicas sobre o núcleo da AIB na cidade, levantando atuações cotidianas dos militantes no campo político local. Segundo ele: “A propaganda da AIB incutia nos militantes a ideia de que eles eram soldados da pátria lutando contra os inimigos nacionais (judeus, maçons, liberais democratas e comunistas)”¹⁰

Durante a narrativa, trabalhamos com a ideia de grupo, sem esquecer as motivações individuais dos agentes sociais, pois existe uma compreensão do conhecimento histórico sobre o objeto de estudo, a partir da observação de um indivíduo.¹¹ Dito isto, tentamos traçar o perfil político dos maçons e dos católicos contemporâneos do período numa escala coletiva, em que percebemos as articulações e alianças dos católicos e maçons com outros grupos sociais (incluindo o Estado), bem como suas principais motivações.

Ao longo do trabalho, tentamos definir alguns conceitos que foram apropriados pelos contemporâneos do período para relacionar os seus usos com o presente, e com a instituição de quem os usou. O conceito de liberalismo que se desenvolveu no Brasil por exemplo, teve sentido diferente do lugar de onde surgiu. Na especificidade brasileira, um novo sentido ao conceito foi gerado, garantindo sua flexibilização no final do século XIX. A análise dos

⁸ Para o estudo do integralismo, tem-se trabalhos clássicos: TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro dos anos 30. São Paulo: Difel, 1979; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999; VASCONCELLOS, Gilberto. **Ideologia Curupira**: Análise do discurso Integralista.SP: Brasiliense, 1979; SILVA, Hélio. **Terrorismo em Campo Verde**. RJ: Civilização Brasileira, 1971. E Para o estudo do integralismo em Pernambuco SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da suspeição contra a força do Sigma**: discursos e policia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, 2002.

⁹ SILVA, Marcos José Diniz. A Democracia Liberal em face das ideologias dissolventes: a Maçonaria cearense frente à Aliança Nacional Libertadora e ao Integralismo em 1935. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundaí, Paco Editorial: 2015.

¹⁰ MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o Símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação (Mestrado em História). Recife: PGH/UFRPE, 2012.

¹¹ BENSA, Alban. Da Micro-história a uma Antropologia Crítica. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

conceitos, além de ser um método especializado da crítica das fontes fundamenta sistemas político-sociais evitando anacronismos.¹²

Ao longo da narrativa, será importante conhecer algumas expressões ligadas a Igreja Católica, tais como o *ultramontanismo* que se caracterizou pela tomada de uma série de medidas contra as novas tendências políticas da modernidade mundial, durante o século XIX. Um dos principais esforços do clero para atingir seus objetivos foi o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais e a definição dos movimentos ameaçadores da Igreja, como Maçonaria, protestantismo, liberalismo e socialismo.

Outros termos que trabalharemos será o de *Romanização* e *Restauração Católica*. O primeiro com atuação, sobretudo, durante o século XIX, defendendo a implementação das ideias oriundas de Roma nas decisões políticas, culturais e sociais da Igreja no cenário internacional. O segundo teve atuação no século XX e caracterizou-se como um movimento de afirmação política do catolicismo em países que passaram por processos de secularização, como o Brasil, Portugal e a França.¹³

Ao longo da narrativa, citamos outros autores que fizeram pesquisas locais, com o intuito de cruzar ou de reforçar o exemplo pernambucano sobre o conflito entre as instituições. Para o estudo destes confrontos entre a Igreja e a Maçonaria, utilizamos principalmente jornais e periódicos maçônicos e católicos do período, de arquivos físicos e virtuais.¹⁴ A análise dos jornais teve a ajuda da *Análise de Discurso Francesa* (ADF), em que as formações discursivas foram percebidas em um determinado tempo, e nelas procuramos não apenas o significado dos signos, como também as práticas de seus autores.¹⁵

Além do estudo dos periódicos, foram utilizados outros tipos de fontes tais como livros publicados no período, prontuários funcionais da polícia política de Getúlio Vargas, fotografias, gravuras e documentos oficiais da Igreja. A diversificação de fontes foi encorajada pela perspectiva da História Cultural, pois:

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador [...] com tudo aquilo que, pertencendo

¹² KOSELLEK, Reinhart. **Passado Futuro**: Contribuição a semântica dos tempos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹³ MOURA, **Histórias Cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015.

¹⁴ Para a reprodução das matérias dos jornais do período, optamos manter a grafia original do documento, já que a conservação da escrita antiga não comprometeu o entendimento da mensagem. Convém lembrar que em algumas citações incluímos os (sics) na reprodução dos documentos, de acordo com a norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Porém, em algumas passagens, omitimos os (sics) para não tornar a leitura cansativa.

¹⁵ MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.¹⁶

No primeiro capítulo tentamos demonstrar as motivações que levaram Igreja Católica e Maçonaria a conflituarem. Para isto, buscamos encontrar um ponto na história do Brasil em que estes embates foram mais latentes. Elegemos então a passagem da Monarquia para a República, momento em que esteve em jogo o fortalecimento da instituição maçônica e o enfraquecimento da Igreja. Esses acontecimentos estiveram intimamente ligados a desdobramentos político do período. Nesta fase, as relações de maçons e católicos estiveram muito articuladas com os movimentos de grupos políticos. O estudo da imprensa liberal e conservadora nos ajudou a identificar indivíduos maçons e intelectuais católicos dentro dos respectivos partidos políticos, no final do século XIX, nos indicando quem eram, a que classe social pertenciam, o que defendiam ou ao que se opunham.

No segundo capítulo, voltamo-nos para os primeiros anos da República, estudando os jornais maçônicos e católicos para observar seus conflitos de intolerância, bem como seus debates sobre política, moral, filosofia e outros. Nos jornais, foi possível observar a luta entre eles no campo educacional com cada grupo na defesa de seu plano pedagógico e no combate da proposta do inimigo. Ainda nestes impressos, percebemos que a redação e publicação dos próprios jornais foram estratégias de combate contra seus respectivos opositores. Nesta fase não desconsideramos a presença do Estado como um elemento ideológico que, a depender do momento, articulava-se ao que lhe era interessante, seja com a intelectualidade católica em um tipo de aliança, seja com a Maçonaria. Algumas indagações guiaram este capítulo como: Quais periódicos foram mais representativos de ambas as instituições; quais os debates contidos nos impressos; quais representações seus articuladores fizeram de seus inimigos; e ainda quais ideologias pedagógicas para os jovens, defenderam maçons e católicos.

No terceiro capítulo, enfocamos no conflito entre os maçons e a AIB (Ação Integralista Brasileira, grupo intelectual católico leigo), durante a década de 1930. Neste capítulo, damos destaque aos embates ocorridos no município de Garanhuns, que podem ser considerados um fragmento sobre as divergências entre a AIB e a Maçonaria que ocorreram em outras partes do Brasil. O estudo prezou, principalmente, a análise discursiva de periódicos integralistas e maçônicos, que nos indicaram as motivações e temas sobre os conflitos, bem como suas atuações políticas.

¹⁶ FEBVRE, Lucien Paul Victor. **Combates pela história**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989. p.249.

1. O Liberalismo e o Conservadorismo no final do Século XIX.

Com a chegada da modernidade, ideologias conservadoras e liberais convergiam entre si. Esse elo refletia no campo político e religioso, às vésperas da Primeira República Brasileira. O Estado passava a se *laicizar*, seguindo uma tendência mundial de republicanismo e de esfacelamento monárquico que daria espaço à República.

A Igreja Católica, acostumada com o apadrinhamento do Estado, no período imperial, viu-se ameaçada pelos pensamentos modernos e liberais, uma vez que podia perder regalias conquistadas, tais como: poder político, econômico, religioso e cultural. Por outro lado, alguns católicos, que simpatizavam com o conservadorismo e tradicionalismo, do final do século XIX, já estavam incomodados com o regalismo imperial e achavam que a Igreja estaria melhor com a separação do Estado, visto que isto traria mais benefícios e liberdade.

Já os maçons, defensores do liberalismo e do anticlericalismo, viram, no novo governo republicano laico, a oportunidade para o fortalecimento da Maçonaria e para maior visibilidade social. Muitos maçons, políticos influentes, estiveram ligados ao desenvolvimento do republicanismo brasileiro, fortalecendo a laicização do Estado e a expansão da instituição maçônica.

Estes dois pensamentos divergentes, liberalismo e conservadorismo, representados pelos maçons e pelos intelectuais católicos, respectivamente, entraram em conflito em diversas partes do mundo, mobilizando ações e circulando discursos, que foram reproduzidos ao longo do período. Estereótipos e generalizações vinham de ambas as partes, aumentando a clivagem entre maçons, clero e intelectuais católicos no período conhecido como *laicização brasileira*.¹⁷

1.1 “Nada mais Parecido com um Conservador do que um Liberal no Poder”.

No final do século XIX, tem-se início o período republicano com maçons e católicos disputando espaços no Estado laico, em clima de oposição e enfrentamentos discursivos. Enquanto isso, o país se preparava para um crescimento econômico decorrente do avanço

¹⁷ Por *laicização brasileira*, entendemos como um processo gradativo, pelo qual os Estados, a partir da modernidade, deixavam as práticas religiosas para dar lugar à ações liberais, laicas, sem a influência dos membros da Igreja Católica. Cf. MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015. p.15.

liberal, que questionava o período colonial pela manutenção do latifúndio, da monocultura e trabalho escravo. Fatores que dificultavam a implantação do trabalho livre e a modernização do país.¹⁸

Em oposição às classes conservadoras e católicas do velho regime, cresciam os grupos defensores da ideologia liberal, provenientes da elite economicamente mais forte, que mandavam seus filhos para estudar no exterior e esses voltavam cheios de ideias iluministas e liberais, como nos diz Emília Viotti:

Os estudantes que viajavam para o exterior, completando seus estudos em Portugal ou na França, voltavam imbuídos das novas idéias e se tornavam seus principais propagandistas. Em conversas em casas particulares ou nas esquinas, nas academias literárias e científicas ou nas sociedades secretas, analisavam, às vezes superficialmente, os efeitos da Revolução Francesa e comentavam suas leituras, diante de um público curioso que se incumbia de passar adiante, de forma vaga e imprecisa, o que ouvia.¹⁹

Foi, portanto, a partir desses jovens da elite, recém-chegados da Europa, que se disseminou o liberalismo no Brasil. Entretanto, o conceito liberal que se desenvolveu no Brasil teve sentido diferente do lugar de onde surgiu – a França revolucionária do séc. XVIII. Ao longo da história, como nos diz Kosseleck, um conceito pode ter seu significado modificado, acrescentado ou mesmo alterado.²⁰ Enquanto na Europa, uma burguesia emergente e ilustrada liderou as massas e pegou em armas contra privilégios tradicionais de nobres e monarcas, no Brasil, os líderes do liberalismo mesclaram as novas ideias de modernidade e liberdade com a preservação de alguns privilégios da elite tradicional. Atribuindo, assim, novo sentido ao conceito de liberalismo no Brasil e, com isso, garantindo a flexibilização desse na especificidade brasileira. Pois, como também nos diz René Rémond²¹ o conceito de liberalismo é bastante amplo. Para ele, é preciso ver o *internacionalismo liberal* como um movimento que atendeu as emergências de um sistema que ruía e que não era mais possível levar a diante: o Antigo Regime. Daí, no final do século XIX, mudanças inevitáveis foram propostas pelo liberalismo, introduzindo características e condições próprias em cada lugar e tempo.

¹⁸ COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, passim.

¹⁹ COSTA, Emília. id., p.28.

²⁰ KOSELLEK, Reinhart. **Passado Futuro**: Contribuição a semântica dos tempos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p.98-103.

²¹ RÉMOND, René. **O século XIX**: 1815-1914. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p.15.

No Brasil, o liberalismo foi bastante questionado pelos católicos. Segundo Ramos de Oliveira²², intelectual católico que escreveu sobre a Questão Religiosa e se posicionou contra a Maçonaria, o tipo de liberalismo que avançou no Brasil punha em questão as tradições religiosas e católicas do homem, ameaçando a ordem dos sagrados valores:

Pela palavra liberalismo entendemos o sistema doutrinal que, em matéria de religião e de política, a pretexto de alargar a liberdade do homem, favorece a licença. Diminuir a autoridade de quem governa e animar a independência de quem obedece; abater o superior e, se possível fora, emancipar o súdito; pelo temor da tirania amesquinhar o poder, senão destruí-lo completamente: tal parece ser a grande preocupação do *Liberalismo*; tal é a sua tendência. Sistema fatal, que, a pretexto de evitar a opressão, fomenta a rebeldia e pelo desejo de aliviar o jugo da obediência e submissão às leis tende a suprimi-lo totalmente! Este liberalismo é formado nos grandes princípios de 89, [está se referindo a data da proclamação da República] que muita gente exalta sem conhecê-los, e foram para a França, como para a Europa inteira, origem fecunda de males incalculáveis.²³

Para o autor, o termo liberal atentava contra as elites tradicionais e foi entendido como um mal para a sociedade que surgiu depois do movimento republicano, atingindo vários países que introduziam a política liberal. Dessa forma, durante o final do século XIX e início do XX, a questão do liberalismo no Brasil foi vista pela classe mais abastada, simpática ao conservadorismo, pelo seu caráter revolucionário, como nociva à sociedade e, por isso, precisava ser evitada. Por outro lado, os intelectuais simpáticos à República, defendiam mudança, liberdade e modernidade, tendo na Maçonaria como um dos seus principais expoentes.

O liberalismo, importado ao Brasil, chegou aqui sob condições diferentes daquelas experienciadas na Europa. Não havia no Brasil uma burguesia atuante, como ocorreu na Europa. As condições econômicas do país eram rurais, o que favorecia a preservação das velhas classes tradicionais em oposição aos defensores da cultura política liberal, recepcionada apenas pelos herdeiros de uma parte da elite.

É neste clima de especificidade do liberalismo brasileiro que, a partir de 1868, é criado o Partido Liberal, influenciado pelo jacobinismo francês, anticlericalista, que passa a incluir em seus discursos o povo, a ciência e a razão. O discurso liberal brasileiro passa,

²² OLIVEIRA, Ramos de. **O Conflito Maçônico-Religioso de 1872**. Petrópolis: Vozes, 1952.

²³ OLIVEIRA, Ramos. id., p.9.

então, a defender as reformas políticas, judiciárias, eleitorais, a abolição do recrutamento e a emancipação dos escravos para o trabalho livre.²⁴

No Brasil, diz-se que as práticas dos governantes liberais, na primeira metade do século XIX, não diferiram da política conservadora, ou seja, liberais e conservadores tinham princípios semelhantes. Daí a fama da célebre frase da época: “Nada mais parecido com um conservador do que um liberal no poder, nem mais semelhante a um liberal do que um conservador em oposição”.²⁵

Emília Viotti Costa²⁶ também não constatou muitas diferenças dos liberais em relação aos conservadores no final do século XIX, destacando que a tomada do poder dos liberais, sob a monarquia em 1889, representou a permanência do conservadorismo e de setores das instituições obsoletas. A autora denuncia que os liberais, ao alcançarem o poder, tornaram-se típicos conservadores, contraditoriamente ao período de campanhas, quando lutaram contra os conservadores e o imperador.

Em Pernambuco, o jornal *O Conservador*²⁷ expõe os ideais do Partido Liberal com uma abordagem que poderia confundir um leitor distraído, pelos seus discursos próximos do Partido Liberal: “O partido conservador, propugnador, da realidade da constituição, e que lida para reerguer systema representativo em sua pureza, sustenta os verdadeiros principios de liberdade regrada, que sempre havemos mantido, e pela qual nossos maiores se hão sacrificado [...]”.

No trecho anterior do editorial, membros do Partido Conservador dizem que sempre prezaram pelos princípios de liberdade. Tal fala pode ter confundido os leitores do jornal, pois esses poderiam achar que estavam fazendo uma leitura sobre o Partido Liberal, quando, na verdade, era um periódico conservador. Notamos que o grupo ligado ao periódico estava defendendo um ideal liberal para passar uma boa impressão, com a finalidade de vencer disputas com partidos rivais. Tânia Regina de Luca²⁸ nos alerta sobre “o caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público [que] caracterizam a imprensa brasileira de grande parte do século XIX [...]” com posições que os confundem entre os ideais liberais e conservadores.

²⁴ CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros**: discurso e práxis dos seus programas. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.36-37.

²⁵ CHACON, op. cit., p.41.

²⁶ COSTA, Emília. op. cit., p.11.

²⁷ **O Conservador**. Recife, mai. 1868. p.1. Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18680502. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

²⁸ LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.133.

A razão para tanta similaridade de opiniões e perfis políticos, entre liberais e conservadores do período, pode estar relacionada a uma afinidade e intimidade, compartilhadas entre as elites, que começava já nas universidades. Martins²⁹ explica que entre as altas classes do período podemos perceber uma rede de relações que muitas vezes lhes eram familiares.

[...] além das relações que se estabeleciam na Corte, onde se destacam as estreitas ligações que uniam os conselheiros aos grandes comerciantes e capitalistas e ao que se poderia considerar uma incipiente elite empresarial, evidencia-se ainda como a alta cúpula do poder imperial reunida no Conselho de Estado encontrava-se próxima às oligarquias regionais, fosse por linhagem direta ou por uma eficiente política de casamentos. Na verdade, era nas principais províncias do Império brasileiro que muitas vezes se originavam e ramificavam as relações pessoais e familiares verificadas na Corte, alimentadas pelas práticas clientelares e de poder e dependência pessoal, que davam sustentação eleitoral e política ao governo central.³⁰

Assim segundo Martins³¹, nos altos cargos do governo estavam pessoas que pertenciam a uma rede clientelar que, por serem muito próximas, frequentavam as mesmas festas e conviviam numa relação próxima, partilhando ideologias políticas que circulavam entre liberais e conservadores.

Além dos liberais e conservadores, o exército era outro setor social que passou a se manifestar politicamente antes da Proclamação da República, e, apesar da historiografia não procurar mencionar, alguns indivíduos militares foram simpáticos à causa maçônica.

No periódico *A Epocha*³², publicado no Recife, em 1890, podemos observar a menção a um membro militar falecido, pertencente à loja maçônica *Conciliação*. “O Brigadeiro Lobo tinha um gênio affavel e caricativo e d’ahi provinha a contar elle muitos amigos. Pertencia a inúmeras sociedades religiosas, politico-litterarias e na Maçonaria tinha o grau 33 e foi fundador e presidente da antiga loja³³ *Conciliação*. ”³⁴. Pela fala, percebe-se que

²⁹ MARTINS, Maria Fernanda Vieira. A Velha Arte de Governar: o conselho de estado no Brasil imperial. Revista **Topoi**, v. 7, n. 12, jan.-jun, 2006.

³⁰ MARTINS, id., 2006, p.189-190.

³¹ Id., 2006.

³² “A Epocha” foi um periódico do Partido Conservador. Cf., NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco**. Vol. II. Diários do Recife 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1966. p.307.

³³ Loja é termo usado pelos maçons para se referirem ao local onde acontecem as reuniões maçônicas.

³⁴ Falleceu hontem. **A Epocha**. Recife, 1890. n. 92, p.1. Jornal do Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional, Edição 00092. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=373370&PagFis=512&Pesq=Brigadeiro>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

dentro das lojas maçônicas do Recife, no final do século XIX, podia-se encontrar militares de alta patente e de altos graus.³⁵

De acordo com José Murilo de Carvalho³⁶, os militares eram uma categoria que se sentia injustiçada e insatisfeita. O autor vincula o povo ao exército, pois para ele, no final do século XIX, “o exército era o povo com armas”. Havia até mesmo uma imprensa periódica, destinada aos militares na capital do Império, que publicou os apelos da categoria, em relação à ocasião da reforma eleitoral de 1881. Na publicação, afirmava-se que os mesmos se sentiram lesados, pois os praças perderam o direito ao voto. Em Recife, assim como na capital, às vésperas da República, o jornal quinzenal *A Alvorada*, em seu primeiro número, prega o patriotismo e um sentimento de injustiça que se fazia em relação à classe militar.

Classe nobre e indispensavel [sic] por sua natureza à qualquer governo, em todos os tempos, e em todos os povos, base de todas as instituições, que modernamente fulguram no mundo, tem a classe militar entre nós, sido, quasi menospresada, e atirada no esquecimento pelos que cogitam no porvir desde livre sólo Americano, e gerem os públicos negócios.³⁷

Em Recife, percebe-se a insatisfação dos militares com o sistema político. Eles também queriam outro sistema de governo.

No cyclo luminoso das reformas pátrias, nem se quer lhe é dado ser coparticipe da evolução das ideas do progresso , das liberdades modernas, embalde indaga da causa de abstenção a seu respeito, quando é quasi endêmico o prurido de reformas, ou lemmas de governo.³⁸

Pode-se dizer que os militares no final do século XIX, que se consideravam indispensáveis à nação, queriam mais participação política, já que acreditavam que estavam sofrendo grande injustiça. Eles também estavam insatisfeitos com o sistema político monárquico e alguns simpatizaram com o liberalismo. Nesse sentido, podemos relacionar a participação de alguns militares aos maçons, uma vez que estes frequentavam lojas maçônicas e, por conseguinte, estavam de acordo com as ideias liberais defendidas pelos maçons.

³⁵ Dentro de uma loja maçônica, o indivíduo iniciado passa por uma hierarquia chamada de graus. Cf., QUEIROZ, Álvaro de. **A Maçonaria Simbólica**. São Paulo: Madras, 2010. p. 23.

³⁶ CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.50-51.

³⁷ MIDILAN. A. Classe Militar no Brazil. **A Alvorada**. Recife, 1887. p.1. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18870307. Disponível em: < <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>> Acesso em: 8 dez 2015.

³⁸ Id.

Em uma realidade específica diferente da Europa, o liberalismo, de forma geral, atuou no Brasil através de alguns grupos políticos, no final do século XIX. Tais grupos levantaram a bandeira do liberalismo para lutar contra a monarquia, que dava sinais de decadência. Mas, os grupos defensores do sistema monárquico e conservador divergiam dos liberais. Apesar da contradição existente entre os discursos de liberais e conservadores quando se revezaram no poder, pôde-se traçar um perfil político dos ideais de ambos.

Os liberais, durante o final do século XIX, estiveram muito representados dentro dos filhos das elites que estudaram na Europa. Eles trouxeram ideias liberais, em defesa de reformas políticas, liberdade, progresso, modernidade, anticlericalismo e outros; fundaram partidos políticos e opuseram-se ao conservadorismo muito presente dentro da política imperial e das práticas do clero católico. Suas ideologias encontraram muita afinidade com a Maçonaria, que, no período, abrigava, em suas lojas, muitos membros que, ao mesmo tempo, foram maçons, defensores do liberalismo e do republicanismo.

Os conservadores, por sua vez, queriam que o sistema permanecesse imóvel, não laico, monárquico e tradicional. Tais pessoas se opuseram ao sistema liberal de governo, pois, para elas, esse ameaçava a ordem e a estabilidade dos Estados com ideias revolucionárias. Muitos intelectuais católicos foram adeptos ao conservadorismo no Brasil e, por isso, teve a Maçonaria como inimiga. Nesse sentido, os interesses de maçons e intelectuais católicos se direcionaram para alas político partidárias e, na maioria das vezes, divergentes.

1.2 Maçonaria Republicana e as Literaturas Antimaçônicas.

O Estado monárquico que dava sinais de decadência, logo terminaria. Isto deu oportunidade para que se abrissem os debates em torno do novo sistema político que representaria os brasileiros. Após a fundação do Partido Republicano, surgiram vários Clubes Republicanos nas províncias, inseridos em lojas maçônicas. O Partido Republicano recebeu adeptos de várias alas da sociedade insatisfeitos com o sistema imperial. Indivíduos de variadas profissões, dentro das lojas, passaram a proteger o sistema republicano, atrelado às ideias defendidas pela Maçonaria.

Segundo as pesquisas de Luaê Ribeiro³⁹, a Maçonaria estava relacionada à formação do Partido Republicano Paulista, dentro da loja *América* de São Paulo, fundada em 1868. Dela faziam parte negociantes, advogados, funcionários públicos, estudantes, jornalistas, bacharéis de direito e até políticos. Esses indivíduos frequentaram a loja que funcionou como um ambiente de sociabilidade para seus projetos políticos republicanos tais como: discussões abolicionistas, laicização do Estado, abertura de novas lojas no Oeste Paulista, fundação de bibliotecas populares, e o incentivo para novas lojas fazerem o mesmo. A loja América deteve parte da liderança do movimento republicano paulista e foi a principal articuladora entre a província de São Paulo e o Grande Oriente dos Beneditinos, ao qual se filiou.

A loja América de São Paulo se destacou por ter, dentro de seu estabelecimento, membros influentes na política e por terem uma imprensa atuante. Muitos de seus integrantes foram redatores, diretores e proprietários de jornais. Nos anos de 1870, os maçons defenderam seus objetivos políticos, estampados nas páginas dos jornais, tais quais: *Diário Oficial*, *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo*, *Correio Nacional*, e *Opinião Liberal*.⁴⁰

No jornal republicano *Correio Paulistano*, observou-se várias chamadas para reuniões maçônicas na loja América. Em 1893, lia-se:

Ordem [sic] na Ord : .
Maçonaria Universal
Os VVen . : abaixo assignados convidam os Iir . : dos seus qqua . : a reunirem-se no Domingo, 28 do corrente mez, em o d'embl . : da Bemn . : Loj . : Cap . : America, em a rua 7 de Abril n. 78, ao meio dia.
O fim da presente reunião é tratar-se de assumpto que interessa a Ordem na Ord.:⁴¹

O *Correio Paulistano* imprimia variadas vezes a chamada das reuniões voltada para seu público alvo: republicanos que poderia também pertencer a loja América.

Candiá⁴² também visualizou a relação entre maçons, republicanos e ideias liberais. Em suas pesquisas, percebeu o movimento republicano paulista, ligado a Maçonaria, que

³⁹ RIBEIRO, Luaê Carregari Carneiro. A Maçonaria e a Formação do Partido Republicano Paulista. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundá: Paco Editorial, 2015. p.110-114.

⁴⁰ RIBEIRO, Luaê. 2015, p.14-15.

⁴¹ **Correio Paulistano**. São Paulo. Ano 39, nº 10982, mai, 1893. p. 4. Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional, Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=ma%C3%A7onaria>. Acesso em: mar. 2017.

⁴² CANDIÁ, Milena Aparecida Almeida. A instrução do povo pelo povo: a maçonaria e o movimento associativista pela expansão da educação popular no Brasil. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundá: Paco Editorial, 2015.

efetuava projetos de instrução popular. Os republicanos paulistas eram, em sua maioria, bacharéis e suas ligações com a Maçonaria remontam ao período que cursavam Direito em São Paulo. A Maçonaria, que estava muito representada dentro do Partido Republicano Paulista, atuou em projetos culturais de incentivo à educação. Como a maioria dos integrantes republicanos do partido era bacharel em Direito, foi comum, entre eles, o debate de pautas sobre a política e a instrução popular.

O elo entre maçons pernambucanos e o Partido Republicano local também foi observado por Augusto Silva⁴³, quando nos afirma que: “Os seguimentos do partido republicano local, como os maçônicos, não estavam muito articulados ao movimento a nível nacional”. Sobre o Partido Republicano pernambucano, Augusto Silva aponta também que o partido local não conseguiu projetar uma expressiva campanha pela falta de um agrupamento político forte que se articulasse ao movimento nacional. Em Pernambuco, o programa do partido foi voltado para as classes populares e não atraiu o interesse de grupos econômicos de destaque, a exemplo do que ocorreu em São Paulo, em que os cafeicultores participaram dos planos republicanos de forma mais intensa. Dessa forma, a Maçonaria ligada ao Partido Republicano de Pernambuco teve baixa repercussão, enquanto que a ligada ao Partido Republicano Paulista, bastante influente, atingiu maior ressonância.

Augusto Silva⁴⁴ lembra ainda que a falta de força dos republicanos pernambucanos é constatada nos perfis políticos dos nomes que governaram Pernambuco, uma vez que, nesse estado, empossou-se um companheiro de armas de Deodoro da Fonseca que não teve ligação com o movimento republicano. Sendo assim, após a Proclamação da República nacional, Pernambuco põe para gestão pessoas que não estavam ligadas ao movimento republicano, só evidenciando a falta de força do republicanismo local.

Na cidade do Recife, o jornal *O Rebate* (1883-1889), através de seus textos, declarou-se republicano e abolicionista. Alguns dos destaques políticos de suas matérias foram críticas aos sacerdotes do regime monárquico, exaltação dos revolucionários franceses e destaque para a pessoa e candidatura de Joaquim Nabuco ao 5^a distrito.⁴⁵ Em 19 de agosto de 1878, o jornal discursa sobre o momento de eleição, em defesa da democracia:

⁴³ SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal: Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007. p.47-48.

⁴⁴ Ibidem., p.48.

⁴⁵ Cf., NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco**. Vol. II. Diários do Recife 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco. 1966. Disponível em: < http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf > Acesso em: 10 fev. 2016. p.271-277.

Estamos, n'outra [sic] phase eleitoral, no segundo período do pleito, onde os eleitores vão exercer a sua soberania como mandatários do povo, escolhendo os seus representantes à deputação geral. É a ocasião mais melindrosa, difficil mesmo, a da escolha desses candidatos á representação nacional, por terem d'um lado os tramas indecorosos de famílias, que desejam predominar a todo transe, sem terem o espontâneo apoio popular, e d'outro lado a tyrannica imposição do governo, e mais tyrannica ainda quando se acoberta com a capa do desinteresse.

Tudo nos atemorisa, tudo nos causa sérios receios de que ainda desta vez não tenhamos uma genuína representação.⁴⁶

Sendo assim, nota-se, no jornal *O Rebate*, a “outra fase” eleitoral que se encontravam os republicanos, demonstrando que o momento era de experiências novas, assim como era novo o momento para o qual a República se aproximava. Também se percebe várias denúncias por parte do jornal, tais como, a existência de um poder mandatário oligárquico, exercido por famílias que não queria deixar o poder, bem como a tirania do imperador. Na mesma matéria, o articulista continua a acusar as oligarquias que não queriam deixar o poder e não faziam nada pela Província: “Esmagar sem compaixão a terrível hidra da olygarchia [sic], que pretende fazer-nos subservientes, sem vontade propria, reduzindo esta terra a um triste e miseravel feudo.”⁴⁷ Para os republicanos, o momento era de insegurança nas eleições que se aproximavam, mas também de esperança na política, pois, segundo eles, não caberia mais a tirania das práticas oligárquicas, do final do século XIX.⁴⁸

Sobre a composição social das lojas, na visão de Colussi⁴⁹, elas eram formadas por indivíduos das classes mais abastadas. Esta afirmativa é justificada em razão dos custos que um maçom teria que arcar para com a loja, tais como: mensalidade, contribuir com as obras de caridade da loja, custos de sua vestimenta e ornamentos, publicações de jornais e etc. A autora não nega que os integrantes fossem bacharéis, jornalistas e políticos, pertencentes a altas camadas sociais e com nível escolar elevado. Entretanto, ela enfoca que isto é uma perspectiva geral.

⁴⁶ Jornal **O Rebate**. Recife, n.2, ago. 1878. p.1. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18780820. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Vale lembrar que o nome do jornal recifense *O Rebate* levou o mesmo nome do jornal maçônico português, do final do século XIX: *Rebate*.⁴⁸ Em Portugal, assim como no Brasil, neste período, a Maçonaria teve inspiração liberal, anti-clerical e republicana. Pode-se até mesmo relacionar os maçons republicanos portugueses à sociedade secreta *Carbonária*. Tal sociedade teve participação importante na Revolução Republicana de 5 de outubro de 1910 em Portugal. A informação de que o jornal português *Rebate* foi maçônico está na página da internet. A. M. Gonçalves. **Breve História da Maçonaria em Portugal**. Artigo da internet. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/arnaldoG.html>> acesso em 01/12/2009>. Acesso em: 05 nov. 2008.

⁴⁹ COLUSSI, Eliane Lúcia. **A Maçonaria Brasileira no Século XIX**. São Paulo: Saraiva, 2002. (Que história é essa?). p.30.

Pode-se dizer que o perfil dos maçons, do final do século XIX para o início do XX, foi de homens, na maioria das vezes, com tendência ao republicanismo e ao liberalismo, anticlericais, e letrados. A fotografia de um maçom, a seguir, nos dá uma representação de um deles.



Figura 1: Maçom⁵⁰

A numeração na roupa do maçom, no canto esquerdo da fotografia demonstra que ele era um mestre maçom grau 33, o ponto mais alto da hierarquia do Rito Escocês Antigo e Aceito. Sua pose passa serenidade, solidez, ar solene, identidade e segurança de um passado ético. Suas joias e medalhas evidenciam que era respeitado dentro da Maçonaria. No entanto, as indagações são do presente e “O significado do material visual se modifica; as interpretações diferem através dos limites cronológicos e culturais: aqueles que conhecemos só podem ser sempre aqueles que nós próprios geramos.”⁵¹

Para os republicanos de Pernambuco, a monarquia representava o atraso do país. A figura do Imperador não passava a ideia de protetor da sociedade. No jornal *O Alfinete*,

⁵⁰ [Autor desconhecido]. **Homem não identificado, maçom**. Fotografia, jpg, 954,33 KB. Coleção Francisco Rodrigues - FR-05729. Documento iconográfico em meio eletrônico do acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/jn004807.jpg>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

⁵¹ GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 264.

publicado na cidade do Recife de 1878, pode-se perceber o sentimento de insatisfação pelo poder do imperador quando culpa o sistema monárquico pelo atraso da sociedade.

Meio seculo [sic] de tolerancia ingenua e experiencias amargas, contemplando a acção de deletéria de um poder que inutiliza os melhores talentos, estraga as forças vivas da nação e corrompe os costumes; meio seculo de tanta degradação é sufficiente para convencer ao paiz de que a monarchia é impotente para produzir o bem, e só efficaz para cavar mais fundo ainda o abysmo onde se tem sepultado a sua grandeza e prosperidade.
52

O articulista do jornal *O Alfinete* argumenta que a monarquia, para ele, está impotente e ineficaz e deixa claro que os grupos republicanos desejam um novo sistema político que substitua o poder vigente.

Em outra edição, confirmamos, mais uma vez, a insatisfação dos republicanos com o sistema monárquico, considerado, por eles, como ultrapassado e retrógrado; através da afirmação de que as monarquias eram: “[...] caducas instituições monarchicas [sic], que não podem furtar-se a lei fatal da evolução”.⁵³ Temos assim, a visão, de uma elite letrada, em relação ao governo imperial, que, para ela, representava um retrocesso que deveria ser alterado para um outro sistema político mais avançado.

Alexandre Mansur Barata⁵⁴ diz que grande parte da primeira geração republicana possuiu um contato estreito com a Maçonaria. É difícil localizar qual o papel e o grau de participação da instituição maçônica no advento da Proclamação da República. Segundo Marco Morel e Françoise Souza⁵⁵, a Proclamação não teve a participação direta do Grande Oriente do Brasil, porém contou com a contribuição de civis e militares maçons, bem como a atuação de algumas lojas.

Em Pernambuco, houve uma associação direta dos maçons com o republicanismo no impresso periódico crítico e satírico intitulado *A Marquiza do Linguarudo*. Na obra, um conto tentava representar a confissão de um indivíduo a um padre, lia-se:

⁵² Club Republicano. **O Alfinete**. Recife, n. 8, 1878. p. 1. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18780831. Disponível em: < <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

⁵³ Club Republicano. **O Alfinete**. Recife, n. 8, 1878. p. 1. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18780831. Disponível em: < <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

⁵⁴ BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras**: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Tempo & Memória, n.14). p.138.

⁵⁵ MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O Poder da Maçonaria**: a história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 179.

Pad. – Ajoelhe-se, que estou prompto a confessa-lo.
É rico, ou pobre? É plebeu, ou nobre? É político, ou scepto?
Marq. – [...] Sou patriota, sou republicano marquez!
Pad. – Santo Deus! Credo em cruz! Um republicano aos meus pê!s!
O senhor é pedreiro livre?!
Marq.- Nunca trabalhei de pedreiro, senhor padre!
Pad. – Pedreiro livre quer dizer maçom, maçom quer dizer republicano.⁵⁶

Na confissão do conto acima, o personagem que representa o padre fica assustado com o Marquez que diz ser republicano, uma vez que grande parte dos religiosos do final do século XIX combatiam os republicanos que, por sua vez, ameaçavam acabar com a monarquia. O religioso logo relaciona o Marquez que disse ser republicano a um maçom, pelo fato da Maçonaria está envolvida com as causas liberais e republicanas do período.

Podemos observar, através do trecho citado, que a mentalidade coletiva do período já estava sedimentada com a relação maçom/republicano. As constantes circulações de palavras que afirmam uma determinada notícia faz com que se enraízem conteúdos sociais que passam a fazer parte da psique coletiva.⁵⁷ Diversas evidências de discursos de associação entre republicanismos e maçons se perpetuaram, o que gerou juízos de generalizações.

Na preocupação de não tentar generalizar o traço do perfil dos maçons, Candiá⁵⁸ nos alerta sobre o cuidado que se deve ter ao tentar:

[...] estabelecer relações imediatas entre a agenda política destas lojas com a filiação política de alguns de seus membros, pois a Maçonaria neste período abordou liberais de todas as estirpes, republicanos, positivistas, cientificistas, liberais radicais, [e] liberais conservadores.⁵⁹

Por outro lado, não podemos traçar um perfil do maçom do final do século XIX e nem dizer que eles eram adeptos apenas das alas liberais da sociedade, pois, havia maçons militares, republicanos e até mesmo monarquistas.⁶⁰

O fim da monarquia contou com alguns maçons que aderiram à República, enquanto outros se mantiveram monarquistas. Ainda segundo Eliane Lucia Colussi, a Maçonaria não teve uma única orientação política. Dentro das lojas havia monarquistas e republicanos. A

⁵⁶ A Confissão do Marido da Marqueza. **A Marqueza do Linguarudo**. Recife, ano 2, n.30, 1876. p.3. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE, 18901110. Disponível em:<<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>> Acesso em: 10 nov. 2016.

⁵⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. DIFEL, 2001. p. 43.

⁵⁸ CANDIÁ, Milena Aparecida Almeida. A instrução do povo pelo povo: a maçonaria e o movimento associativista pela expansão da educação popular no Brasil. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundá: Paco Editorial, 2015.

⁵⁹ Ibid., p.155.

⁶⁰ COLUSSI, op. cit., p.31-37.

autora exemplifica as tendências para o republicanismo dos maçons do Rio de Janeiro, no final do século XIX, enquanto que, no Rio Grande do Sul, observou-se o contrário, maçons simpáticos à monarquia.⁶¹

Estar presente na política era uma forma de se fazer influente na sociedade, de fortalecer e de defender as causas maçônicas: progresso, razão, liberdade, igualdade moral e fraternidade.⁶² Para a Maçonaria, a República era a melhor forma de gerenciamento de uma sociedade, em que os interesses individuais deveriam ser valorizados. Nesse sentido, os maçons, ligados às lojas e ao poder local, abriram as portas de acesso ao poder judiciário, e, como isso, enfraqueceram a força de antigos coronéis do Império.⁶³

Célia Azevedo⁶⁴ relata que era difícil encontrar um político “dos anos iniciais da República, que não tivesse em algum momento de sua vida se filiado a uma loja maçônica”. Assim, havia maçons presentes na política e nas muitas lojas espalhadas pelo território nacional, funcionando como uma malha de informações e influências. Este tipo de organização fortaleceu o poder político dos maçons.

Ao final do século XIX, em São Paulo, por exemplo, era comum que as lojas possuíssem redes de clientela entre seus pares. Os maçons estabeleciam relações de poder e interesse, para ajuda mútua entre aqueles que tinham metas de aumentar sua influência política e econômica por meio de critérios de amizade, parentesco, fidelidade e honra.⁶⁵

Às vésperas do século XX, a Maçonaria se torna influente politicamente. Dos 77 senadores vitalícios das seis principais províncias do Império, incluindo a província de Pernambuco, houve um percentual aproximado de 21% de maçons.⁶⁶ E, Deodoro, após a implantação da República, constituiu um ministério formado só por maçons. Dentre os 12 presidentes da primeira República, 8 foram maçons.⁶⁷

Com maçons influentes na política das principais províncias, representados por uma categoria letrada, em um momento laico favorável, foi possível, então, um fortalecimento da instituição. Nesse sentido, as lojas maçônicas, durante este mesmo período, passaram por um

⁶¹ Ibidem.

⁶² MOREL; SOUZA, 2008, p.46.

⁶³ Ibid., p.183.

⁶⁴ AZEVEDO, Célia Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. Revista **USP**. São Paulo, n.32, p.178-189, dez-fev, 1996-97.

⁶⁵ RIBEIRO, Luaê Carregari Carneiro. A Maçonaria e a Formação do Partido Republicano Paulista. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundá: Paco Editorial, 2015. p.127.

⁶⁶ BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Tempo & Memória, n.14). p.138.

⁶⁷ MOREL; SOUZA, 2008, p.181.

processo de expansão, ou, como Alexandre Barata⁶⁸ chamou: um processo de *nacionalização*. No período republicano, as lojas passaram a se espalhar pelo restante do território nacional em uma importante fase de fortalecimento da instituição, passando a crescer em: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. Isso causou apreensão das alas conservadoras, ligadas à igreja.

Augusto Silva⁶⁹ diz que Pernambuco também sofreu os efeitos de um crescimento do número de lojas maçônicas pelo interior do Estado, onde quatro lojas que haviam desaparecido foram reerguidas: *Segredo e Amor da Ordem, Seis de Março de 1817, Luzeiro da Verdade e Restauração Pernambucana*.

A expansão das lojas, dentro do Estado, deu-se em cidades próximas da Capital. Elas se instalaram na Região Metropolitana, Zona da Mata e Agreste, pois essas áreas eram mais bem desenvolvidas economicamente e demograficamente. Após a fase de expansão, a Maçonaria pernambucana manteve o número de lojas, que não diminuíram seus números até o início do século XX.⁷⁰ Poderia-se pensar que tal expansão fosse uma resposta ou reação maçônica proposital ao ultramontanismo da Igreja.

Durante a fase de expansão das lojas maçônicas, ocorreu uma cisão, em 1863, dentro da potência maçônica Nacional: o *Grande Oriente do Brasil* – GOB. O Grande Oriente do Brasil foi desmembrado em dois: Grande Oriente da Rua do Lavradio e Grande Oriente da Rua dos Beneditinos. O GOB dos Beneditinos representou o republicanismo e teve como grão mestre⁷¹ Saldanha Marinho. Já o GOB do Lavradio teve como grão-mestre o Visconde do Rio Branco que foi, no período, o presidente do Conselho de Ministros do Partido Conservador. Dessa forma, o número de lojas criadas entre 1870 e 1880 estava ligado ao Grande Oriente do Brasil do Vale dos Beneditinos, que, por sua vez, não apoiava o governo imperial. Enquanto que o Grande Oriente do Brasil da Rua do Lavradio era favorável ao imperador. Podem ser considerados como motivos da cisão: as divergências de projetos políticos e ideológicos entre

⁶⁸ BARATA, Alexandre Mansur. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). Revista **Locus**. v. 1, n. 1, p.125-141, 1995. Disponível em: <<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2223/1576>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

⁶⁹ SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal: Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em História). 2007. UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007. p.68.

⁷⁰ SILVA, Augusto. 2007, p. 71.

⁷¹ Grão-mestre é o chefe ou líder de uma loja maçônica. Cf., LIMA, Tânia Andrade; SILVA, Marília Nogueira. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 8-9. p. 9-54, 2003.p. 9-54.

as duas potências. O conflito entre as lojas maçônicas só termina em 1883, porém houve outra cisão entre as duas potências em 1872 pelos mesmos motivos.⁷²

No trecho do jornal *O Americano*, a seguir, ficou registrado a observação de um passante que notou uma das casas sedes da Maçonaria da capital do Império, identificada por um dos símbolos que estava na fachada do prédio.

Na corte do Rio de Janeiro, onde, de passagem se diga, ha pouco escrupulo para tudo, existe uma magnifica caza na rua do Lavradio em cuja fachada se vê uma águia agarrando com as unhas uma espada, e em vista deste emblema maçonico, todos sabem que ali é o lugar das reuniões.⁷³

Pelo relato, nota-se que a presença maçônica na Rua do Lavradio não agradou o passante que transitou pela via. O relato refere-se à sede do Grande Oriente da Rua do Lavradio que teve postura política favorável ao imperador.

Morel e Jean Françoise Souza⁷⁴ apontam a existência de cinco Grandes Orientes durante o período imperial brasileiro no Rio de Janeiro. Estes Grandes Orientes não tiveram legitimidade junto à loja do Grande Oriente do Brasil, porém devem ser relatadas suas existências.

A loja matriz da Maçonaria que vem sendo mais mencionada entre historiadores e pesquisadores maçons é o Grande Oriente do Brasil. Fundado em junho de 1822 e fechado alguns meses depois (sem motivo aparente para os pesquisadores). Esse teve como grão-mestre José Bonifácio. Isso não significa dizer que, antes de 1822, não havia lojas instaladas no território brasileiro, apenas não houve uma loja centralizadora da instituição. O motivo do fechamento da instituição se dá por vontade de D. Pedro I⁷⁵, entretanto a loja reabre seus trabalhos em 1831, novamente sob o comando de José Bonifácio, após a abdicação de D. Pedro I.

Vale ressaltar que as lojas maçônicas, na ocasião de suas fundações no Brasil, não estavam subordinadas apenas a uma matriz maçônica internacional. Existem evidências da

⁷² RIBEIRO, Luaê Carregari Carneiro. A Maçonaria e a Formação do Partido Republicano Paulista. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundá: Paco Editorial, 2015. p.104-107.

⁷³ Maçonaria Portuguesa. **O Americano**. Recife. ano 1, nº 21, jul, 1866. p.2. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE. 18660721. Disponível em: < <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

⁷⁴ MOREL; SOUZA, op. cit.

⁷⁵ D. Pedro I foi iniciado maçom. Já D. Pedro II não aderiu à instituição maçônica.

relação de lojas, do século XIX, subordinadas ao Grande Oriente de Portugal, da França e até da Inglaterra.⁷⁶

A criação do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, que se desmembrou do Grande Oriente do Brasil em 1893, teve motivos interessantes. No Rio Grande, as ideias republicanas, no final do XIX, ficaram amarradas e não tiveram aceitação entre a aristocracia rural, representada pelo partido rival dos republicanos locais. Tal aristocracia estava ligada à Maçonaria e, por sua vez, ao Grande Oriente do Brasil. Contudo, o líder do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, como estratégia política, funda o Grande Oriente do Rio Grande do Sul, em meio a uma guerra civil, para desarticular o partido rival através do Grande Oriente do Brasil.⁷⁷ Dessa forma, o rompimento riograndense com o Grande Oriente do Brasil pode ser encarada como estratégia política para enfraquecer indivíduos ligados ao GOB com intenções de tomar o poder no Rio Grande do Sul.

Em Pernambuco, Augusto Silva⁷⁸ nos fala que houve ainda uma cisão regional da Maçonaria que durou cinco anos. Trata-se da formação do Grande Oriente ao Norte do Brasil, em 1884. Essa foi uma das primeiras formas de regionalização da Maçonaria, com o intuito de descentralizar o poder maçônico regionalizando-o, uma vez que estava centrado no Distrito Federal.

Nesse sentido, os vários conflitos entre as lojas maçônicas e o surgimento de novas matrizes só evidenciam a falta de homogeneidade da instituição, que, ao longo de sua história, passou por alguns desentendimentos internos. Isso se deu pelo fato de existir uma composição plural e, muitas vezes, divergente das lojas e indivíduos com motivações igualmente plurais. Mas, o fato da Maçonaria ter sofrido fragmentações ao longo do período, não invalida as suas causas e os valores nacionais que defendeu, nem o fortalecimento que a instituição ganhou no final do século XIX.

A hostilidade e as brigas entre a Maçonaria e a Igreja Católica se deram muito antes do final do século XIX, em terras distantes. Não é nosso intuito buscar os primeiros conflitos das duas instituições, porém existem alguns embates e fatos que influenciaram as ações de ambos durante nosso período de estudo e, por isso, vamos mencioná-los.

Foi o papa Clemente XII, em 1738, quem escreveu a *Bula In eminenti apostolatus specula*. Um documento condenatório à Maçonaria. Tal documento foi sancionado há apenas

⁷⁶ MOREL; SOUZA, op. cit., p.69.

⁷⁷ SCHMIDT, Guilherme Cesar Temp. **Revista o Delta**: ideias e voz da maçonaria gaúcha (1916-1927). Dissertação (Mestrado em História). UPF/IFCH/PPGH, Passo Fundo, p.39-40, 2006.

⁷⁸ SILVA, Augusto. 2007, p.43.

21 anos, depois que a instituição maçônica surgiu em sua fase moderna, ou seja, parecida com os moldes das lojas atuais.⁷⁹ Pouco tempo depois, o papa Bento XIV lança mais uma condenação com a *Bula Providas Romanorum Pontificum*.

Para a Igreja, a Maçonaria exercia um poder atrativo entre setores importantes da sociedade, que, dentro das lojas, poderiam articular-se com ideias modernas, tais como o racionalismo, a tolerância religiosa, ou o regalismo. Nesta lógica, desde o século XVIII, a instituição maçônica representou um perigo para a religião católica.⁸⁰

No trecho do jornal *O Americano*, percebemos a insatisfação do articulista com o segredo maçônico: “Rasgue-se esse véo [sic], que encobre as reuniões maçônicas, e diga-se o que nellas se faz de util em proveito do publico e das liberdades?!”⁸¹. No trecho citado, há um interesse em desvendar o segredo das lojas maçônicas por parte do impresso. Nesta lógica, para os católicos, o caráter honesto estaria relacionado ao que está às claras, em que não há nada a se temer. Já algo que se faz escondido, dá margem à desconfiança.

Outros documentos papais se seguiram, condenando os maçons: (i) *Constituição Apostólica Ecclesiam a lesu Christo* do Papa Pio VII, em 1821; (ii) *Constituição Apostólica Quo graviora* do papa Leão XII, em 1825; (iii) 350 intervenções pontifícias contra a Maçonaria (*encíclica Humanum Genus* de Leão XIII teoria conspiratória), escritas entre os papas Pio IX e Leão XIII, de 1846 a 1903 (*encíclica Humanum Genus* de Leão XIII teoria conspiratória).⁸²

De acordo com Costa⁸³, a razão para tais condenações não estava apenas no fato de serem secretas, mas por defenderem o fim das monarquias e do poder temporal dos papas. Pio IX chegou a responsabilizar os carbonários e os maçons da Itália por maquinarem pela unificação italiana e pela queda da monarquia naquele país. Sendo assim, os papas, ao longo do século XVIII até o início do XX, declararam a incompatibilidade entre as duas instituições, publicando, na imprensa, o caráter subversivo dos maçons que, segundo tais autoridades eclesiásticas, queriam destruir os Estados.

⁷⁹ MONTEIRO, Fernando; SILVA, Cláudia Neves da. A Cruz e o Compasso: Uma intrincada relação histórica. **Publ. UEPG Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts**, Ponta Grossa, 19 (1), p.19-31, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas>>. Acesso em: 11 fev. 2016. p.20.

⁸⁰ BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras**: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Tempo & Memória, n.14). p.31.

⁸¹ **O Americano**. Recife. ano 1, n° 21, jul, 1866. p.2. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE. 18660721. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

⁸² BENIMELI, Ferrer; ANTÔNIO, José. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Paulus, 1998. p.23-24.

⁸³ COSTA, Luiz Mário Ferreira. **A Antimaçonaria Desvendada**: conspirações, pactos satânicos e comunismo. Curitiba: Editora Prisma, 2016. p.46.

No trecho do Jornal *O Americano* do Recife, podemos observar a repercussão que o discurso do papa Pio IX teve sobre os católicos da cidade:

Por este systema longe de se acautelarem as liberdades publicas, parece, que a maçonaria prestar-se-hia antes a conspirar contra ellas [...]
Não é portanto o vão receio, ou o medo do terrivel minotauro da reacção que aconselhou o piedoso Pontifice a fulminar a seita maçônica. Foi sim a cura e zelo pelo bem das almas.
E nem era possivel, que um Pontifice da illustração, e mesmo santidade, de Pio IX, deixasse em sua constante solitudine pela Igreja confiada á sua guarda de prover sobre a necessidade de fazer arredar as almas incautas de uma seita pagãa, e evidentemente pernicioza aos chistãos.⁸⁴

O autor, que não assinou a matéria, apoia-se no documento pontifício condenatório à Maçonaria de Pio IX, para evidencia o caráter conspirador da ordem. E, aproveita para acrescentar a argumentação de que o pontífice condenou a instituição “pelo bem das almas”. Ainda no trecho do impresso acima, percebe-se que o discurso do Papa Pio IX ganhou outros lugares de atividade, deixando de ser um discurso de um indivíduo para fazer parte de um discurso coletivo. Os intelectuais católicos o reproduziram, a fim de lutar contra a Maçonaria revolucionária, “perniciosa aos cristãos”.

Em carta solene, o papa Leão XIII alerta sobre o perigo que a Maçonaria significa para a sociedade:

Nós desejamos que o vosso primeiro ato seja arrancar a máscara da Maçonaria, e deixar que ela seja vista como realmente é; e por sermões e cartas pastorais instruir o povo quanto aos artifícios usado pelas sociedades deste tipo para seduzir os homens e persuadi-los a entrar em suas fileiras, e quanto à perversidade de suas ações e à maldade de seus atos. Como Nossos predecessores por muitas vezes repetiram, que nenhum homem pense que ele possa por qualquer razão que seja ajuntar-se à seita maçônica, se ele dá valor ao seu nome Católico e à sua salvação eterna como ele deveria valorizá-los. Que nenhum seja enganado por uma pretensão de honestidade. Pode parecer a alguns que os Maçons não exigem nada que seja abertamente contrário à religião e à moral; mas, como todo princípio e objetivo da seita está naquilo que é vicioso e criminoso, ajuntar-se com estes homens ou em algum modo ajudá-los não pode ser legítimo.⁸⁵

De acordo com o pontífice, ao seguir os conselhos de antigos papas e dos planos ultramontanos da Santa Sé, os católicos tinham a tarefa de alertar o povo contra a perigosa

⁸⁴ **O Americano**. Recife. ano 1, nº 21, jul, 1866. p.2. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE. 18660721. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

⁸⁵ Leão XIII. **Carta Encíclica Humanum Genus**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html>. Acesso em: 16 set. 2016.

“seita criminosa e não legítima” que era a Maçonaria, para que ninguém fosse enganado pelos maçons, e dessa forma, pudessem ser salvos pela pureza da religião católica. Assim, não eram apenas os sistemas políticos monárquicos que corriam riscos, mas também a fé cristã - pensavam os intelectuais católicos.

Existiu outro ponto que preocupou a cristandade do período: a relação entre Maçonaria e o pensamento ilustrado, que era bastante estreito no período. Barata⁸⁶ defende a tese de que os maçons, herdeiros das atividades liberais ocorridas na França do século XVIII, foram os precursores no Brasil dos ideais liberais e das filosofias da ilustração. Nessa lógica, o pensamento ilustrado maçônico ocorrido no Brasil foi fundamental para que ocorressem os movimentos emancipacionistas no território brasileiro, que passaram a questionar o antigo “Pacto Colonial”.

Como foi dito inicialmente, muitos dos maçons brasileiros eram instruídos sobre a ordem e sobre o pensamento liberal em Portugal⁸⁷, pois era lá que os estudantes terminavam seus estudos e acabavam tendo contato com as novas correntes filosóficas modernas. Neste sentido, pode-se indicar que uma parte dos universitários brasileiros voltavam, para casa, formados, maçons e cheios de ideias liberais.⁸⁸ Enquanto o clero católico se fragilizava com a laicização, a Maçonaria se fortalecia com indivíduos formados em solo europeu. E, geralmente, tornavam-se futuros membros da Maçonaria.

Luiz Mario Ferreira Costa⁸⁹ acrescenta que as relações entre os maçons e a igreja ficaram ainda mais delicadas devido a várias literaturas antimaçônicas que circularam em várias partes do mundo, dando a ideia de que a Maçonaria é uma instituição satânica. Na França, as obras dos abades Lefranc “*O Véu levantado pelos curiosos ou os segredos da revolução revelados com a ajuda da Franco-Maçonaria*” e Augustin Barruel “*Memórias para servir à história do jacobinismo*” permearam o imaginário francês do século XVIII. Para os abades, a Maçonaria foi responsável por armar complôs contra monarquias e religiões. Reforçaram a ideia de uma Maçonaria jacobina, revolucionária, atemorizando seus leitores. Em Portugal, as literaturas antimaçônicas foram absorvidas e o maçom se transformou em

⁸⁶ BARATA, 1999, p.31-58.

⁸⁷ Segundo Barata, a política pombalina que se fez em Portugal significou a base para a difusão das ideias ilustradas no país. A secularização foi gradativa, o que enfraqueceu a Igreja e fez com que as academias intelectuais e científicas intensificassem seus trabalhos no país. Estes fatos se ligam à formação de uma elite intelectual liberal brasileira formada em Portugal; e à expulsão da ordem dos jesuítas das terras lusas (inimigos declarados dos maçons), onde muitos deles chegaram ao Brasil para implementar o projeto de Restauração Católica. BARATA, 1999, p. 55-56.

⁸⁸ CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros**: discurso e práxis dos seus programas. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.9.

⁸⁹ COSTA, Luiz. 2016, passim.

sinônimo de jacobino, partidário e traidor. Nesse sentido, as terras lusas também desenvolveram teses de literaturas antimaçônicas.⁹⁰

No Brasil, o intelectual católico Gustavo Barroso escreveu diversas obras antimaçônicas durante a primeira metade do século XX. Gustavo Barroso, que além de ter sido escritor e jornalista, foi um dos líderes integralistas, católico e antisemita extremado, ajudou a pintar o quadro de alerta contra o judeu e o maçom. Fez isso quando traduziu a seguinte obra: *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, estereotipando a religião hebraica e a Maçonaria.⁹¹ A seguir temos um trecho da obra.

Mas, esperando nosso advento, criaremos e multiplicaremos, pelo contrário, as lojas maçônicas em todos os países do mundo, atraindo para elas todos os que são ou possam ser agentes proeminentes. Essas lojas formarão nosso principal aparelho de informações e o meio mais influente de nossa atividade. Centralizaremos todas essas lojas em uma administração que somente nós conheceremos, composta pelos nossos Sábios. As lojas terão seu representante, atrás do qual estará escondida a administração de que falamos, e será esse representante quem dará a palavra de ordem e o programa. Formaremos nessas lojas o núcleo de todos os elementos revolucionários e liberais. Elas serão compostas por homens de todas as camadas sociais. Os mais secretos projetos políticos ser-nos-ão concedidos e cairão sob a nossa direção no próprio momento em que apareçam.⁹²

No trecho da obra “*Os Protocolos dos Sábios de Sião*”, percebe-se um projeto judaico/maçônico de conspiração para que os judeus atingissem a dominação mundial, usando como instrumento as lojas maçônicas. Tal obra foi traduzida do russo para vários idiomas. No entanto, foi-se descoberto que a referida obra tratava-se de uma farsa, com o intuito de incriminar a religião judaica e a Maçonaria de conspiração contra os Estados. Ela foi escrita de uma forma que transmitia a ideia de que um judeu maçom conspirava contra a ordem mundial.⁹³

O fato dos maçons se reunirem em segredo pode ter despertado estranheza nos setores católicos. Tomando o secreto como investigação sociológica, percebe-se a relação indissociável de tentá-lo quebrar: “ao mesmo tempo em que se cria uma barreira entre os

⁹⁰ COSTA, Luiz. 2016, p.58.

⁹¹ OLIVEIRA, Carmem Lopes. **A Maçonaria em Pernambuco: Ideias, ações e perseguições no contexto da crise liberal (1930–1945)**. 2008. 43p. Monografia (Licenciatura em História) UFRPE/DLCH, Recife, 2008. p.27.

⁹² BARROSO, Gustavo. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1958. p.142.

⁹³ Gustavo Barroso escreveu outros títulos contra a Maçonaria, o comunismo e o judaísmo, tais como: *A Sinagoga Paulista; História Secreta do Brasil; Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Cf., SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940**. (Doutorado em História). UFPE/CFCH, Recife, 2013. p.104.

homens, incita-os à tentação de rompê-la”.⁹⁴ Nesta lógica, os maçons se reuniam em segredo, enquanto que alguns católicos agiam na tentativa de desmascarar a Maçonaria.

Nas reflexões de Girardet⁹⁵, o imaginário negativo que foi sendo construído em torno da instituição Maçônica ao longo da história pode ser chamado de “mito político”. Segundo ele, o mito político deforma o real, porém, exerce a capacidade de explicar o que está se passando com o presente. Assim, o imaginário negativo em torno da Maçonaria, ou o mito, foi alimentado por um conjunto favorável de condições sociais e também contou com uma alteração da realidade, muito ajudada pelo clero, sobre o que faz e o que é a ordem dos maçons.

Augusto Silva⁹⁶ nos fala que a loja pernambucana *Mensageiros do Bem* tentou afastar a associação dos maçons com comunistas e judeus das matérias do periódico da loja: *O Mensageiro*. Segundo ele, a loja, que fora aliada do liberalismo, tentava se dissociar das acusações que lhe rendeu o fechamento em 1937, com a ditadura do Estado Novo. Regime que fechou muitas lojas, não apenas em Pernambuco, mas em todo o país.

Assim como Gustavo Barroso trabalhou a favor das ideologias da Igreja, outros intelectuais católicos também agiram em favor das causas da Santa Sé. As ações e discursos destes intelectuais foram absorvidos pela sociedade com um sentido de verdade. Nesta lógica, concordamos com Michel Foucault, quando disse que:

[...] o que deve se levar em consideração no intelectual não é, portanto, ‘o portador de valores universais’, ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdades em nossa sociedade.⁹⁷

Estes intelectuais católicos representavam um poder na sociedade, e seus discursos antimaçônicos divulgavam para a sociedade uma imagem negativa dos maçons que soava como verdadeira. Eles eram intitulados de anti-religiosos e revolucionários.⁹⁸ Dessa forma, a verdade divulgada pelos intelectuais católicos atingia o público, que preferia acreditar em “corretos homens de Deus” a “misteriosos maçons de má fama”.

⁹⁴ BARATA, 1999. p.46.

⁹⁵ GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 13.

⁹⁶ SILVA, Augusto. 2013, p.96.

⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p.13.

⁹⁸ Por intelectual católico, podemos tomar um indivíduo letrado, engajado politicamente, defensor de um Estado forte, que rejeitava a democracia e tinha relações estreitas com a Igreja. Cf., MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937)**. Recife: PCR, 2012. p. 47-50.

As representações⁹⁹ coletivas negativas que a Maçonaria sofreu, tais como associações a “seita criminosa e não legítima”, comunistas, judias ou revolucionárias destruidoras dos Estados, possibilita-nos entender um tipo de classificação de um grupo sobre outro. O poder católico proferiu discursos não neutros, tendendo à autoridade para suas estratégias. Tais representações, que foram historicamente determinadas, fizeram surgir interpretações canalizadas para a imagem do comunista, judeu, ou revolucionário jacobino. Podemos traçar uma imagem da Maçonaria que a Igreja construiu para si, no final do século XIX: generalizante, ameaçadora, adoradora do credo vermelho, anticlerical, seita criminosa e não legítima. Esse foi o desenho que se reproduziu nas literaturas antimaçônicas sob a autoria dos intelectuais católicos.¹⁰⁰

Assim, a ala da Igreja Católica, que se preocupou com a queda dos governos monarquistas e da filosofia conservadora, denunciava a suposta conspiração maçônica, com discursos negativos e estereotipados contra os maçons. Os intelectuais católicos, seguindo o ultramontanismo, reproduziram tais discursos que se enraizou no imaginário coletivo. Reforçar tais discursos antimaçônicos era estratégia de luta e de sobrevivência da cristandade. Esses intelectuais agiram em favor da permanência das monarquias e contra o laicização, que, segundo eles, poderia ameaçar os Estados monárquicos e, por conseguinte, a religião católica.

As representações, que ambas as instituições construíram, fizeram crescer uma intolerância que se refletiu nos discursos produzidos, bem como nas ações das duas alas. Podemos dizer que o ápice dos conflitos entre as duas instituições ficou oficialmente marcado com o episódio da *Questão Religiosa* que repercutiu numa escala nacional os problemas entre o clero católico e a Maçonaria. Rever este tema é de fundamental importância para ajudar a compreender as relações de conflito entre as duas instituições que se seguiram no início do século XX, e para visualizar como as ações do clero estavam relacionadas com os projetos internacionais da Igreja.

1.3 A Igreja em um Estado Laicizado.

Os projetos da Santa Sé estiveram relacionados ao ultramontanismo que se caracterizou pela tomada de uma série de medidas contra as novas tendências políticas da

⁹⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. DIFEL, 2001. p.17.

¹⁰⁰ A diante também observaremos outras representações que os maçons fizeram dos intelectuais católicos e clero.

modernidade mundial, durante o século XIX. Uns dos principais esforços do clero para atingir seus objetivos foi o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais e a definição dos grupos ameaçadores para a Igreja como a Maçonaria, protestantismo, liberalismo, e socialismo.¹⁰¹ Esta posição de reação da Igreja pode ser observada em alguns documentos pontifícios publicados ao longo do século XIX. Sobre as sociedades secretas, por exemplo, a bula *Syllabus Errorum* de 1864 identifica negativamente a Maçonaria, quando Pio IX a nomeou de “peste”, junto com outros grupos que a Igreja acreditava ser de grande ameaça.¹⁰²

Percebe-se que antes mesmo da Questão Religiosa a Igreja já agia em função de se articular sobre os temas de seus interesses dentro do seu plano ultramontano, e dentre eles, combater a Maçonaria. Não faltaram tentativas da Santa Sé de reunir seus bispos em uma Conferência no Brasil, para juntos afinarem seus discursos e traçarem as metas das novas medidas ultramontanas. No entanto, o desejo da Igreja de um Sínodo Provincial jamais se realizou, em função das grandes distâncias em que se encontravam os prelados; e das dificuldades burocráticas impostas pelo Estado, o que dificultou o encontro dos pontífices.¹⁰³ Este fato só veio a agravar a delicada relação entre a Igreja e o Estado brasileiro. Fato que se agravaria ainda mais quando ocorresse a Questão Religiosa.

A Questão Religiosa teve início em 1872, quando Dom Vital bispo de Olinda, junto com o bispo do Pará, Dom Macedo Costa, influenciados pelo ultramontanismo, determinaram que as Irmandades católicas excluíssem seus membros que também pertencessem à Maçonaria. Muitas delas desobedeceram ao bispo e Dom Vital lançou interdito canônico contra as irmandades ligadas a Maçonaria. O governo imperial, não aprovou a atitude dos religiosos e convocou os bispos ao Rio de Janeiro para serem julgados, e conseqüentemente, condenados a quatro anos de prisão. Tais fatos são relevantes, pois servem para ilustrar em que medida estava o termômetro do conflito entre o clero e a Maçonaria numa escala nacional.

Segundo Marco Morel e Françoise Souza, não houve no Brasil, até o embate da Questão Religiosa, incompatibilidades entre as duas instituições, apesar das publicações de documentos clericais terem circulado muito antes da Questão Religiosa e da Igreja ter implementado seu projeto ultramontano. Isto é comprovado pelo fato de que, na primeira

¹⁰¹ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência**: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 161.

¹⁰² Pio IX. **Bula Syllabus Errorum**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹⁰³ SANTIROCCHI, 2015. p. 231.

metade do século XIX, muitos padres frequentaram lojas maçônicas, sendo, ao mesmo tempo, padres e maçons. Até agora, não se tem um número exato de quanto do clero fez parte da Maçonaria nacional.¹⁰⁴ Até o episódio da Questão Religiosa, pode-se dizer que a relação entre as instituições era delicada.

Um jornal que se dizia liberal de Fortaleza, trazendo notícias de outros estados, relata a morte do padre e maçom que aconteceu no Pará: “Hontem [sic] pela uma hora da tarde, mais ou menos, falleceu o distincto Sr. padre Euthychio Pereira da Rocha....Era delegado do Grande Oriente Unido, cargo que exerceu com elogios de toda a maçonaria.”¹⁰⁵ Nota-se que o padre foi frequentador de sua paróquia e da loja Maçônica, hábito considerado comum para a época. A matéria continuou de forma longa, descrevendo com detalhes o velório do padre que aconteceu dentro da própria loja, bem como o pesar que a morte do padre, proporcionou para a sociedade secreta do Pará.

Em Pernambuco, o fato de haver padres dentro da Maçonaria não deve ter agradado ao bispo de Olinda. Esse, quando chegou à Província, foi advertido por seus pares de que as irmandades religiosas continham padres maçons. No relato de Ramos de Oliveira¹⁰⁶, podemos perceber como atuou o bispo de Olinda sobre os padres apontados como pertencentes à maçonaria.

Começou D. Vital sua ação pastoral. Chamou à sua presença, um a um, os sacerdotes maçons e, com lógica brandura, mostrando-lhes as bulas de Clemente XII, de Bento XIII, de Gregório XVI e de Pio IX, que por motivos óbvios e históricos condenara a seita, prostrando-se entre lágrimas aos pés dos mesmos, rogou-lhes que abjurassem. Só dois não abjuraram e foram suspensos.

O conflito que antes girava em torno da esfera Maçonaria/Igreja, após o imperador manda prender os bispos, passa para a questão Estado/Igreja. As alas intelectuais e conservadoras, e logo, simpatizantes ao clero, apoiaram a Igreja no embate com Estado, argumentando que Estado e Igreja são unas e como tais não deveriam divergir. É o que se pode observar nas linhas do jornal *O Conservador* que se posicionou sobre a atitude do governo no conflito episcopal: “O governo não podia e não deve perder de vista que a união

¹⁰⁴ MOREL; SOUZA, 2008, p.155-156.

¹⁰⁵ Revistas das Províncias. **Jornal Gazeta do Norte**. Fortaleza. Ano 1, nº 72, set, 1880. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103950&pasta=ano%20188&pesq=ma%C3%A7onaria>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Ramos de. **O Conflito Maçônico-Religioso de 1872**. Petrópolis: Vozes, 1952. p.85.

da Igreja e do Estado é um preceito constitucional, cuja revogação, [...] seria uma grande calamidade no estado de nossos costumes.¹⁰⁷

Nas palavras do autor conservador acima, vê-se que ele se utiliza da justificativa do padroado para protestar a atitude do imperador contra os bispos. Insatisfeitos com a postura do Estado, o jornal argumenta juridicamente pela causa do bispo, referindo-se a Constituição que não estava sendo seguida. Ainda segundo o jornal, ao não seguir o padroado, a sociedade sofria ficando com seus costumes ameaçados.

Além de proibir a participação dos padres das irmandades de pertencerem à Maçonaria, o bispo D. Vital também proibiu a missa de sétimo dia para finados maçons, pois para o clero, maçons e “os seus membros, como excomungados, estão fora da comunhão religiosa, e, por conseguinte privados de seus sacramentos, de suas graças de suas indulgências e suffragios.”¹⁰⁸ Podemos perceber que a representação negativa dos maçons fez com que o clero privasse os membros da Maçonaria dos sacramentos comuns dados aos finados. Para as autoridades da Igreja de Pernambuco do período, apenas pessoas cristãs mereciam ter o direito de uma missa de sétimo dia. No entanto, como os maçons eram tidos como “seita satânica” não poderiam ser contemplados com as graças cristãs.

Outro caso, envolvendo um enterro de um maçom e D. Vital, foi motivo de polêmica na cidade. A controvérsia teve início quando uma família do Recife sofreu pela morte de um jovem de 14 anos, filho de um velho maçom grau 33. A família, então, marcou a missa na Igreja matriz do Corpo Santo e convidou seus amigos e parentes para velar o corpo de jovem garoto. Até aí nenhum empecilho por parte do bispo para com a missa marcada. Porém, a loja maçônica da família, ao anunciar publicamente na imprensa o convite para que seus membros comparecerem a missa, provocou uma reação negativa por parte de D. Vital. Esse, voltando atrás, proibiu a cerimônia. A Igreja interpretou que tal atitude, por parte da loja, era uma provocação e que os maçons queriam tomar parte dos ofícios da igreja.¹⁰⁹

Na representação – desenho de gravura – da *América Ilustrada*, feita poucos anos após o caso com o bispo D. Vital, temos um capelão sendo expulso com um pontapé, o que remete ao desprestígio pelo qual passavam o clero no período.

¹⁰⁷ A política do governo no conflicto episcopal. **O Conservador**. Província de Santa Catarina, 1875. ano 4, p.2. Jornal do Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional, Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/767670/per767670_1875_00204.pdf> Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁰⁸ Duas Palavras. In: **A Igreja Católica o Bispo de Olinda e a Maçonaria**. Recife, 1898. p. 5-6. Livro. Arquivo da Província Nossa Sr^a da Penha do NE do Brasil, dos Frades Capuchinhos.

¹⁰⁹ *Ibidem.*, p.5-6.



Figura 2: Padre chutado¹¹⁰

Também percebemos igual descrédito no bispo D. Vital por parte do jornal *O Alfinete*. Um tabloide que se considerava ilustrado, político, crítico, científico, noticioso, chistoso, e, irreverentemente, dizia que suas páginas eram “Para fazer chorar, pular, rir, enjoar”. Tal periódico do Recife de 1878, em ocasião da morte de frei Dom Vital, satiriza sua pessoa demonstrando o momento de intolerância para com a Igreja Católica. “Foram tantos os males originados pela sua intolerancia, [sic] e pelo jesuitismo, do qual foi um instrumento dócil, que é mister que sobre seu cadáver applicemos uma alfinetada”¹¹¹. Acima, o jornal fala de D. Vital sem nenhuma estima, afirmando que este trouxera males para a sociedade. O artigo também fala sobre o jesuitismo que em Pernambuco considerou a Maçonaria como inimiga.

A imagem dos religiosos no final do século XIX, também foi representada nas páginas da *Revista Ilustrada* do Recife de forma caricata e ofensiva. Na edição de 1879, a revista compara a imagem dos padres com camelos e asnos, e os discursos dos mesmos como sendo “asneiras”.

¹¹⁰ Revista **America Ilustrada**. n. 27, 1879. p.4. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18790713 – Recife, Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX&PagFis=7462>> Acesso em, 15 nov. 2015.

¹¹¹ Amorte de Frei Vital. **O Alfinete**, Recife, n.1, 1878. p.2. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18780713. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 15 nov. 2015.



Figura 3: Padre como asno ¹¹²

As comparações dos religiosos nas charges com asnos e de seus discursos com asneiras evidenciam o grau de intolerância pelo qual passaram os clérigos, no final do século XIX, com a ascensão do liberalismo, o processo de secularização¹¹³ e também com resultado da Questão Religiosa, que deu um parecer desfavorável para o clero católico. Tal imagem caricata do clero foi muito explorada pelos jornais liberais e republicanos do período, através de uma imprensa ilustrada que não poupou nem mesmo os poderosos. Percebemos, com tais imagens, que não apenas os maçons, no final do século XIX, foram alvo de representações depreciativas, mas também os religiosos também tiveram representações construídas por não simpatizantes do clero, com objetivos de desprestigiar esses perante a sociedade.

Os bispos sabiam que o liberalismo anunciava novos tempos e tinha ocupado as cadeiras do governo. Foi o que escreveu o bispo do Pará D. Macedo Costa, ao expressar sua decepção com o Estado em 1874.

¹¹² Revista **América Ilustrada**, Recife, n. 26, jul. 1879. p.4. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18790706. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

¹¹³ Para Carlos André de Moura (2015), o termo *secularização* compreende a “[...] um processo de longa duração, em que são estabelecidas as normas para se reestruturar o universo religioso e a retirada do controle social do poder eclesiástico. Vista a partir de uma composição global, a secularização colaborou para a ruptura da homogeneidade social estabelecida pelo poder eclesiástico, valorizando, assim, a liberdade individual em meio à sociedade contemporânea” (AZEVEDO *apud* MOURA, 2015, p.26).

De um lado o catolicismo verdadeiro, [...] do outro, um catolicismo bastardo, apoiando-se no governo e na maçonaria. De um lado, a religião segundo o Evangelho e a lei eterna de Deus; do outro lado, uma religião segundo as constituições e as leis mutáveis dos homens. De um lado, a consciência católica reclamando para si o direito de crer livremente na Igreja de Jesus Cristo e obedecer-lhe; do outro lado, o regalismo despótico, declarando que é um crime crer na Igreja e obedecer-lhe, sem o beneplácito de César.¹¹⁴

D. Macedo, acima, narra a sua percepção sobre a nova realidade que se apresentava para a Igreja Católica. Para ele, a sociedade estava dividida entre: um lado que era representado pelo bem, pelo Evangelho da Igreja; e outro onde a Maçonaria estava unida ao Estado despótico para ferir a Igreja, laico, e regido por leis dos homens e não nas leis de Deus. O fato do imperador ter dado o caso da Questão Religiosa como favorável para a Maçonaria agravou a visão negativa que o clero construiu do Estado e da Maçonaria.

Podemos delimitar um marco para os primeiros conflitos entre a Santa Sé e a Maçonaria no Brasil, nos primeiros documentos condenatórios e no plano ultramontano da Igreja. Seus discursos foram reproduzidos por intelectuais católicos por via de literaturas e imprensa antimaçônica. A Questão Religiosa foi datada como o ápice do conflito maçônico religioso que acabou não privilegiando os prelados. Assim, a Igreja passaria por uma nova realidade precisando se adaptar, pois percebeu que não teria mais a tutela do governo.

Com a ideologia liberal em alta no final do século XIX, cresceu em vários países¹¹⁵ a força dos sistemas republicanos, o anticlericalismo, e a racionalização da sociedade. Sendo assim, governos monarquistas e a Santa Sé passam a perder prestígio junto aos Estados. Concomitantemente, os maçons se fortaleciam com a expansão do número de lojas maçônicas no país, mostrando-se uma ameaça para a religião católica. Parte da Igreja no Brasil negociava para preservar os privilégios solidificados no passado, mas estava ruindo - tais como o Padroado e o Beneplácito. Ao mesmo tempo em que sofria com a expulsão de várias ordens religiosas e o confisco de bens em vários países católicos.¹¹⁶

A expulsão das ordens religiosas de tais países se justificava pelo atraso e obscurantismo que os padres e a religião católica passaram a significar na ideologia liberal e republicana do período. As sociedades, incluindo o Brasil, vivenciaram, assim, o que se

¹¹⁴ OLIVEIRA, Ramos. 1952, p.95.

¹¹⁵ Portugal, França e Brasil, por exemplo, passaram por essas mudanças, em que o poder político da Igreja foi subtraído dentro da sociedade. Cf. MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942)**. Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015.

¹¹⁶ BEOZZO, José Oscar. A Igreja Frente os estados Liberais: 1880-1930. In: DUSSEL, Enrique. **Historia Liberationis: 500 anos de história da igreja na América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.179-183.

chamou de secularização. Dessa forma, um estilo de vida – ou hábito – que estava baseado na religiosidade, passa a ficar em segundo plano em diversos aspectos da vida social. Começa, então, um processo de separação gradual entre uma cultura religiosa e a laica na sociedade do período.

Nesse quadro, a Igreja e as forças políticas conservadoras, muitas vezes oligarquias rurais, uniram-se contra os Estados liberais e marcaram uma clivagem naquele momento entre catolicismo e liberalismo. Tal clivagem só foi superada após a crise de 1929, quando o liberalismo brasileiro passa a ganhar características conservadoras e também passa a ficar desgastado pelo fracasso do *crash* da bolsa e do seu modelo agroexportador, pelo apelo por mais democracia para as classes médias, e pelo desenvolvimento do populismo de direita, juntamente com o crescimento de uma flexibilidade da Igreja, em relação às políticas sociais.¹¹⁷ A Igreja católica teve dificuldades de dialogar com o liberalismo até 1960.¹¹⁸

Ramos de Oliveira¹¹⁹, intelectual católico defensor do período das ideias clericais, narra sua preocupação com a questão entre os Estados liberais e a Santa Sé.

O que sucede no Brasil é o que se passa em quase todo o mundo. As tendências invasoras que hoje ostenta o poder eclesiástico são consequências deste elemento perturbador (a infalibilidade pontifícia), introduzido no seio do catolicismo. Na Itália, na Suíça, na Alemanha não são de origem diversa do que atualmente ocorre no Brasil as lutas travadas...entre a milícia da Cúria Romana e os governos desses Estados. [sic].

Para Ramos de Oliveira¹²⁰, o liberalismo, que estava em vários países do mundo, queria arruinar a religião católica que representava, para ele, uma universalidade salvadora dos povos. Neste raciocínio, o liberalismo era algo danoso para a sociedade e deveria ser fortemente combatido.

Pode-se perceber o sentimento de exclusão por parte do clero, em relação ao processo de secularização por qual passou a sociedade, na fala do Papa Pio XI, na Encíclica *Quas Primas* de 1925.

O império de Cristo sobre todas as nações foi rejeitada. O direito que a Igreja tem do próprio Cristo, para ensinar a humanidade, para fazer leis, para

¹¹⁷ Cf. BEOZZO, op. cit., p.191.

Porém, segundo Carlos André, o catolicismo teve dificuldades de dialogar com o liberalismo até 1960.

¹¹⁸ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015, p.28.

¹¹⁹ OLIVEIRA, Ramos. op. cit., 1952, p.189.

¹²⁰ Ibidem.

governar os povos em tudo o que diz respeito à sua salvação eterna, esse direito foi negado. [...] Em seguida, foi colocado sob o poder do Estado e tolerado mais ou menos ao sabor dos príncipes e governantes. [...] A rebelião dos indivíduos e estados contra a autoridade de Cristo produziu consequências deploráveis.¹²¹

Ainda segundo o pontífice, os homens estavam separados de Deus, e, a sua Igreja, que tinha por tarefa salvá-los, sofreu a injustiça de ser afastada dos assuntos políticos dos Estados em razão da autoridade dos governos liberais.¹²² Temos assim, sentimentos católicos de aversão às ideologias liberais, tanto por questões políticas, quanto culturais e simbólicas, pois apoiavam o conservadorismo. Enquanto que a Maçonaria, herdeira de uma filosofia iluminista liberal e progressista, simpatizou com a conjuntura laica que a sociedade brasileira estava representando naquele momento.

Não pretendemos dizer que a Igreja Católica, no período de estudo, foi uma instituição atrasada com relação à realidade social, que por sua vez atravessava uma mudança de regime político. A Santa Sé expressou sua idéia sobre o liberalismo moderno. Essa ficou registrada na bula *Syllabus Errorum*, publicada por Pio IX em 1864. Segundo ele: “O Pontífice Romano pode e deve conciliar-se e transigir com o progresso, com o Liberalismo e com a Civilização moderna.”¹²³ Logo, as perspectivas, em relação à modernidade, que se inauguravam para a Igreja foram de tentativa de conciliação com o novo sistema político. Ao longo do período, ocorreram várias tentativas de diálogo entre a Igreja e o Estado - com relação aos temas comuns entre os dois. Na tentativa de se modernizar e se adaptar, a Igreja também investiu no diálogo entre seus próprios membros, como muito percebido em seu projeto ultramontano.¹²⁴

Sendo assim, já podemos delimitar uma clivagem que se desenvolveu entre católicos X maçons, conservadores X liberais/republicanos. Convém colocar que não pretendemos generalizar o perfil político dos indivíduos do período, enquadrando-os em uma forma engessada, pois podem ter surgido católicos liberais, bem como maçons conservadores.

¹²¹ PIO XI. **Quas Primas**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html>. Acesso em: 11 abr. 2016.

¹²² Ibidem.

¹²³ Pio IX. **Bula Syllabus Errorum**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹²⁴ O termo ultramontano surgiu no Brasil quando os liberais e regalistas passaram a chamar pejorativamente os leigos católicos e eclesiásticos de ultramontanos, como sinônimo de fidelidade ao Papa e adesão à ortodoxia. O termo foi aceito e usado por ambas as partes, durante o século XIX, para aqueles que aderiram a política central da Igreja de reforma e combate ao regalismo, anticlericalismo e liberalismo. Cf. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. passim.

Apenas traçamos um perfil de grupo para melhor compreendê-los em nível de instituição, mas nunca nos esquecendo dos indivíduos e das motivações particulares.

Assim as sociedades, não constituem blocos compactos; sua fragilidade estrutural – que deriva de sua inscrição no tempo – se alimenta de tensões entre as pessoas e os grupos: o holismo, ponto de vista que privilegia o interesse geral, e o individualismo, acoplado ao interesse particular, coexistem de fato permanentemente, como dois tipos de argumentos necessários, mas cada um impróprio, sozinho, para caracterizar uma formação social-tipo.¹²⁵

Nesse raciocínio, compartilhamos da mesma percepção demonstrada por Eliane Colussi que sentiu dificuldade ao definir o perfil da instituição, que, ao longo do tempo, assumiu diversas feições em vários lugares do mundo. Conforme o curso dos acontecimentos e das circunstâncias, a Maçonaria foi se forjando num processo histórico. A autora não se acanha em afirmar que o mais coerente seria se referir a instituição no plural: *Maçonarias*.¹²⁶

Foi na emergência de lutar contra fatores que prejudicariam a Igreja no processo de laicização, que a elite intelectual católica se organizou na tentativa de criar um Partido Católico. Tal partido, que só ficou no campo das ideias do senador Cândido Mendes, que durante a Questão Religiosa foi o advogado do bispo de Olinda D. Vital, serviria a Igreja não apenas para lutar contra o Estado, mais também para ter um maior controle sobre as dioceses e sobre o clero inferior.¹²⁷

Outro motivo para a suposta criação de um partido político católico foi o afastamento progressivo de representantes do clero na política imperial. De 1838 até 1864, o número de eclesiásticos na Assembleia Geral Legislativa do Império só diminuía. Este fato pôde estar relacionado com a busca de uma maior independência em suas “missões espirituais”, por parte dos membros do clero, que passaram a se dedicar a suas atividades religiosas e desocuparam as cadeiras dos cargos públicos.¹²⁸

A proposta do programa do partido que malogrou, utilizou-se de uma imprensa periódica católica em vários estados do Brasil. Em Recife, teve o jornal *A União*, em que Soriano de Sousa expunha suas ideias freqüentes. Este jornal reverberou por várias cidades do

¹²⁵ BENZA, Alban. Da Micro-história a uma Antropologia Crítica. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.66.

¹²⁶ COLUSSI, Eliane Lúcia. **Plantando Ramos da Acácia: a maçonaria gaucha na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS/IFCH, Porto Alegre, 1998. p.25.

¹²⁷ CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros: discurso e práxis dos seus programas**. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.41.

¹²⁸ HAUCK, João Fagundes. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Segunda Época. Petrópolis: Edições Paulinas, 1992. p.213-214.

país, tais como São Paulo, Diamantina, Fortaleza e Belém. O partido, de caráter ultramontano, tentaria mobilizar a população para o combate ao regalismo¹²⁹, no qual o Estado ficaria a serviço da Igreja, e o governo não estaria mais no revezamento de poder entre liberais e conservadores.¹³⁰

A *Revista América Ilustrada* comentou os planos do referido partido, quando disse que: “Está em mente...ha muito tempo, levantar no paiz um novo partido que será o ultramontano.”¹³¹ O trecho destacado nos confirma a intenção dos articuladores ultramontanos, no entanto, um Partido Católico de âmbito nacional não chegou a se concretizar. Nessa lógica, o clero, ao se sentir ameaçado com a laicização do Estado, passa a reagir, atuando na política e reorganizando sua instituição internamente.

Para compreender a atitude da Igreja dentro do campo social durante o período, utilizamos o pensamento de Pierre Bourdieu.¹³² Para ele, a sociedade é composta por vários campos em que atuam grupos, e dentro dos grupos agem indivíduos. O campo no qual atua a Igreja é dotado de relativa autonomia e interesses específicos de seus agentes. Tal campo também tem como característica ser um espaço de relações com interação de escalas individual e coletiva. Assim seus agentes atuaram num jogo com outros campos, manifestando suas interações e valores numa disputa pelo poder.

A Proclamação da República se instaura em 1889, quando, conseqüentemente, as autoridades republicanas, de perspectivas liberais e laicas, lançaram medidas que retiraram parte do poder que a Igreja Católica tinha na sociedade. Em 7 de janeiro de 1890, o Marechal Deodoro, autoridade da nova República do Brasil, lança o *Decreto 119-A*¹³³ que “proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”.¹³⁴

Naquele momento, a Igreja ficou fragilizada com relação ao decreto que reconheceu outras religiões, além da católica no país. Isso permitiu o crescimento e organização da religião protestante no campo público e privado, considerada, pela Igreja, sua inimiga. O clero reconhecia como “seitas heréticas” outras religiões que não fossem a católica. A partir do

¹²⁹ Regalismo foi a doutrina que defendia o direito dos reis ou dos Estados intervirem em questões religiosas e eclesiásticas. Cf. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

¹³⁰ CHACON, op. cit., p.44.

¹³¹ O Sr. Zacarias e o Partido Liberal. **Revista América Ilustrada**, Recife, Ano 6, nº 9, fev, p.1, 1876.

¹³² BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. passim.

¹³³ **Decreto 119-A**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm> Acesso em: 11 abr. 2016.

¹³⁴ Idem.

reconhecimento legal de outras crenças no Brasil, através do *Decreto 119-A*, a Igreja se viu perdendo espaço e poder social.

Já a Maçonaria não teve problemas em conviver no ambiente social com outras religiões. Um exemplo de uma relação amistosa entre Maçonaria com outras crenças se passou no Rio Grande do Sul. No final do século XIX, homens que viviam da terra e diziam ser a religião algo feminino, desenvolveram um sentimento anticlerical. Com a hegemonia da Igreja Católica fragilizada na região, em pouco tempo, ideias científicas, racionalistas e laicas encontram a Maçonaria como bálsamo. Assim, a Maçonaria apoiou a divulgação da pluralidade religiosa como uma forma de enfraquecer a Igreja Católica. Daí, no Rio Grande do Sul, a Maçonaria simpatizou com religião espírita e com duas correntes protestantes: a luterana e a metodista.¹³⁵

No Rio de Janeiro, o jornal protestante *A Imprensa Evangélica* confirmou o apoio a causa maçônica, evidenciando a simpatia entre o protestantismo com a Maçonaria. O jornal escreveu:

É geralmente sabido que o Visconde do Rio-Branco, [sic] actual Presidente do Conselho e um dos chefes mais proeminentes do partido conservador, é Grão-Mestre da Maçonaria, que tem suas officinas á rua do Lavradio. Transcrevemos em seguida a maior parte de um artigo sobre *Liberdade de Cultos*, transcripto do *Boletim do Grande Oriente do Brazil*, jornal official da sociedade presidida por este eminente estadista. [grifo do autor]¹³⁶

O jornal protestante teve em grande estima o grão-mestre maçônico, Visconde do Rio Branco, elogiando a liberdade de culto que a instituição escreveu no Boletim do Grande Oriente do Brasil. O apreço protestante pela ordem pode ser interpretado pela defesa de algumas causas em comum a ambas, que, no trecho acima, contemplou o tema da liberdade de cultos. Tanto maçons quanto protestantes foram a favor da liberdade de outras práticas religiosas, pois, para ambos, que atuavam em um país oficialmente católico, foi importante ter a liberdade de culto garantida para a continuidade de suas operações. É importante dizer que o protestantismo chegou ao país por volta de 1870 e encontrou na ideologia liberal, republicana e em grupos maçônicos grande apoio. Juntos, protestantes e maçons militavam contra o

¹³⁵ SCHMIDT, Guilherme Cesar Temp. **Revista o Delta**: ideias e voz da maçonaria gaúcha (1916-1927). Dissertação (Mestrado em História). UPF/IFCH/PPGH, Passo Fundo, 2006. passim.

¹³⁶ A Liberdade Religiosa. **A Imprensa Evangélica**. Rio de Janeiro. Ano 8, nº 5, 1872. p.1. Jornal do Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional, Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=376582&PagFis=1187&Pesq=ma%c3%a7onaria>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

“tradicionalismo” da Igreja, e empreenderam projetos que atendiam a comunidades em questões educacionais, religiosas e de saúde.¹³⁷

A simpatia entre maçons e outras religiões também foi percebida na Paraíba.¹³⁸ No mesmo período, as terras paraibanas se transformaram em arena de forças entre católicos de um lado, *versus* maçons, Centros Espíritas e Igrejas Protestantes do outro. Estes últimos tinham a seu favor a laicização do Estado, e a utilizava para se expandir institucionalmente. Os motivos para tais conflitos não divergiram muito do que ocorreu em outros locais do país. A diocese da Paraíba, sentindo ameaças pelo liberalismo muito representado pelos maçons e pelo novo sistema político, também reagiu, seguindo o plano de recatolização, porém sem conflitos relevantes com o Estado.

No espaço público do Ceará na primeira metade do século XX, a condição histórica, laica e liberal propicia espíritas, teosofistas e maçons a compartilharem afinidades, tanto de elementos doutrinários, quanto filosóficos. Enquanto componentes duma rede de pensamento moderno-espiritualista, estes grupos estiveram ativos nos embates sociopolíticos e religiosos do Ceará contra a Igreja Católica.¹³⁹

Ainda com relação à análise do fim do padroado no *Decreto 119-A*, os líderes da Igreja não precisavam mais de autorização do governo para a indicação de seus membros e para a circulação de documentos religiosos. Para alguns clérigos, isto pareceu um ponto negativo para a Igreja, pois ela perdeu “o financiamento e a manutenção administrativa da instituição, a exemplo dos estabelecimentos de ensino”. No entanto, para outros, foi um ponto positivo da laicização, pois o clero brasileiro conquistava a liberdade de atuação, estando longe do controle e fiscalização do governo.¹⁴⁰

Segundo Ítalo Santirocchi, desde as primeiras décadas do século XIX, o Estado mudava, aos poucos, suas atitudes com relação ao clero, fortalecendo o regalismo. Foram publicados leis e decretos que passaram a limitar os direitos da Igreja, como, por exemplo, transformar bens da instituição em apólice de dívida pública, ou ainda, apossar-se do patrimônio de dioceses.¹⁴¹ Estes tipos de práticas incentivaram muitos membros da Igreja a

¹³⁷ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015, p.84.

¹³⁸ SOUZA JÚNIOR, José Pereira. **Estado laico, Igreja Romanizada na Paraíba Republicana**: relações políticas e religiosas (1890-1930). Tese. (Doutorado em História), UFPE – CFCH, Recife, 2015. *passim*.

¹³⁹ SILVA, Marcos José Diniz. **Moderno-Espiritualismo e Espaço Público Republicano**: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará. Tese (Doutorado em Sociologia). UFC/Centro de Humanidades, Fortaleza, 2009.

¹⁴⁰ MOURA, 2015, p.87-88.

¹⁴¹ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência**: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 296-325.

não lamentarem pela separação com o Estado. Com o tempo, a Igreja passou a aceitar o novo regime. Segundo Santirocchi, “Os prelados brasileiros tampouco demonstraram qualquer reação ante a República e aceitaram-na serenamente [...] A igreja se viu, enfim, livre para reorganizar-se como bem lhe aprouvesse nas primeiras décadas republicanas”.¹⁴²

Nestas condições, o sistema liberal logo se encarregou de providenciar a Constituição de 1891, na qual se estabeleceu a separação entre Estado e Igreja. Em seu artigo número 72, afastou a permanência de antigas funções públicas reservadas aos membros do clero, tais como o casamento civil, o atestado de óbito, a certidão de nascimento e o ensino, que agora poderia ser laico.

A referência à secularização dos cemitérios foi observada no jornal ilustrado *A Lanterna Mágica*, que escreveu sobre a cerimônia do Dia de Finados. O periódico comentou sobre uma farra de bêbados no Cemitério de Santo Amaro, que aos olhos do autor, desrespeitou o Dia Santo.

[...] devotos do deus Baccho ostentaram-se em toda a pujança da crápula e do desrespeito. Dir-se-hia que era gente desbragada e profanadora fora alli de sermão encomendado e muito de indústria para mais tarde dar lugar a um argumento que a *Era Nova* [jornal católico] não deixará de exhibir e explorar contra a secularisação dos cemiterios, querendo desse facto tirar a conclusão de que era a religião quem mantinha no interior do cemiterio a moralidade, a paz e o respeito.¹⁴³

Segundo a matéria, por ocasião do alcoolismo, acontecido no dia da cerimônia do cemitério, em comemoração ao Dia de Finados, o jornal católico *Era Nova* iria aproveitar para escrever uma matéria sobre a Igreja continuar ser a responsável pelos cemitérios, onde ela não deixaria acontecer desrespeitos, nem imoralidades, como a que aconteceu. É importante observar a data da matéria que é de 1890, ou seja, faltavam alguns meses para a Constituição de 1891 retirar da Igreja a responsabilidade sobre os cemitérios. A matéria ilustra a polêmica do período sobre o tema, e o processo de secularização da sociedade.

Diante do exposto, o liberalismo toma a cena do sistema monárquico que não satisfazia mais a sociedade brasileira, principalmente, a uma elite letrada com ideias liberais, anticlericais e republicanas, ansiosa para implementar no país as ideias modernas e racionalistas simpáticas ao Iluminismo. Este grupo de letrados, com influências liberais, pode-

¹⁴² *Ibidem.*, p. 481-182.

¹⁴³ Pimentinhas. *Lanterna Mágica*. Recife. Ano 9, nº 308, 1890. p.6. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18790706. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

se dizer estavam muito engajados com a política partidária republicana e com a Maçonaria. Contrários a eles estavam os conservadores que não queriam a mudança do sistema, nem o avanço do liberalismo, e eram muito simpáticos ao tradicionalismo católico. Nesta lógica, ocorreu uma clivagem, no final do século XIX e início do XX, entre maçons/liberais X católicos/conservadores.

Com a laicização em alta, a Maçonaria, que pregava a ideologia liberal, fortaleceu seu poder político. Esse atuou através de uma “malha” de lojas que havia se expandido e através da ocupação de cargos públicos de destaque. A participação dos maçons na política, principalmente no início do século XX, apoiou-se numa rede de relações e trocas clientelares. O que possibilitou a Maçonaria atuar como uma engrenagem articulada nos locais mais longínquos da República.¹⁴⁴

Tal influencia e participação na política, por parte dos maçons, era uma forma de lutar contra seus “inimigos” e de se fazerem influentes dentro da sociedade. Para os políticos que integraram a organização maçônica, a forma de governo republicano seria o melhor sistema político que representaria os interesses individuais.

Influenciados por documentos pontifícios que condenaram os maçons desde o século XVIII, os intelectuais católicos e não simpáticos aos maçons criaram estereótipos de satanização, e de complô revolucionário. Desta forma, a instituição maçônica teve que lidar com a formação de uma imagem negativa sobre eles.

A imagem do clero também foi estereotipada por jornais liberais e republicanos do período. Esses se aproveitaram do momento da Questão Religiosa que fragilizou a cristandade para construir uma representação intolerante dos clérigos. Nesse sentido, a Igreja tenta reagir aos obstáculos da modernidade que se apresentavam para ela. Uma das medidas tomadas pela Santa Sé foi a implementação do projeto católico mais conhecido como Restauração Católica.

No próximo capítulo, veremos como a Santa Sé, de uma forma militante, quis reconduzir o catolicismo, repaginando sua atuação junto às sociedades em que haviam ocorrido laicização. A proposta católica se empenhou principalmente em questões da política, da educação, da família dentro da esfera pública e privada, para, dessa forma, disseminar os ensinamentos da Igreja junto aos cidadãos. Também a Maçonaria tentou atuar no novo cenário republicano com estratégias para combater a Igreja e o Estado, que tiveram um tipo de aliança nas primeiras décadas do século XX. A seguir vejamos como se deram os embates

¹⁴⁴ MOREL; SOUZA, op. cit., p.183.

entre eles nas tentativas de implementação dos seus respectivos projetos culturais no novo momento de Restauração Católica e dos questionamentos da laicização.

2. Espaços de Combate no Início do Século XX.

No capítulo anterior, percebemos que, em uma sociedade cada vez mais voltada para a secularização no final do século XIX, a Igreja estava acuada e enfraquecida, devido ao processo de laicização que passou a ocorrer em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Houve uma parte do clero que não viu com bons olhos a perda de alguns privilégios da Igreja com relação ao Estado, quando este instaurou em 1891 uma República laica. Já os maçons, geralmente, simpáticos ao sistema liberal, apoiaram a República e viram nela uma oportunidade de expansão das lojas e fortalecimento da instituição. Os católicos, então, declararam-se inimigos do liberalismo e da Maçonaria, pois ambos foram divergentes com os planos internacionais da Santa Sé.

Nessa lógica, a partir do início do século XX, a Igreja, numa tentativa de reação, põe em prática seu projeto de Restauração Católica ou Recatolização. No qual, a intelectualidade do clero e do laicato católico articularam-se em projetos militantes de fortalecimento da religião cristã em cada brasileiro. Para eles, a modernidade representava a força demoníaca que assolava a sociedade, e apenas a moral cristã salvaria o mundo de todo o mal.

Neste capítulo, veremos como se deram os embates entre os intelectuais católicos e os maçons de Pernambuco, num clima de críticas e intolerância, que se desenrolou durante o início do século XX, em espaços específicos de atuação. Observaremos os conflitos, principalmente, na imprensa voltada para públicos alvos simpáticos dos maçons e dos intelectuais católicos. Passaremos também pelo campo educacional de atuação, em que a Maçonaria e Igreja Católica empreenderam projetos pedagógicos divergentes.

Algumas indagações guiaram este capítulo como: (i) Quais periódicos foram mais representativos de ambas as instituições; (ii) quais os debates contidos nos impressos; (iii) quais representações seus articuladores fizeram de seus inimigos; ou ainda (iv) quais interesses motivaram as práticas educacionais de maçons e intelectuais católicos.

Antes de iniciarmos a análise sobre os espaços de conflito entre maçons e intelectuais católicos que se desenrolou no início do século XX, é preciso lembrar que muito da atuação e das práticas dos dois estiveram relacionadas com a mudança de regime político. Ao longo dos primeiros anos do século XX, os embates entre as duas instituições continuaram, porém as condições históricas e sociais do período haviam se alterado. A seguir, pontuaremos alguns fatos considerados relevantes para se compreender a atuação da Igreja e da Maçonaria no início do século XX.

2.1 O Processo de Restauração Católica ou Recatolização no Brasil.

A Igreja Católica reage aos acontecimentos modernos e a ameaça dos seus inimigos com a chamada Restauração Católica ou Recatolização, muito ajudada pelo ultramontanismo dos bispos reformadores, que definiu o processo de reestruturação da Igreja, reafirmando-a politicamente em países que passaram por processos de secularização, como o Brasil.

Em terras brasileiras, a Restauração da Igreja contou com o bispo de Belém do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa¹⁴⁵, muito emblemático no problema da Questão Religiosa. Foi inspirado nas ideias de Dom Macedo Costa que fiéis se mobilizaram para a realização de Congressos Católicos, como por exemplo, o de Salvador em 1900, e do Recife em 1902. Tais congressos estavam comprometidos com; a educação; os valores defendidos pela Igreja; e as instituições católicas de assistência social.¹⁴⁶

As Pastorais Coletivas também foram importantes entre os bispos que trataram sobre os assuntos que assolaram a Igreja na modernidade, marcando mais um ponto rumo a Recatolização da Igreja. A pastoral de 1890, que reuniu os bispos em São Paulo, foi um ponto alto entre o clero brasileiro que debateu sobre a separação com o Estado e a nova situação em que se encontrava a Igreja, no governo laico brasileiro.¹⁴⁷ Já a Pastoral de 1900 acusou o Estado de proteger uma Maçonaria herege que afrontava o catolicismo.¹⁴⁸

A Igreja, no documento produzido na Pastoral, teve argumentos desqualificatórios para com as medidas laicas tomadas pelo Estado quando afirmou:

Igreja livre no Estado livre, disse-o há tempos o caviloso Cavour, eco de mais antigos inovadores. Igreja separada do Estado, Estado separado da Igreja. [...] dizem hoje, à boca cheia, todos os corifeus do radicalismo moderno.

Assim, não há de andar mais a Igreja conjunta com o Estado. Um e outro poder exercerão ação separada e isolada, sem sequer se conhecerem mutuamente. Nada mais de união entre eles. Separação, separação! eis o que se proclama voz em grito, como uma das grandes conquistas intelectuais da época! O mundo social nada tem que ver com a religião.¹⁴⁹

¹⁴⁵ Nascido em 1830, estudou em um Seminário de Paris, ordenou-se bispo do Pará em 1861, teve intensa participação na Questão Religiosa, tornou-se bispo de Salvador em 1890, e faleceu em 1891. Disponível em: <<http://ilustresdabahia.blogspot.com.br/2014/06/dom-antonio-macedo-costa.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁴⁶ MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder**: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937). Recife: PCR, 2012. p.135.

¹⁴⁷ ZUGNO, Vanildo Luiz. A “Pastoral Coletiva” de 1890: A Igreja Católica entre o Estado laico e a liberdade religiosa. In: Congresso Internacional da Faculdade de EST. **Anais eletrônicos**. v.2, 2014. p. 192-207. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/issue/view/4>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

¹⁴⁸ SOUSA JUNIOR, 2015. p.86.

¹⁴⁹ **Pastoral Coletiva**. 1890. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/1327>> Acesso em: 13 abr. 2017.

A lamentação da separação da Igreja do Estado é observada no trecho acima da Pastoral Coletiva de 1890. Todavia, é importante lembrar que tal separação não desagradou todas as alas da Igreja, pois houve parte da autoridade do clero que viu, na separação do Estado, uma oportunidade positiva para a Igreja do Brasil. Nesse sentido não podemos generalizar o posicionamento do clero e pensar o catolicismo com posicionamentos plurais.

As Pastorais apenas iniciaram os seguidores de Dom Macedo na luta pela Restauração da Igreja, pois o prelado morre após se firmar a República. Em alguns anos outro bispo assume a liderança, não menos determinado nas ações da Igreja para uma Restauração Católica. Falamos do arcebispo Dom Sebastião Leme.¹⁵⁰

Dom Leme¹⁵¹ assume a Arquidiocese de Olinda em 1916 e, no mesmo ano, publica uma Carta Pastoral, na qual procurou traçar quais os passos que o clero deveria tomar para a retomada do poder clerical. Para Moura, a Carta Pastoral de Dom Leme, no Recife, foi o centro de discussões da retomada política da Igreja Católica.¹⁵² Seus escritos buscaram analisar a política e a religião do país do período, com o objetivo de mobilizar as alas católicas contra a situação do Brasil e o avanço dos inimigos da Igreja.

No trecho da Carta Pastoral de Dom Leme, pode-se observar a militância e obstinação em seu discurso para uma mobilização de Recatolização.

[...] Somos um país essencialmente católico. [...] Leigas são nossas escolas; leigo, o ensino. Na força armada da República, não se cuida da Religião. Enfim, engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública. Anticatólicas ou indiferentes são as obras de nossa literatura. [...] Se Cristo não atua sobre a nossa vida individual, como poderemos atuar sobre o meio social?¹⁵³

Suas palavras tentam mostrar a importância da religião católica no cotidiano das pessoas, que ficou esquecida devido os males da modernidade. Em suas palavras há um lembrete para o fato da população brasileira ser “essencialmente católica”, isto justificaria a

¹⁵⁰ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015. p.20.

¹⁵¹ Foi arcebispo de Olinda e Recife em 1918 e nomeado arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro em 1921. Sucedeu à sé metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro em de 1930.

¹⁵² MOURA, 2012. p.138.

¹⁵³ LEME, Sebastião. **Carta Pastoral**. 1916. Disponível em: <<http://amigocruz.blogspot.com.br/2010/01/carta-pastoral-de-dom-leme-de-1916.html>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

presença da Igreja na vida pública da população. Para ele, a Igreja não deve ficar em segundo plano na sociedade.

Após o documento de Dom Sebastião Leme, outras ações militantes católicas se seguiram, inspiradas em suas palavras. Em 1917, no Teatro de Santa Isabel, é fundado por Dom Leme a *Liga de Defesa Nacional*. Tal Liga, formada por intelectuais de direita católicos, tinha o objetivo de valorização das tradições, combate ao estrangeirismo e regeneração nacional em Cristo.¹⁵⁴ É válido lembrar que Dom Leme prezava pela participação da intelectualidade para formar um discurso nacionalista na luta cívica pelos direitos da cristandade. Esses intelectuais foram cruciais para a luta católica durante o período de Recatolização brasileira.

A repercussão das ações de Dom Leme na Arquidiocese de Olinda rendeu sua transferência para assumir o cargo de arcebispo coadjutor no Rio de Janeiro, onde continuou a militar no processo de Recatolização da Igreja no Brasil. O prelado inicia seus trabalhos no Rio num momento de ebulição política, pois um ano depois, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro (PCB), representante da luta política de esquerda no país. A preocupação com as ideologias de esquerda ameaçavam não apenas a Igreja, como também o Estado. Nessa lógica, seja para combater o inimigo comum, ou para conseguir algum tipo de privilégio, a Igreja investe em uma reaproximação com o Estado.

A aproximação com o clero não foi de todo ruim para o Estado, visto que a assistência dada por parte da Igreja, no início do século XX, em hospitais, escolas católicas, penitenciárias, casamentos religiosos com efeitos civis, representava uma ação social que não poderia ser desprezada pelas autoridades do governo.¹⁵⁵ Também foi interessante para o governo ter o apoio da Igreja, pois quando o Estado passou a ter ações autoritárias, seus atos foram justificados por serem medidas que tinham o aval da Santa Sé. Estar unido a Igreja significava estar unido a Deus, dando a ideia que se estava agindo de forma correta.

Por esse ângulo, podemos dizer que, nos anos iniciais do século XX, o Estado e a Igreja estavam se aproximando e compartilhando de uma mesma visão de interesses, o que se refletia em seus discursos que estavam se configurando mais autoritários, devido às novas necessidades do período: combater o perigo comunista, construir um país forte, zelar pelos

¹⁵⁴ MOURA, 2012, p. 139-140.

¹⁵⁵ SOUSA JUNIOR, 2015. p.90.

princípios morais, lutar contra o liberalismo e etc.¹⁵⁶ Consequentemente, essa nova aliança entre a Igreja e o Estado resultou nos opositores dos maçons, no início do século XX.

Cabe dizer que os estilos extremistas estiveram em alta por várias regiões do mundo durante o período. Como exemplo, temos: a Alemanha, Itália, Portugal, Espanha e etc. No Brasil, também não foi diferente. Os católicos reproduziram a postura autoritária em suas ações e discursos. Assim, surgiu a *Ação Integralista Brasileira* (AIB) liderada pelo intelectual católico Plínio Salgado. Os integralistas acreditavam que a luta religiosa e nacionalista era o principal objetivo para o país. A AIB mobilizou fileiras militantes e uma doutrina com o lema “Deus, Pátria e Família”.¹⁵⁷

A ideia de Recatolização da Igreja passou pela fundação de polos de disseminação do catolicismo por todo o país. Nesse pensamento, lideranças da Igreja fundaram, em 1922, o *Centro Dom Vital*¹⁵⁸, no Rio de Janeiro, que serviu como os “olhos” e “ouvidos” da Igreja. No Centro Dom Vital, uma elite laica católica, sob a bandeira de um catolicismo conservador que lutou contra ideologias “exóticas” e a laicização, foi liderada pelo intelectual Jackson de Figueiredo, que teve total apoio de Dom Leme.¹⁵⁹

Houve uma mobilização por parte do clero que saiu das sacristias para atingir a população. Os *Congressos Eucarísticos Nacionais* (1922 e 1933) levantaram novos espaços de atuação da Igreja contra as forças que ameaçavam a cristandade. Tais congressos assumiram um importante papel e uma rede de sociabilidade entre as classes médias e o clero, buscando soluções para os problemas enfrentados pela nação.¹⁶⁰

Neste momento, já estavam em circulação vários periódicos católicos que procuraram, sobretudo, fortalecer a Igreja. Seus discursos, geralmente, tiveram intelectuais católicos de direita elitistas debatendo, principalmente, sobre moral, costumes, política e combate as ideologias de esquerda, outras crenças e a Maçonaria.

Neste período, os maçons estavam sendo associados ao comunismo, e ambos – os maçons e o comunismo – passaram a ser inimigos do Estado e da Igreja. Nos periódicos católicos e literaturas antimaçônicas, podia-se encontrar a informação de que os comunistas estavam dentro da Maçonaria, conspirando contra a ordem social. E foi, sob o medo do perigo

¹⁵⁶ MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O Poder da Maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.202.

¹⁵⁷ SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Forma do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco.** Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2002. passim.

¹⁵⁸ O título do Centro Dom Vital foi em homenagem ao bispo, de mesmo nome, que marcou a cristandade no embate contra os maçons, na chamada Questão Religiosa, comentada no capítulo anterior.

¹⁵⁹ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p.73.

¹⁶⁰ SOUSA JUNIOR, 2015. p.100.

comunista que em 1930, o Estado, com o interesse de retirar o inimigo comunista de cena, deflagrou a *Revolução de 1930*¹⁶¹ que teve o apoio da intelectualidade católica .¹⁶²

Segundo Alcir Lenharo, foram: “dois os planos de auxílio que a Igreja prestou ao Estado no Brasil dos anos 30: o primeiro, de caráter mais constitucional, significou um apoio político decisivo em momentos cruciais da década; o segundo não menos importante, relacionou-se à função milenar e indispensável de domesticação das consciências”.¹⁶³ Foi durante o governo provisório de Getúlio Vargas que a Igreja lutou, fazendo com que a Religião Católica estivesse presente no cotidiano e nos hábitos das pessoas, para que, desta forma, o clero ganhasse mais poder social. Foi pensando nisto que, em 1931, por incentivo de Dom Leme, o maior símbolo do cristianismo foi inaugurado, no Rio de Janeiro: o Cristo Redentor.

A imagem gigantesca de Cristo demonstrou a força que o catolicismo adquiriu no país durante os anos de 1930.¹⁶⁴ No mesmo ano, Nossa Senhora Aparecida foi oficialmente nomeada a padroeira do Brasil. Mesmo adotando uma postura laica de governo, Dom Leme confirmava a importância da religião e da política, exercida pela Igreja e pelas autoridades do Estado, caminhando juntas.¹⁶⁵

Nesse sentido, as forças católicas brasileiras estavam se fortalecendo e empreendendo diversos projetos sociais de Restauração Católica, unido à sociedade. O Cristo Redentor pode ser interpretado como o catolicismo presente em toda a parte, junto às famílias brasileiras. A presença do presidente da República e de autoridades na inauguração da imagem representa a bênção do Estado sob as ações empreendidas por Dom Leme.

Outra ação da Igreja, que visava a Recatolização, foi a fundação, em 1932, da *Liga Eleitoral Católica* (LEC), para tentar mobilizar os fiéis com relação à política. Com esta medida, as elites católicas buscaram eleger indivíduos, na política, que estivessem de acordo com as propostas eclesiais, que se baseavam: na indissolubilidade do casamento, no ensino religioso nas escolas públicas, na promulgação de documentos em nome de Deus, em ter representação católica nas forças armadas e outras.¹⁶⁶

¹⁶¹ O tema sobre a *Revolução de 1930* é polêmico. Para alguns o acontecimento foi de fato uma revolução onde ocorreu uma disputa pelo poder entre as oligarquias que acabou com a derrota da oligarquia cafeeira paulista e a vitória das oligarquias de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, aliados aos tenentes. Existem também as opiniões que discordam, defendendo o ocorrido em 1930 como um golpe da burguesia com o operariado, e que o termo “revolução” foi uma construção dos vencedores.

¹⁶² ALMEIDA, 2001. p.77.

¹⁶³ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papirus, 1986. p.190.

¹⁶⁴ MOURA, 2012, p.149.

¹⁶⁵ MOURA, 2012, p. 148.

¹⁶⁶ MOURA, 2012, p. 149-150.

Assim, a Igreja se auto-intitulava a salvadora política do Estado, soerguendo moral e politicamente Pernambuco. A LEC foi criada com o objetivo de eleger Constituintes que assegurassem os 2/3 de votos necessários às reivindicações da [...] Igreja na Constituinte de 1934. [...] Ao acenar com possibilidades de eleger quem indicasse, a Igreja demonstrava que tinha plena consciência do seu poder de barganha junto aos fieis e junto ao Estado.¹⁶⁷

Assim, a Liga Eleitoral Católica (LEC) queria mais poder político ao eleger seus representantes nas cadeiras do governo. Também estavam dispostos a se relacionar, de forma amigável, com o Estado, adotando uma postura diferente da ocorrida no final do século XIX, quando acusava a gestão de ser cúmplice dos maçons, que, naquele momento, estava interessado em derrubar as monarquias e afastar a Igreja do Estado.

Outra instituição, fundada pela Igreja, com o intuito de recristianizar usando a ajuda de laicos fieis, foi a *Ação Católica Brasileira* (ACB), em 1935. A Ação Católica foi instaurada para atender uma das vontades de Pio XI, salvar as almas e as nações. As práticas de pessoas não ligadas a Igreja (laicos) eram a base da estratégia da Ação Católica Brasileira.¹⁶⁸ O discurso da Ação Católica mobilizou jovens, mulheres e homens para o assistencialismo da população carente, compromisso com os desfavorecidos, tendo como guia o evangelho.¹⁶⁹

Segundo Moura, o primeiro núcleo da Ação Católica Brasileira foi organizado em Recife, seguindo as instruções de Pio XI. Para os religiosos da capital pernambucana, a instituição tinha um compromisso com o social e com a restauração do espírito católico na cidade.¹⁷⁰

Percebemos, assim, que as ações dos maçons e dos intelectuais católicos puderam ser definidas como práticas movidas por interesses políticos-socioculturais, dentro dos espaços de luta. Os dois grupos agiam cada qual com seus projetos socioculturais, envolvidos coletivamente, compartilhando uma doutrina em comum. Não devemos esquecer que o Estado também atuou dentro desse jogo. Conforme o desenrolar dos acontecimentos, foi possível ao governo formar alianças ou conflitar com outros grupos, segundo lhe fosse mais interessante.

¹⁶⁷ ALMEIDA, M. 2001, p. 114-115.

¹⁶⁸ ALMEIDA, M. 2001, p. 97.

¹⁶⁹ MOURA, 2012, p. 152.

¹⁷⁰ MOURA, 2012, p. 153.

Vejamos agora como se deram os embates entre católicos e maçons no início dos anos 20, e os sentidos dos discursos de conflitos entre eles, em espaços específicos de atuação.

2.2 Espaços de Luta nos Impressesos.

As práticas da ajuda mútua, filantropia, caridade também fizeram parte das ações maçônicas, como táticas para serem mais influentes na sociedade. Barata¹⁷¹ diz que “[...] a ajuda mútua entre os maçons constitui a própria essência da instituição, consubstanciada no ideal de fraternidade.” Nesse sentido, fazer caridade no espaço social não se restringia a uma ação católica, pois os maçons também ajudavam ao próximo.

Além da beneficência praticada pelos maçons, com o intuito de desenvolver articulações sociais, os periódicos, destinados ao público maçônico ou simpáticos à Maçonaria, ajudaram a disseminar discursos maçônicos no referido período. O uso de jornais para o estudo de história política é bastante utilizado na contemporaneidade, amparado pelos aportes da História Cultural. Este tipo de fonte nos interessou “menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam” e ainda “pelas zonas de silêncio que estabelecem”.¹⁷²

Podemos destacar a imprensa maçônica como ambiente para irradiar ideais liberais e para os maçons se defenderem dos conservadores e das lideranças da Igreja. Foram nos jornais que eles se posicionaram politicamente, valorizando a laicidade social e o anticlericalismo. No meio educacional, eles atuaram defendendo um ensino leigo, nas escolas, democratizado e voltado para a formação cidadã.¹⁷³

A imprensa maçônica também atuava em meio às acusações que circularam nos periódicos católicos. Ela pode ser considerada um espaço no qual as lojas escreveram sobre diversos temas, tais como: a ideologia maçônica, os conflitos e as querelas com católicos, as notícias sobre solenidades das lojas, a exposição do pensamento liberal, os rumos da República, a defesa da democracia, o ensino leigo, entre outros. Tivemos alguns periódicos

¹⁷¹ BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Tempo & Memória, n.14). p. 134.

¹⁷² PROST, apud. LUCA. Tânia Regina de. Fontes Impressesas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.114.

¹⁷³ SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal: Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em História). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007. p.50-60.

representativos das ações maçônicas, tais como: *O Livre Pensador*, *O Delta (no Rio Grande do Sul)*, *O Oriente (dos maçons do Rio Grande do Norte)*, *Archivo Maçônico* (editado pela loja *Segredo e Amor da Ordem* do Recife), *O Mensageiro* (da cidade de Garanhuns da Loja *Mensageiros do Bem*).

Como exemplo de imprensa maçônica, não se pode deixar de mencionar o *Boletim do Grande Oriente do Brasil*, surgido em 1871, com publicações mensais, que foi, durante o século XIX, a voz da loja matriz da Maçonaria no Brasil. O periódico sofreu algumas alterações de periodicidade e de troca de nome, devido a conflitos internos entre as potências maçônicas. Em suas matérias, traziam principalmente temas sobre: filosofia, anúncios de interesse da Ordem, decretos e atos oficiais do Grande Oriente, correspondência interna das lojas, tradução de trechos de jornais e revistas maçônicas estrangeiras, política, e conflitos com os católicos.¹⁷⁴

Abaixo temos uma secção do Boletim onde os maçons reclamam sobre a liberdade de culto:

Entre as theses que prendem a atenção do nosso seculo, a liberdade de cultos occupa um logar importante. É que esta liberdade é necessaria [sic] ao homem e sem ella todas as outras liberdades podem dizer-se ficticias. Em nome de Deus, em nome da razão e da natureza pede-se a liberdade de cultos, e ella é recusada ao povo brasileiro, sob pretexto de se-oppôr á doutrina da religião catholica. Respeitâmos todas as opiniões que se-apresentam com o sello da sinceridade, mas nem por isso prescindimos do direito de combatel-as quando nos-parecerem inadmissiveis. Podíamos pois negar o fundamento do direito pelo qual se-recusa ao povoa liberdade de cultos, mas para que se não diga que a Maçonaria tem uma religião propriamente sua e que se-empenha em combater a igreja catholica, como calunniosamente se-há propalado, julgâmos mais acertado demonstrar que a liberdade de cultos não ataca, como falsamente se-diz, a doutrina catholica; ao contrario, ella é uma garantia de credito e de gloria para essa doutrina.¹⁷⁵

Acima, os maçons, em nome do cientificismo, reivindicam a liberdade de culto, preceito muito defendido pelos liberais e iluministas. Ainda segundo eles, os maçons, são tolerantes para com outras religiões, e estas outras crenças, não ameaçariam a religião católica. Pela narração do Boletim, percebe-se que a Maçonaria estava sendo acusada de

¹⁷⁴ GOLÇALVES, 2012, passim.

¹⁷⁵ Secção Dogmatica: liberdade de cultos. **Boletim do Grande Oriente do Brasil**. Rio de Janeiro. Ano 1, nº 2, jan, 1872. p.47-48. Acervo digitalizado da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=709441&PagFis=43&Pesq=padre>> Acesso em: 22 out. 2016.

combater a Igreja Católica. A matéria continua, dizendo que o motivo para a não liberdade de culto ao povo estava na “aliança” entre a Igreja e o Estado:

[...] A causa procede do despotismo de ferro que resulta da íntima união do throno e do altar.

Espirito e materia ahi ficam agrilhoados em nome de Deus e em nome de Cesar!

[...] combatamos esse despotismo espiritual que estraga o caracter dos povos e que insulta o nome de Deus, a razão, a natureza e a civilização do nosso seculo.¹⁷⁶

O Boletim maçônico não nega que combatia o “despotismo espiritual”, que segundo eles, tinham os católicos como líderes responsáveis. A condição de “união” entre Igreja e Estado, que o impresso se refere, logo teve o desfecho em separação, através da constituição laica de 1891, como foi visto no capítulo anterior. Mas nem por isso, os maçons pararam de combater os católicos em seus periódicos.

Através da revista *Archivo Maçonico* do Recife, que surgiu em 1906 com publicação mensal, os maçons passaram a traçar seus objetivos e a defender seus valores diante das acusações dos intelectuais católicos do período. Um dos pontos que defendiam foi a Constituição laica promulgada em 1891, que retirou da Igreja algumas responsabilidades e direitos. Na cidade de Campinas, mesmo após a República, que havia separado o Estado do poder religioso, a Igreja obteve regalias. Isto foi motivo de insatisfação para Mario Mélo¹⁷⁷, que escreveu a matéria para a revista maçônica. Assim no exemplar de 1909, Mário Mélo denunciava:

Ainda há muita gente por ai a fora que desconhece que a igreja está separada do estado perante a nossa constituição, isto é, que nenhum culto – verdadeiro ou falso, - terá relação de dependência com o governo republicano ou dele gozará subvenção. Isto tanto em referencia á religião catolica abraçada por Deodoro – o fundador da republica, [...]

A 1 de agosto do ano passado, foi sob o numero 121 promulgada uma lei municipal [da cidade de Campinas] dando á igreja catolica a ridicula

¹⁷⁶ Idem, 1872.

¹⁷⁷ Pernambucano e bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Ingressou na Maçonaria, tendo sido grão-mestre da loja *Seis de Março*. Começou o seu trabalho na imprensa, com o jornal *O Álbum*, do qual era proprietário, tornando-se depois um dos mais atuantes jornalistas brasileiros. Além de jornalista foi também historiador, geógrafo, filatelista, numismata e músico. Participou de várias instituições histórico-geográfico-culturais, como o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, do qual foi sócio durante 50 anos e secretário perpétuo; a Academia Pernambucana de Letras, a Sociedade de Geografia de Washington, Estados Unidos, e de Lisboa, Portugal; o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; a Comissão Nacional de Folclore, entre outras. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=708. Acesso em: 18 nov. 2017.

quantia de 72:256\$710 como subvenção ou auxílio ao novo bispado que se creara naquela adiantada cidade.

Esta noticia nos chegou tarde mas ao menos ainda podemos, divulgando-a, saber que em S. Paulo, a pátria da propaganda republicana e dos presidentes, o povo culto ignora si temos ou não constituição.

[...] em pleno rejime republicano, quando todos já devem conhecer a lei, mandar dar ao bispo 72 contos para instalar seu luxuoso palacio e comprar parelhas de cavalos, só em Campinas!

Que os srs. intendents dessem de seu bolso, que abrissem uma subscrição publica, vá; mas lançarem mão do dinheiro arrecadado do povo – massa heterojenea em religião, - para dal-o a um culto do qual talvez o contribuinte seja excomungado quando nada pelo fato de ser maçom, não se pode admitir.¹⁷⁸

A fala de Mario Mélo é de insatisfação com a administração e com as autoridades católicas da cidade de Campinas, pois, no novo governo republicano, não deveria haver auxílio em dinheiro ao bispado. Com característica de alertar o abuso do poder religioso, Mario Mélo dá ao leitor uma imagem de um clero que ostenta e abusa do dinheiro público, quando relata sobre a possível instalação de um “luxuoso palácio”. E termina sua narração, passando a ideia de que o povo sofreria injustiça: “massa heterogênea em religião”, que acabou indiretamente contribuindo com o dinheiro que foi destinado para o bispado. No entanto, esta mesma massa poderia acabar excomungada, só pelo fato de aderir a Maçonaria.

É importante destacar que compreendemos o/os autor/autores das matérias dos jornais, não como construtores individuais de discursos, mas como “produto de uma construção coletiva que faz intervirem múltiplas instituições”. A fala de Mário Melo que representou o discurso maçônico, por exemplo, é um trabalho de “reinterpretação, transformação, reempregos”, de outros discursos anterior a ele. Assim, um autor não existe sozinho.¹⁷⁹

Outro discurso maçônico que trabalhou a questão da excomunhão de indivíduos pelas autoridades católicas foi narrado por Câmara, de forma descontente, no *Archivo Maçonico*:

Não por amor á publicidade resolvemos escrever este bilhete, mas simplesmente para levar á *Tribuna*, sem pedir alviçaras [sem pedir notícia feliz], porque receamos já tenha sciencia, - noticia de haver o abbade d. Romulo Murri, em 23 de março pretérito, em Roma, ridicularizado sua excommunhão, assumindo em publico o compromisso de, em breve, desvendar escândalos occorridos nas rodas do Vaticano.

¹⁷⁸ MÉLO, Mario. O Bispado de Campinas. Revista *Archivo Maçonico*. Recife. Ano 4, nº 35, jul, p. 15-16, 1909.

¹⁷⁹ MAINGUENEAU. Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.76.

As declarações do excomungado produziram, diz o telegramma onde colhemos a nova, grande sensação nos circulos ecclesiásticos, mas, a nós, *pedreiros livres*, afirmamos não terem causado espanto nem surpresa.

[...] Nunca se revelou tanta intolerancia nas acções da igreja como na excommunhão de d. Romulo. A igreja não permite que sejam apontados seus erros; seus ministros não podem – tratando-se de investigações scientificas, - ultrapassar o circulo de ferro por ella traçado, não tendo assim, liberdade de pensamento; e se desejam o conhecimento de determinadas questões, apreciadas contrariamente á igreja, teem de ler ás escondidas os escriptores *subversivos* como por exemplo LAMARCH, DARWIN, HUXLEY e HAECKEL [...].

Triste intolerancia! ¹⁸⁰ (grifo do autor)

Lê-se na notícia, que se direciona ao jornal *A Tribuna*, impresso da arquidiocese de Olinda, que um abade foi excomungado por ter tido o interesse de saber questões sobre a ciência¹⁸¹. Na matéria, o autor ataca o clero de impedir a liberdade de pensamento dos indivíduos e usa de metáfora, quando se refere ao “círculo de ferro” traçado pela Igreja, referindo-se a censura aos escritos científicos. Como já foi visto, a Igreja não simpatizava com as ideias modernas e tinha um comportamento mais tradicional. Dessa forma, os maçons a viam como instituição retrógrada que impedia o “avanço” social.

Conflitos sobre moral e filosofia também estavam estampados nas páginas dos impressos. Neste período, era comum uma matéria católica acusar ou difamar uma matéria maçônica. Isto logo resultava numa outra matéria de réplica maçônica pela acusação feita pelo jornal católico. Assim ocorreu no trecho de matéria da revista maçônica a seguir:

[...] queremos chamar precisamente a attenção do publico e notadamente das almas ingenuas que vêem apenas a superficie das cousas sem profundar o seu senso intimo e significação real, para aquellas mesmas conferencias em que o redentorista Julio Maria e o padre João Gualberto, chamando a si uma vaidosa popularidade que as largas transcripções da imprensa diaria, açulam e inflammam, vão tecendo o seu *bouquet* rethorico a par de inverdades historicas e erros de apreciação philosophica e simples moral, em que se pretende reivindicar para o catholicismo uma série de virtudes que elle não póde desenvolver nem alimentar no individuo, em que a sua primeira obra consiste na destruição da propria fé, como não póde influir no dominio das relações collectivas como elemento de ordem e como expressão de progresso- sabido que a igreja contraria a sciencia, mutila a fé e deprime a moral. ¹⁸² (grifo do autor)

A matéria, que inicialmente diz que se dirige precisamente ao público e “almas ingênuas”, mostra que os maçons querem chamar a atenção da população para a sua causa,

¹⁸⁰ CAMARA, O. Bilhete a Descoberto. Revista **Arquivo Maçonico**. Recife. Ano 4, nº 33, mai, p.14-15, 1909.

¹⁸¹ A matéria revela, mais adiante, ser este o motivo da excommunhão do abade.

¹⁸² Ultima Ratio. Revista **Arquivo Maçonico**. Recife. Ano 4, nº 33, mai, p.3, 1909.

que era a correta e a verdadeira. E, para isso, apresenta seus argumentos que, ao longo da matéria, deprecia o discurso católico e valoriza o do maçom. A produção dos discursos segue alguns procedimentos externos, tais como a uma *vontade de verdade*, ou seja, é a vontade de fazer pressão para o outro aceitar ou entender a sua fala como sendo a “verdadeira”.¹⁸³

Ainda sobre as palavras do periódico acima, põe-se a fala dos religiosos, Julio Maria e padre João Gualberto, em descrédito, quando nega suas afirmações sobre fatos histórico, moral e filosófico. Lembrando que o Júlio Maria foi um dos líderes religiosos mais representativos da Recatolização, defensor das causas eclesiásticas e crítico do sistema político republicano.¹⁸⁴ O autor continua a matéria da revista *Arquivo Maçônico* e reivindica que a moral católica não se baseia na generosidade e sim no terror de atormentar as almas fracas. Alega ainda que a Igreja não tem poder sobre as relações coletivas e nem sobre o progresso cientificista que os maçons tanto defendiam, e a Igreja condenava. Nesta parte da matéria, notamos o conflito cientificista/maçônico *versus* conservadorismo/católico.

A matéria termina criticando o discurso do padre Gualberto, tal discurso tratou também sobre os temas da mulher e do aborto. Disse o padre: “Hoje, mais do que nunca, a ciência moderna defende os interesses do feto, procurando por todos os meios, evitar o aborto, e isso a igreja o faz desde vinte séculos, com a sua moral”. A revista maçônica novamente desmente a fala de “desfarçatez e de inverdades” do padre, dizendo que, em certos conventos, a prática do aborto foi até encorajada, e antes da igreja tentar reabilitar a mulher, quem primeiro o fez foi Cristo e a ciência moderna.¹⁸⁵ Vê-se a disputa no campo ideológico-social entre eles, como pode ser observado em seus discursos. Para os maçons, a fala do padre é falsa e pretensiosa, e quem carrega a “verdade” e a razão são os maçons – que entendem mais sobre cristianismo do que os próprios católicos – e a ciência.

Os maçons que também discutem sobre política, alertam para o perigo de uma Igreja partidária. Assim critica o *Arquivo Maçônico*:

Cantando a nova aria, o *Hebdomadario* [publicação semanal] gasta esforços, em outro lugar, para apregoar a necessidade de um partido catholico, porque o catholicismo não pode ser extranho á política e a republica deve ser chistã, em vez de *maçonizada*. O assalto ao poder está em vista. [...] O programa do pretenso partido é *vastíssimo*. [...] Está ahi: o programa do futuro e intolerante partido regenerador, [...], é a causa das investidas contra a maçom

¹⁸³ GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2006. p.98.

¹⁸⁴ SOUSA JÚNIOR, José Pereira. O Processo de Restauração Católica no Brasil na Primeira República. **Fato & Versões**. v.7, n.14, p.81, 2015.

¹⁸⁵ Última Ratio. Revista **Arquivo Maçônico**. Recife. Ano 4, nº 33, mai, p.5, 1909.

∴ [maçonaria] A miragem do poder está fascinando... Deus livre o Brasil de semelhante praga de gafanhotos no poder.¹⁸⁶

O articulista da matéria destaca, o suposto Partido Católico como intolerante e que por vias políticas, queria chegar ao poder e assim destruir a Maçonaria.¹⁸⁷ Percebe-se, na fala da revista, o desejo dos católicos em relação à República: deve ser cristã e não ter a influência dos maçons. Neste período, é sabido que os católicos buscavam maiores influência e poder, e a participação do clero em um partido político fazia parte do desdobramento dos planos de Recatolização da Igreja.

Os discursos dos impressos, enunciados por seus autores, produziram efeitos de poder na sociedade. Acreditamos que o poder não estava apenas nas altas esferas católicas ou maçônicas representadas, por exemplo, pelo Papa ou pela fala do Grande Oriente do Brasil. Nesta lógica, concordamos com Michel Foucault¹⁸⁸, quando diz que o poder está em todo o lugar. Foram os *micros poderes* que se espalharam e se legitimaram através de discursos e estratégias dos grupos sociais.

Não foram apenas os maçons que estiveram na luta por maior espaço e atuação social nos periódicos. Também os católicos, representados, geralmente, por uma intelectualidade laica e elitista, estiveram constantemente à frente das matérias dos jornais e revistas, em defesa das causas da Igreja. Os discursos da imprensa católica não foram sempre os mesmos e variaram ao longo do período. No entanto, o final do século XIX e início do XX, foi o momento no qual a principal característica desses textos era a luta contra a Maçonaria e a defesa da fé católica, da infalibilidade papal e dos demais dogmas da Igreja.¹⁸⁹

A imprensa da Faculdade de Direito do Recife foi veículo dos ideais estudantis, através de seus discursos. Moura¹⁹⁰, que pesquisou os intelectuais católicos durante os anos de 1930 no Recife, diz que os estudantes da Faculdade de Direito, que formavam parte da juventude católica da cidade, tinham uma filosofia conservadora e “defendiam a relação da ciência com o pensamento cristão para a solução das crises sociais”. Estes estudantes tiveram seus impressos, tais como: *Folha Universitária* que circulou entre 1933 e 1935; e *Ação Universitária*, fundado em 1936. Seus jornais tinham a proposta de construção de um Estado com bases políticas apoiadas na religiosidade católica: “os membros da Faculdade de Direito

¹⁸⁶ CAMARA. Intolerancia e Mentiras (I). Revista **Archivo Maçonico**. Recife. Ano 4, nº 33, mai, p.8-9, 1909.

¹⁸⁷ Lembrando que não houve efetivamente um Partido Católico no período, ficando este apenas no campo das ideias da Recatolização da Igreja.

¹⁸⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. passim.

¹⁸⁹ SILVA, Severino Vicente. **A Primeira Guerra Mundial na Tribuna Religiosa: o nascimento da neocristandade (1917-1919)** Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 1985. p. 24.

¹⁹⁰ MOURA, 2012, p.69.

buscaram unir as duas propostas, mantendo a relação da política iluminada com a ordem e a moral, tendo como base os valores da Igreja”.¹⁹¹ De forma geral, tal mocidade católica e conservadora estava envolvida politicamente com as causas de Recatolização da Igreja. E assim, tinha seus meios e espaços de combate, uma vez que entendia que era necessário lutar contra o que a ameaçava: a Maçonaria, doutrinas de esquerda, a descristianização social, a perda da moral social, entre outros.

Além dos periódicos já mencionados, a revista *Era Nova*, nascida em 1890, no Recife, foi um dos veículos dos discursos católicos. O impresso, que se encerrou em 1902, não teve uma vida ininterrupta, tendo as vezes que suspender sua circulação por dificuldades financeiras. Sua primeira versão teve a redação na Rua Gervágio Pirez, e em outro momento no Seminário de Olinda. Suas matérias, em sua maioria, tinham destaque para: ataque a ditadura do liberalismo; defesa do catolicismo e de um pretenso Partido Católico; encíclicas; pastorais; valorização de ideias positivistas e ataque a Maçonaria e ao protestantismo. A seguir a fotografia de Dom Miguel de Lima que foi usada nas páginas da revista pelos seminaristas redatores para homenagear o prelado.



Figura 4 – Dom Miguel de Lima¹⁹²

¹⁹¹ Idem. p.121.

¹⁹² **Era Nova**. Olinda, out. 1936. p.3.

A imagem do bispo aparece na página que antecede uma matéria sobre o jubileu episcopal do religioso. Na imagem, Dom Miguel aparece com feições serena e firme, “como a figura do Pastor dentro do seu rebanho”. A cruz de destaque pendurada no pescoço do prelado reforça a mensagem de que a instituição que o guia é a Igreja Católica.

Dentre os redatores, poder-se-ia encontrar membros da Igreja: padres, freis, e cônegos. Em 1898, o periódico *Era Nova* se desentende com outro impresso – *Jornal do Recife* – por razões de debates com relação à Maçonaria.¹⁹³ A *Era Nova* exibiu críticas à Maçonaria, enquanto que o *Jornal do Recife* tomou a defesa dos maçons. O *Jornal do Recife*, segundo Nascimento, tinha como líder Carneiro Vilela que defendia causas maçônicas. É importante dizer que Carneiro Vilela não atuou em favor dos maçons apenas no *Jornal do Recife*, uma vez que também foi fundador do periódico maçônico *O Oriente* do Rio Grande do Norte e da revista *A América Ilustrada* do Recife, de cunho liberal e anticlerical.¹⁹⁴

Outro periódico de bastante força católica que circulou em Pernambuco durante o período foi *A Tribuna Religiosa*. O *Jornal A Tribuna Religiosa* foi veículo impresso da arquidiocese de Olinda que durou bastante tempo. Iniciou suas publicações em 1909 e seguiu até 1960.¹⁹⁵ Seus redatores poderiam ser padres ou leigos intelectuais comprometidos com as causas católicas. Em suas matérias, eles escreveram sobre diversos temas, como: conselho para agricultores sobre métodos de plantio; epidemias; debates políticos; notícias de outros países; defesa dos papas; combate ao protestantismo, aos judeus e a Maçonaria.

Seus intelectuais procuravam seguir as instruções restauradoras dos papas para com a Igreja. Nas páginas da *Tribuna*, era comum encontrar relação com os documentos papais e seus próprios ensinamentos. No exemplar de 1909, observa-se a menção ao papa Leão XIII e sua condenação a Maçonaria, quando disse:

Os maçons. [...]

Segundo a bulla de Leão XIII, a maçonaria é <<criminosa em sua organização>> - os afiliados promettem obedecer cegamente e sem discussão as ordens dos chefes; - conservar-se sempre promptos, mediante notificação, ao mais simples signal, executar as ordens transmitidas, sujeitando-se de antemão, em caso contrario, ao tratamento mais rigoroso e até mesmo á morte>>(Leao XIII).

A maçonaria é ímpia em seus princípios, em seus actos contrários á religião>> - Ella admite <<que. Em todas as cousas, a natureza e a razão

¹⁹³ NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco**. Vol. II. Diários do Recife 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco. 1966. p. 320-330.

¹⁹⁴ Carneiro Vilella. <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=534>. Acesso em: 29 set. 2016.

¹⁹⁵ SILVA, Severino. 1985. p.29.

humana devem ser senhores e soberanos, e que não há revelação! Procura <<excluir a Igreja de toda participação no governo dos negócios humanos e separar-a do Estado>>.

A maçonaria é <<immoral em seus princípios, e em seus actos contra a lei natural>>.

-<<Ella não conserva mais em sua integridade e em sua certeza as verdades accessíveis á luz da razão natural só:<<a existência de Deus, a espiritualidade da alma>>.

[...]

A maçonaria é<<destruidora da família>> por seus princípios e seus actos contra <<a educação e instrução das crianças>> que confia inteiramente ao Estado e dos quaes exclue até o nome de Deus.

A maçonaria é, <<revolucionaria por seus princípios e seus actos oppostos á verdadeira sciencia política>>.

Admite a <<igualdade>> para todos e sob todos os pontos de vistas; - a liberdade absoluta>> para todos, negando que um homem tinha o direito de mandar sobre outro homem; diz que o <<poder>> está totalmente no povo livre que transmite a autoridade a quem quer e tira-a o que'lhe apraz; proclama a autoridade que a <<lei deve ser áthea>>. (grifo do autor)¹⁹⁶

O autor acusa a Maçonaria negativamente ao dizer que ela é anti-religiosa e imoral. Também menciona o caráter revolucionário da instituição e a coloca como responsável pela separação da Igreja com o Estado. O discurso do articulista fica justificado pelo documento de Leão XIII, em que se fez referência no início da matéria, reforçando os planos restauradores da Igreja.

Notícias antimaçônicas veiculadas em outros países também foram reproduzidas pelo impresso da Arquidiocese de Olinda. Tudo isso com o claro objetivo de forjar a ideia de que a Maçonaria era uma instituição perigosa internacionalmente. Estas matérias davam a entender que os maçons eram combatidos em várias partes do mundo por motivos similares.

Dessa forma, *A Tribuna Religiosa* reproduziu a notícia da Argentina com relação à Maçonaria quando escreveu:

O governo da Argentina e a Maçonaria.

São dignos de nota os considerandos [sic] em que se fundou o presidente da Republica Argentina, quando negou a Personalidade civil á Maçonaria. A maçonaria, disse o relator da comissão nomeada para lhe examinar os estatutos, não procura o bem commum dos cidadãos, mas os interesses egoístas dos seus membros.

Tem todos os caracteres dum comitê meramente político, afim de levantar os seus membros ao poder;

E' obrigado pelos seus estatutos a combater a liberdade de ensino para della se escluirem os membros do clero secular e regular; e nisto vae contra a constituição da Republica que garante a todos o direito de ensinar.

¹⁹⁶ Os Maçons. *Tribuna Religiosa*. Recife, ano III, n. 2, jan. 1909. p.2.

Os seus estatutos impõem-lhes um fim anti-christão, e a constituição Argentina manda proteger a Religião catholica;
Com juramento e terríveis ameaças tira a seus adeptos a liberdade de independência política, e nisto vae contra a lei eleitoral do Paiz.
Emfim a maçonaria constitue no Estado outro Estado e em face do governo uma falsificação do governo. Ufa! ¹⁹⁷

Nota-se o mesmo tom de intolerância sobre a Maçonaria na Argentina, quando o presidente negou a personalidade local civil da Maçonaria, por achar que a instituição não traria benefícios para o governo, pois ela seria anti-religiosa e conspiradora e colocaria, assim, em risco a nação argentina. Dessa forma, a reprodução dos discursos contra os maçons era somada a outros fatos e acontecimentos locais preenchendo o imaginário dos intelectuais e clero católico brasileiro.

A cidade de Franca também teve um periódico católico de mesmo nome: *A Tribuna de Franca*. Reis Tavares¹⁹⁸, em sua pesquisa, analisou os embates entre católicos ultramontanos e maçons em alguns dos principais jornais da cidade de Franca. E, a partir desse estudo, podemos perceber a similaridade dos objetivos e atuações da imprensa católica nos estados brasileiros, do período, com a sua atuação na referida cidade. Em Franca, assim como em Pernambuco, o jornal era ferramenta de defesa dos ideais católicos. *A Tribuna de Franca* teve como principal redator o sacerdote da Igreja da cidade. Esse, desencadeou uma campanha contra os maçons que abriram uma loja no final do século XIX na região.¹⁹⁹

Os temas do impresso *Tribuna de Franca* não divergiam muito dos temas dos demais jornais católicos do período. As matérias discutiam: teologia dogmática; combate ao liberalismo, ao racionalismo, ao espiritismo, ao protestantismo e a Maçonaria.²⁰⁰ Segundo Reis Tavares, o jornal: “[...] destacou-se na imprensa local por suas posições conservadoras e pela sua cruzada empreendida contra a Maçonaria, o espiritismo, o protestantismo e o positivismo”.²⁰¹

Dessa forma, em vários estados brasileiros, assim como em Pernambuco, as matérias que circulavam nos jornais católicos do período convergiam. Os discursos já pronunciados de um grupo católico eram repetidos por outro. Todos apontando para o perigo maçônico. Desta forma, a retomada do já-dito sobre os maçons encontrou um espaço

¹⁹⁷ O Governo da Argentina e a Maçonaria. **Tribuna Religiosa**. Recife, ano III, n. 2, jan. 1909. p.1.

¹⁹⁸ TAVARES, Marcelo dos Reis. **Entre a Cruz e o Esquadro**: o debate entre a Igreja Católica e a Maçonaria na imprensa francana (1882-1901). Dissertação (Mestrado em História). Franca: PGH/UNESP, 2006.

¹⁹⁹ Ibidem, p.46.

²⁰⁰ Ibidem, p.93.

²⁰¹ Ibidem, p.48.

receptivo entre aqueles que já compactuavam com posições antimaçonaria. Assim sendo, os discursos de alerta e denúncias sobre a Maçonaria foram percebidos dentro de um campo de interdiscursividade, em que os novos discursos dos jornais católicos retomavam discursos já pronunciados sobre a Maçonaria de períodos anteriores.²⁰²

Thiago Gonçalves²⁰³ observou a imprensa maçônica e católica no Rio de Janeiro, durante o final do século XIX e início do XX, a fim de perceber como esta imprensa ajudou a montar os espaços públicos e uma cultura impressa, em meio ao conflito de idéias entre católicos e maçons. Em sua pesquisa, utilizou o periódico *O Apostólico*. Esse se mantinha através das assinaturas de seus leitores e circulou entre 1866 e 1901, sendo um dos periódicos de grande representatividade das ideias católicas, no Brasil, durante a Primeira República.

Segundo Gonçalves, os conteúdos de *O Apostólico* poderiam ser divididos em três eixos temáticos: o primeiro aborda os movimentos de perseguição à religião católica, que tinha por responsáveis os maçons e os órgãos liberais de imprensa; o segundo abrange as críticas aos protestantes, em contraposição aos benefícios que a religião católica oferecia ao país; e o último eixo temático abarca os ataques e censuras voltados às associações maçônicas.²⁰⁴

Como já foi dito, o plano de Recatolização da igreja passava pela mobilização de uma elite leiga católica defensora das causas do clero. Dentre algumas autorias das matérias, foi possível identificar nomes de diversos bispos, padres e parlamentares contrários aos maçons. Seus redatores, na maioria das vezes, não assinavam ou tinham pseudônimos.²⁰⁵

Ainda segundo Gonçalves, “o impresso se tornou um instrumento da alta hierarquia católica para a propagação de sua luta contra os “inimigos da fé”. Estabeleceu-se, sobretudo, em seus editoriais, uma verdadeira campanha contra as maçônicas, o liberalismo, o socialismo e o protestantismo” (grifo do autor).²⁰⁶

As ideias propagadas pelo jornal *O Apostólico*, do Rio de Janeiro, também circulavam nos impressos católicos do Recife e reafirmavam que os “inimigos da fé” eram os maçons (além dos protestantes, comunistas e outros). Esses tinham maquinado as reformas liberais e estavam acabando com a ordem que os católicos haviam ajudado a construir.

²⁰² ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2005. p.32.

²⁰³ GOLÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo Maçônico e Cultura Política na Corte Imperial Brasileira (1871-1874)**. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: PGH/UFF, 2012.

²⁰⁴ Ibidem, p.73.

²⁰⁵ Ibidem, p.70-71.

²⁰⁶ Ibidem, p.73.

Outro periódico católico que expôs a relação de conflito com a Maçonaria foi a revista *A Ordem*, fundada em 1922. Ela teve como líder o intelectual Jackson de Figueiredo e constituiu-se no órgão jornalístico do *Centro Dom Vital*, no Rio de Janeiro. A revista teve como principais temas de suas matérias: o combate a Maçonaria, a divulgação e a valorização do ensino religioso e das ações católicas restauradoras empreendidas pelo país.

Em 1933, a revista *A Ordem*, através de um dos articulistas, lançou o seguinte olhar sobre a Maçonaria:

Contra essa civilização chistã, aparece uma nova pretensa civilização, “da liberdade”, igualdade e fraternidade, encobrindo uma liberdade apenas para um 1/3 da humanidade, uma liberdade que lançaria os outros 2/3 na escravidão e uma fraternidade fechada num círculo de sympathias pessoas, ignorando a piedade social e incapaz de abrir um asylo ao sofrimento, á velhice e á infância abandonada. [...] Esse “círculo fechado”, [...], nada mais é que a seita maçônica, instrumento secreto das aspirações duma raça pretensamente eleita e encobrindo no mais profundo do seu recesso, nas esferas mais avançadas, os princípios velados do satanismo por via de círculos arcanicos longe da periférica vulgaridade revelada.²⁰⁷ (grifo do autor)

Percebemos que, para o autor, a Maçonaria, que tinha relações satânicas, conspirava, em segredo, contra a civilização cristã que representava a cristandade católica. Ainda segundo o impresso, os maçons, que não praticavam caridade, nem ajudavam o sofrimento dos idosos e de crianças abandonadas, passavam uma ideia enganosa sobre os lemas defendidos durante a Revolução Francesa de liberdade, Igualdade e fraternidade. Nesta lógica, os católicos alertavam a população sobre o perigo representado por esta seita, e divulgavam o bem que a Igreja, ao contrário dos maçons, era capaz de fazer.

Foi importante termos o cuidado de identificar não apenas a procedência ideológica do jornal, mais também o lugar institucional de seus autores, pois a mensagem pode construir sentidos diversos, dependendo de quem fala e de onde se fala. Tanto maçons quanto católicos partiram de lugares sociais diferentes e “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”.²⁰⁸

As acusações que diziam que os maçons conspiravam tomar a gestão dos Estados ao redor do mundo também foram percebidas em outra matéria de *A Ordem*. Na Matéria

²⁰⁷ PEGANO, Sebastião. Revista *A Ordem*. Ano 13, n. 37-38, mar-abr, 1933. p.200-201.

²⁰⁸ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.67.

intitulada *A Maçonaria no Brasil*, o autor chega a citar Dom Vital e argumenta sobre o caráter organizado e político da instituição. Ainda segundo *A Ordem*:

[...] a Maçonaria, aos seus intimos, uma especie de laboratorio, onde se combinam as grandes idéas, onde ganham ellas força e vigor, para se espalharem pelo mundo profano, de uma maneira positiva, real e pratica. [sic]

Evidentemente, na manipulação das idéias e dos factos é infallivel o sucesso quando nessa labuta se empenha todo o esforço de uma instituição que conhece o mundo e não é d'elle conhecida.

Accresce ainda que a Maçonaria não é uma associação só de outras, a sua constituição vital consiste em muitas associações organizadas por superposição de grupos, de modos que as superiores são para as inferiores verdadeiras sociedades secretas.

Assim, pois, sem ser vista e sem ser sentida, se exerce a suprema direcção, e permanece sempre occulta atraz das individualidades que lhe obedecem ás aspirações, podendo cada uma dellas de per si presumir de suprema.

[...] Ante as ruinas fumegantes da Revolução em 1794 exulta da satisfação o *Grande Capitulo* dos maçons allemães, e exclama: A ordem maçônica revolucionou os povos da Europa por muitas gerações.²⁰⁹

O discurso que denigre a instituição acima se apoia, novamente, no argumento que define os maçons como uma sociedade secreta organizada que conspira contra os governos mundiais. Ainda para a revista, a Maçonaria foi responsável pelo período do Terror – uma das fases mais violentas da Revolução Francesa que guilhotinou centenas de pessoas.

O autor da revista *A Ordem*, Bartholomeu de Almeida, continua, na mesma matéria, as acusações inflamadas contra os maçons, dizendo que da mesma forma que os pedreiros franceses tentaram contra a monarquia na Revolução Francesa, também os maçons brasileiros tentaram em Minas Gerais, na inconfidência Mineira: “[...] parece fora de duvida, allude a possibilidade de terem sido maçonicos os conjurados da Inconfidencia que haviam estudado na Europa”.²¹⁰ Sobre os “conjurados que haviam estudado na Europa”, o autor se refere aos filhos da elite brasileira que buscavam formação fora do Brasil e voltavam cheios de ideias liberais.

Facilmente encontraremos a agregação do maçom ao judeu, nas revistas católicas do período em que se dizia que: “... Enquanto existir o ódio judaico contra o christianismo, a Maçonaria terá que viver...”.²¹¹ Em outra matéria, a mesma associação é percebida, porém os maçons/judeus estavam atrás dos diamantes no ciclo do ouro nas Minas Gerais. Assim escreveu *A Ordem*:

²⁰⁹ ALMEIDA, Bartholomeu de. Revista **A Ordem**. Ano 13, n. 37-38, mar-abr, p.237-238, 1933.

²¹⁰ ALMEIDA, Bartholomeu de. Revista **A Ordem**. Ano 13, n. 37-38, mar-abr, p.240, 1933.

²¹¹ Revista **A Ordem**. Petrópolis, mar. p.248, 1935.

[...] quanto judeo não teria attrahido para a Capitania de Minas Geraes, só o nome de Villa Rica, com a famosa profusão de suas minas inexauríveis. Menor não havia de ser a colonia israelita em volta dos diamantes do Tejuco. Nunca têm os judeos os arraiaes desprovidos de tendas maçônicas, o mais seguro disfarce da sua atividade e do seu poder.²¹²

Os católicos não tinham dúvidas quanto à relação maçons/judeus, e ambos eram seus inimigos, pois ameaçavam a religião católica e tramavam ocultamente contra a ordem social que a Igreja queria proteger.

Além da associação ao judeu, os maçons também foram relacionados aos comunistas. Foi nos jornais católicos que tais acusações acorreram. Geralmente, alertava-se sobre os “inimigos reais’ da Igreja, os quais deveriam ser extirpados da nação”.²¹³ Dessa forma, o discurso dos católicos colocou num mesmo nível de semelhança e de periculosidade maçons, judeus e comunistas, durante o início do século XX.

No entanto, a Maçonaria tentou reagir às acusações que estavam sendo construídas e que uniam, num mesmo bloco, as figuras do maçom, o judeu, e o comunista. Em 1934, o Grande Oriente do Brasil emitiu uma circular às lojas e maçons, declarando que todo membro que ingressasse na AIB, ou no Partido Comunista Brasileiro (PCB), deveria ser eliminado dos quadros maçônicos.²¹⁴ Percebemos, então, que a Maçonaria não queria ser acusada de carregar o título de semita, tampouco de comunista, tentando afastar de suas lojas qualquer *álibi* que servisse ao Estado para apontar os maçons.

Podemos dizer que os espaços de luta, nos impressos em que se desenrolaram os conflitos entre católicos e maçons, no início do século XX, foram dinâmicos. Destacamos a imprensa maçônica como ambiente irradiador de discursos liberais e de críticas aos conservadores e às lideranças da Igreja. Foram nos jornais que os maçons se posicionaram politicamente, valorizando a laicidade social e fortalecendo-se como instituição, uma vez que enfrentavam associações aos males da modernidade. Também os católicos, inspirados pelos bispos reformadores, empreenderam seu projeto de Recatolização para fortalecer a Igreja perante a sociedade e o Estado. Seus impressos estamparam discursos de afinidade com o governo, defesa das causas católicas, além de combate a Maçonaria.

²¹² ALMEIDA, Bartholomeu de. Revista **A Ordem**. Ano 13, n. 37-38, mar-abr, p. 239, 1933.

²¹³ ALMEIDA, Maria. 2001, p.109.

²¹⁴ MOREL; SOUZA. 2008, op. cit. p.211

2.3 A Pedagogia Maçônica *versus* Católica.

Nos jornais, os maçons e os intelectuais católicos de Pernambuco discutiram o tema da educação. Cada qual de um lado, registrando suas posições, questões e concepções pedagógicas para a juventude do Estado. Os maçons, os católicos e o Estado compreendiam o poder que a instrução de uma geração de jovens poderia proporcionar e foi pensando nisso que tais grupos dariam suporte para o desenvolvimento dos objetivos aos quais queriam alcançar, educando uma juventude com bases voltadas para seus interesses. A educação, então, foi instrumento ideológico para a implantação dos projetos maçônicos e católicos.

A educação no Brasil, durante o final do Império, foi bastante precária. O descaso deixou os ensinos primário, secundário e profissional em estado lamentável. Esta realidade só melhorou no período da República quando contou com iniciativas maçônica e católica, pois fundaram escolas e bibliotecas. E com isso, conseguiram levar a educação a uma parcela da população.²¹⁵ Convém lembrar que o aumento do número de estabelecimentos de ensino, na fase republicana, não foi muito expressivo. Segundo Barata²¹⁶, por volta dos anos de 1920, 48% das crianças do Brasil, em idade escolar, estavam fora da escola.²¹⁷ O autor destaca ainda que a Constituição de 1891 não considerava dever do Estado a garantia do ensino público, no entanto, saber ler e escrever eram considerados um ato de cidadania.

Foi muito comum à disseminação de um anticlericalismo, por parte dos maçons, em defesa dos ideais liberais, cientificistas e modernos no campo educacional. O projeto maçônico de educação defendia um ensino laico, democratizado, com formação para a cidadania e que tinha como prioridade a instrução primária.²¹⁸ Dentro do campo de disputa, os maçons divergiam dos católicos sobre o ensino que deveria ser ofertado nas escolas. “[...] Sempre fomos [...] adversários intransigentes do ensino religioso nas escolas”, diziam os maçons em seus periódicos em Pernambuco.²¹⁹

Os maçons tiveram a iniciativa de abrir escolas e bibliotecas por todo o país, mantidas pelas lojas maçônicas, com a finalidade de influir na estrutura da sociedade e barrar

²¹⁵ COLUSSI, Eliane Lucia. A Maçonaria Brasileira e a Defesa do Ensino Laico (Século XIX). Revista **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000, passim.

²¹⁶ BARATA, 1999. p. 140.

²¹⁷ A expansão do número de escolas relacionadas com a maçonaria no período republicano é confirmado por Morel e Souza (2008) que dizem que em 1922 foram contabilizadas 132 escolas maçônicas e 22 bibliotecas no país. Cf., MOREL; SOUZA. 2008, p.187.

²¹⁸ SILVA, Augusto. 2007, p.60.

²¹⁹ Revista **Archivo Maçônico**. Recife, 1906.

o conservadorismo católico.²²⁰ De acordo com seus discursos, as lojas não distinguiam a classe social que receberia a instrução. A educação difundida pelos maçons foi mais voltada para o público desfavorecido, enquanto que o ensino oferecido pelos católicos voltava-se mais para os filhos da elite.²²¹

Segundo Fernando Magalhães²²², os maçons empreenderam, no final do século XIX e início do XX, projetos educacionais pelo território nacional. Seus projetos estavam voltados para uma instrução pública, laica, mista e relacionada com o trabalho. Ainda segundo Magalhães, no projeto maçônico, foi notória a implantação do ensino noturno para o aluno-trabalhador que aprendia funções que atenderiam a demanda da indústria e do comércio.²²³

Em Pernambuco, o ensino voltado para o mundo do trabalho também foi percebido. Ele atendia uma demanda industrial moderna que se instalava na capital. No Recife, a *Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*, criada por profissionais (operários, mecânicos e etc) de cor escura, com a finalidade de prestar assistência aos associados e proporcionar o ensino das primeiras letras na primeira metade do XIX, transformou-se no *Liceu de Artes e Ofícios*.²²⁴

A *Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais* não tinham um local próprio, até a *Irmandade de São José do Ribamar*, uma confraria que reunia profissionais de artes mecânicas, ceder um espaço. Com o tempo, a Sociedade contou com alguns aliados de peso da política pernambucana, e até recebeu a visita do imperador D. Pedro II. O prestígio que passou a ganhar junto ao governo provincial rendeu a Sociedade uma verba anual do governo pernambucano, a fim de ajudar a custear os gastos da Associação. Com isso, essa associação teve agregada a sua missão a necessidade de levar o progresso modernizador ao Recife.²²⁵

Entretanto, alguns anos sem o apoio do governo da província fez com que a Associação passasse por muitas dificuldades financeiras. A quantidade de sócios havia diminuído, e os desentendimentos com a *Irmandade de São José do Ribamar* fez com que a sociedade deixasse as dependências onde estavam instalados. Vários locais foram feitos de sede para a Associação, até que, em 1871, recebeu uma verba para a construção de um

²²⁰ BARATA, 1999, p.133.

²²¹ MOREL; SOUZA. 2008. p.188.

²²² MAGALHÃES, Fernando da Silva. **Maçonaria e Educação**: contribuições para o ideário republicano (1889-1930). Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ, 2013. passim. O autor destaca mais a criação de escolas profissionalizantes, porém também menciona a iniciativa maçônica para a fundação de orfanatos.

²²³ Ibidem, p.134.

²²⁴ COSTA, Wendell Rodrigues. Instruir e trabalhar: a sociedade dos artistas mecânicos e liberais de Pernambuco e o liceu de artes e ofícios (1841-1880). Revista **Linhas**. Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 253 - 280, jul.-dez. 2013.

²²⁵ Ibidem, passim.

palacete, num terreno cedido pelo governo, que já não abrigaria a *Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*, mas um Liceu de Artes e Ofícios.²²⁶

A inauguração do prédio do Liceu, nove anos depois do início das obras, foi comemorada pelos recifenses. Viu-se, em Recife, durante a Primeira República, um estabelecimento educacional laico com uma proposta de ensino voltada para o mundo do trabalho, o que atenderia aos setores da indústria e do comércio naquele momento. É interessante destacar que a *Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*, que se transformou no *Liceu de Artes e Ofícios do Recife*, pode ter sido uma instituição patrocinada pela Maçonaria. A hipótese para tal questão está na fachada do palacete construído para abrigar o Liceu que carrega o símbolo maçônico do esquadro e do compasso, bem como a proposta de ensino da escola que casava com os planos pedagógicos dos maçons do período.



Figura 5 – Fachada do Liceu de Artes e Ofício do Recife com o símbolo maçônico do esquadro e do compasso²²⁷

Sobre a atuação dos maçons em escolas, Milena Candiá diz que eles fundaram, no Estado, a *Sociedade Propagadora da Instrução Pública de Pernambuco*, em 1872. A escola *Pinto Júnior* foi a primeira escola normal particular criada no Brasil, onde mais tarde se tornaria *Ginásio Pinto Júnior*.²²⁸

Mesmo assim, as escolas fundadas pela iniciativa maçônica tinham que conviver com as críticas e os conflitos dos católicos que valorizavam outra proposta de ensino. Para as lojas, a Igreja Católica despertava uma imagem negativa de uma sociedade retrógrada, ao manter as crianças e jovens presos a ensinamentos supersticiosos. Nas páginas do *Arquivo Maçônico*, é possível ver as acusações dos maçons à forma católica de ensinar:

²²⁶ Ibidem, passim.

²²⁷ Fotografia, OLIVEIRA, Carmem Lopes de. 19 ago. 2016.

²²⁸ CANDIÁ, 2015, p.160.

Já é muito certamente que a ignorancia das massas, a superstição grosseira da maioria e a tolerancia de espiritos sensivelmente timoratos em face de tudo que se lhes impõe como uma força ou poder – força moral que se lhes degenerou em desgraçada contingencia physica – assistam com a resignação impassivel das plantas que suportam as parasitas cujas raizes arrancam-lhe a seiva com que lhe emprestam uma falsa cabelleira sorridente de folhagem e exquisitas flores – e deixem que esses entreguem os seus filhos que amanhã talvez lhes peçam contas, á educação viciosa e sombria dos clérigos que em seus estreitos cenobios mutilam os livros didaticos ao mesmo tempo que nos cerebros infantis amputam o raciocinio que apenas esponta indagador e curioso em torno dos phenomenos circundantes [...].²²⁹

De acordo com os maçons, a educação dos clérigos era “viciosa e sombria”. Tal ensino foi denunciado pelos maçons, na tentativa de passar a ideia negativa do ensino religioso. Contra este ensino sombrio, a educação maçônica representava “a luz” que iluminariam a sociedade das trevas, formando cidadãos instruídos. Dentro da filosofia maçônica, também observamos que a instrução fazia parte do processo de formação de um maçom. Após o indivíduo ser iniciado na ordem, passava por um aprendizado baseado na moral e no amor ao próximo para “combater a ignorância, o fanatismo e as superstições, verdadeiros entraves do progresso do ser humano”.²³⁰

Outra ação católica, relacionada ao ensino, condenada pelos maçons, em Pernambuco, foi a “proliferação de escolas paroquiais na cidade” do Recife.²³¹ Como forma de combater e de ganhar influencia social, a Igreja decide fundar escolas que trabalhariam com a mocidade e que tinham uma base voltada para o ensino religioso.²³² As iniciativas da Igreja de abrir escolas católicas eram fortalecidas nos debates que ocorriam nos Congressos Católicos, nos quais se discursava sobre diversos assuntos: o ensino primário, o ensino religioso, ou sobre a direção dos colégios.²³³ Foi também em um desses congressos que se pensou a efetivação da *Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica* (CMMA), em 1924²³⁴.

Segundo Campos e Cabral²³⁵, a CMMA serviu para fortalecer o poder da Igreja na cidade do Recife, além de promover um movimento de moralização e de condutas antiliberais

²²⁹ O Ensino Oficial. Revista **Archivo Maçonico**. Recife. Ano 4, n. 33, mai, p.4, 1909.

²³⁰ QUEIROZ, Álvaro de. **A Maçonaria Simbólica**. São Paulo: Madras, 2010, p.109.

²³¹ SILVA, A. 2007, p.62.

²³² Algumas destas escolas católicas funcionam na cidade do Recife ainda hoje: Salesiano, Nobrega, Marista. Isto não significa dizer que a pedagogia delas não se alterou com os anos.

²³³ AZEVEDO, Ferdinand. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936**. Recife: FASA, 1986, p.106.

²³⁴ Ibidem, p.127.

²³⁵ CAMPOS, Eduardo Luiz Cavalcanti; CABRAL, Newton Darwin de Andrade. A Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica no Recife: uma atuação religiosa, política e cultural (1923-1946). In: V Colóquio de História: Perspectivas Históricas, historiografia, pesquisa e patrimônio. nov. 2011. Recife. **Anais**. Disponível

e anticomunistas. O plano dos congregados era ensinar a fé cristã aos indivíduos e esses, por sua vez, a levariam para suas famílias, e estas colocariam em prática os ensinamentos religiosos, na sociedade.²³⁶

Os congregados Marianos foram inimigos ferrenhos da Maçonaria. Assim observamos nas pesquisas de Campos e Cabral:

Episódio interessante a ser destacado foi a criação de um Departamento que visava, assim como ocorreu com alguns grupos religiosos do Rio de Janeiro, a implantação do ensino religioso nas escolas públicas. O movimento se intitulou de “União Nacional Católica por Deus e pela Pátria” (*U.N.C.D.P.*). Os *brigadistas* saíam pelas ruas do Recife, entoando o *hino de guerra* da entidade: “Avante por Cristo/Que é nosso Rei/Que impere na Pátria/Jesus e sua Lei”. A Maçonaria, diante do movimento, convocou alguns congregados para uma audiência pública em que se discutisse o tema, e eles compareceram! Durante a reunião, alguns congregados entenderam que houve uma ofensa à Campanha. Na confusão formada, houve trocas de tapas e empurrões até a Rua Formosa, atual Conde da Boa Vista. Posteriormente, o presidente Getúlio Vargas decretou a existência de ensino religioso em escolas públicas.²³⁷

Acima se percebe um dos conflitos que ocorreu e envolveu intelectuais católicos marianos e maçons. Os congregados marianos, de característica nacionalista e autoritária, defendiam que o ensino religioso fosse ministrado nas escolas públicas, causa que mais tarde foi instaurada pelo presidente Getúlio Vargas. Os maçons, contrários ao ensino religioso, convocam uma audiência pública para que ambos pudessem debater o caso. No entanto, o resultado do debate terminou em brigas e conflitos físicos.

Outro conflito por motivos na área educacional, também entre Maçons e congregados marianos, foi registrado pelo padre Ferdinand:

Os maçons [da loja Conciliação do centro da cidade do Recife] estavam promovendo comícios públicos contra a medida [de não estabelecer ensino religioso facultativo nas escolas públicas]. Numa noite em janeiro de 1931, vinte Congregados foram assistir ao comício da Loja Maçônica Conciliação. Estavam reunidos aproximadamente quinhentas pessoas e o inevitável aconteceu. O orador, Nilo Câmara, estava palestrando e, a certo trecho, insultou a Igreja Católica. Naturalmente um dos Congregados deu um “não

em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.33-44.pdf>> Acesso em: jul. 2016.

²³⁶ Ibidem, p.36.

²³⁷ FERREIRA, apud, CAMPOS; CABRAL, 2001. p.39. Este episódio que envolveu os congregados marianos e os maçons pode ter sido o mesmo relatado por Ferreira, nas pesquisas de Campos e Cabral; no relato do padre Ferdinand, logo a seguir; e por Paulo Cavalcanti na sequência deste capítulo. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, também encontrou este mesmo episódio nas matérias de *A Tribuna* do Recife, de 1934. Cf., ALMEIDA, Maria. 2001, p.184.

apoiado” Veio em seguida um aparte de José Maria de Albuquerque Melo contra o Congregado e logo se realizou uma briga. (grifo do autor) ²³⁸

Acima, sobre o mesmo tema – o ensino religioso nas escolas públicas – o padre Ferdinand Azevedo conta que os congregados foram insultados pelos maçons em um comício público. No entanto, a versão do padre acima não revela as informações de Paulo Cavalcanti²³⁹ a seguir, possivelmente, sobre o mesmo episódio.

Segundo Cavalcanti, que também conta uma versão sobre o acontecido, José Maria de Albuquerque Melo, – mencionado no trecho do documento acima – ardoroso congregado, “quase fanático”, encarava as ideias religiosas “como problemas de vida ou de morte”. Diz Cavalcanti que: “Nessa época, [José Maria] à frente de um grupo de correligionários, invadiu e quase depredou, no centro do Recife, a loja maçônica *Conciliação*, pondo em debandada os “venerandos irmãos” que ali se reuniam”. ²⁴⁰

Segundo as pesquisas de Maria Almeida, nas páginas do jornal católico, *A Tribuna*, este episódio foi relatado por Nilo Pereira, que era o secretário da *Congregação Mariana* do período, como uma “epopeia de cristãos *versos* hereges”. Nilo Pereira citou a Maçonaria como instituição diabólica, enquanto que se referiu às ações dos congregados marianos como gesto altivo e nobre. Lembrando que os marianos faziam apologia ao fascismo europeu, e tinham como objetivo a regeneração dos costumes que estavam destruídos pela laicização. ²⁴¹

O embate narrado acima gerou uma repercussão tamanha para o período. O conflito maçônico com os marianos pôde ser encontrado em vários registros e serviu para ilustrar o clima de intolerância entre a defesa das causas maçônicas e católicas para o campo pedagógico: o ensino laico defendido pelos maçons e o religioso pelos católicos.

Também foi possível observar o conflito católico/maçônico no campo educacional na edição da *Tribuna Religiosa*, de 1907. O impresso trouxe sua indignação com relação a uma ação maçônica nos livros didáticos franceses.

Ardil maçônica.

Lemos no *Courier de Bruxelles*: <<No furor anticlerical da Bélgica em 1879, o governo de então tinha começado a depuração (sic) dos diversos clássicos para as escolas, tirando o nome de Deus de todos os livros da literatura da infância. Ora a mesma coisa estão fazendo em França.

²³⁸ AZEVEDO, Ferdinand. 1986, p.135-136.

²³⁹ CAVALCANTI, Paulo. **A Luta Clandestina**: (o caso eu conto como o caso foi). Recife: Editora Guararapes, 1985. p.20.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.20.

²⁴¹ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p. 184.

Com a diferença porém que a maçonaria francesa é mais velhaca (piu furba). Reimprimiram todos os livros para as escolas, tirando deles tudo o que fala de Deus e da religião católica; mas fizeram de modo, para enganarem a mocidade, que as novas edições são impressos, não só com os mesmos tipos e com as mesmas capas, mas tiveram o cuidado de que cada pagina comece e acabe com as mesmas palavras, ou antes, com as mesmas sílabas. Destinado, muitos crendo serem ainda edições anteriores, com, compram enganados>>. O escritor do artigo avisa aos catholicos franceses para que não caiam na trama.
(Do observatore Romano).²⁴²

Nota-se a insatisfação dos católicos com os maçons franceses que, segundo a *Tribuna*, estão atentando contra a fé cristã ao suprimir dos livros infantis qualquer referência a Deus e a religião católica. A notícia tem o objetivo de alertar a comunidade sobre as artimanhas dos maçons, uma vez que eles pretendiam enganar a população ao vender livros alterados e descristianizados.

Outra organização católica que foi inimiga da Maçonaria e também atuou no meio educacional foi a Ordem dos *Jesuítas*. Desde sua fuga de Portugal, os Jesuítas acusaram a Maçonaria republicana portuguesa de, “numa campanha de odio e de diffamação”²⁴³, ter expulsado os religiosos de Portugal e destruído a monarquia do país. Após expulsos das terras ibéricas, os religiosos vêm para o Brasil e se instalam, principalmente, com a missão educativa religiosa, fundando escolas.²⁴⁴ Destacamos que a vinda de missões católicas para o Brasil fez parte do projeto católico de Recatolização que trouxe algumas congregações para atuarem no país.

A Ordem dos *Jesuítas*, neste período, atuou no ensino de forma tradicional, o que não agradou os maçons. Tais maçons, que procuravam difundir uma instrução pública e laica, viram na educação jesuítica uma ameaça.²⁴⁵ No Recife, algumas escolas católicas foram empreendidas e mantidas pelo esforço das missões da Igreja.

Augusto Silva nos diz que, até 1912, algumas lojas em Pernambuco também mantiveram esforços para manter escolas no interior do Estado, onde o ensino era mais carente. “As lojas *Fraternidade e Progresso*, da cidade de Goiana, *Instrução e Beneficência*, localizada em Paudalho e *Dever Humanidade* em Caruaru, mantinham, com recursos próprios dos seus obreiros, as despesas destas escolas”.²⁴⁶

²⁴² Ardil Maçônica. *Tribuna Religiosa*. Recife, n. 31, dez. p.3. 1907.

²⁴³ ALMEIDA, Bartholomeu de. Revista *A Ordem*. Ano 13, nº 37-38, mar-abr, p. 239, 1933.

²⁴⁴ AZEVEDO, Ferdinand. 1986, passim.

²⁴⁵ MOREL; SOUZA. 2008, p. 186.

²⁴⁶ SILVA, Augusto. 2007, p. 66.

Augusto ainda nos lembra das bibliotecas fundadas e mantidas pela iniciativa maçônica. O autor nos conta que, no interior do Estado, a biblioteca da loja de Goiana, *Fraternidade e Progresso*, chamou atenção pela quantidade de títulos que estavam disponíveis para a população. Outras lojas que também mantiveram bibliotecas de acesso à população foi a *Obreiros do Norte* em Timbaúba e *Instrução e Beneficência* em Paudalho.²⁴⁷

Durante o período ditatorial, Paulo Cavalcante²⁴⁸, promotor público, conseguiu recuperar parte dos livros e reabrir a biblioteca da loja Maçônica *Fraternidade e Progresso* da cidade de Goiana, que no período estava proibida de atuar por ordens da ditadura do Estado Novo. “Propus-me, como promotor público, a salvar da ruína a valiosa coleção de livros ali existentes”.²⁴⁹ As estantes contavam com mais de seis mil volumes de obras valiosas. A biblioteca fundada em 1876 era considerada a mais antiga biblioteca do interior do Estado.²⁵⁰

A partir dos anos de 1930, a Igreja se fortaleceu junto à sociedade civil, e seus discursos em relação à educação estavam compactuando com o do Estado. Não houve divórcio entre eles. A Igreja e o Estado reforçavam uma parceria essencial, na qual a primeira se esforçaria sobre a família, enquanto que a segunda sobre as organizações do trabalho.²⁵¹

Nesta fase, os governos autoritários estavam em prática pelo mundo, e no Brasil e em Pernambuco não foi diferente.²⁵² O ministro da Educação e Saúde do país, Gustavo Capanema, de 1934-1945, teve como ferramenta ideológica sobre as massas: a educação. Foi através do ensino que intelectuais católicos, clero e Estado reproduziram, através da imprensa, suas doutrinas. Em Pernambuco, Nilo Pereira estava à frente do departamento de Educação do Estado. Lembrando que Nilo Pereira foi o líder do laicato católico, congregado mariano, defensor e disseminador das ideias autoritárias e nacionalistas.²⁵³

Nesse sentido, os intelectuais católicos foram os funcionários leais e fiéis e estavam com poderes e influência políticas sobre a educação, principalmente durante o período da interventoria de Agamenon Magalhães (interventor do Estado), que se iniciou em 1937, com o golpe autoritário do presidente da república Getúlio Vargas.²⁵⁴ Em relação à educação, o que se efetuou, nos anos de 1930, foi um projeto político pedagógico que refletiu o caráter conservador e autoritário da ditadura do período.

²⁴⁷ SILVA, Augusto. 2007, p. 66.

²⁴⁸ CAVALCANTI, 1985, p.26.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ ALMEIDA, Maria. 2001, p.76.

²⁵² ALMEIDA, Maria. 2001, p.24-25.

²⁵³ ALMEIDA, Maria. 2001, p. 38.

²⁵⁴ ALMEIDA, Maria. 2001, p. 65.

Foi com a força de decretos e leis que a educação passou a ser usada pelo Estado. A Igreja, na década de 30, através da revista *A Ordem*, convoca o movimento católico, através de articulações da *Ação Católica Brasileira*, para chamar a atenção do Estado sobre seu papel neste novo governo. O Estado responde positivamente, através de um decreto nº. 19.941, que facultava o ensino religioso nas escolas públicas. Este fato comprova as articulações Igreja e Estado que estariam por vir durante a década, não apenas dentro da instância educativa, mas também em outros aspectos.²⁵⁵

Mas, as articulações da Igreja para a educação foram mais ambiciosas, pois o movimento católico queria que o Estado ficasse contra o ensino “neutro”, muito representado pela pedagogia maçônica. No entanto, os planos da Igreja não foram de todos atendidos, pois esta ideia passaria por cima do projeto modernizador de Vargas, que queria o desenvolvimento do ensino técnico, para atender a demanda da indústria e do comércio²⁵⁶.

Para a decepção dos católicos, o decreto nº. 19.941, que facultava o ensino religioso nas escolas públicas, foi revogado em 1932, deixando a intelectualidade católica mais uma vez desapontada com o Estado.²⁵⁷ O que não quer dizer que seus discursos e articulações estiveram separados durante os anos 30.

Nas páginas da revista *A Ordem*, pode-se perceber um pouco dos princípios pedagógicos dos católicos. Conforme demonstra a revista em 1933. “[...] Aliás, não é de hoje que a Maçonaria pretende objetivar o seu grande sonho de dominação escolar. Essa pretensão remonta á Revolução Franceza, [...] Ella remonta a Danton, a Robespierre... [...]”²⁵⁸. A associação que a revista *A Ordem* fez, no trecho acima, é a de que a Maçonaria é conspiradora e revolucionária, ameaçadora dos Estados.

Acima, a justificativa para tal cautela era de que os maçons, sendo herdeiros de uma prática revolucionária que remetia a Revolução Francesa, sonhavam e planejavam dominar o ensino no Brasil. Tal discurso de acusação tem intercruzamento com os discursos e literaturas antimaçônicas que observamos desde o final do século XIX e foram até o início do XX, e que foram debatidos no capítulo anterior.

O caráter autoritário e a demanda industrial moderna, dos anos de 1930, fizeram com que outros elementos se agregassem à proposta de ensino dos católicos. Segundo o plano

²⁵⁵ BENTO, Luiz Carlos. **Educação em Litígio**: Gustavo Capanema, Conciliação e Reforma nos anos de 1930. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: PGH/UFG, 2006, p. 36.

²⁵⁶ Ibidem, p.37.

²⁵⁷ Ibidem, p.38.

²⁵⁸ LUBAMBO, Manoel. Em que Consiste a Escola Única? Revista **A Ordem**. Rio de Janeiro. ano XIII, nº 37 e 38, mar e abr, p.215, 1933.

educacional de Nilo Pereira, os colégios deveriam reproduzir a pedagogia “estatal/católica”. Essa consistia em ensinar, sobretudo, noções sobre a família, nacionalismo, e religião. Ou seja, se baseava na ideia da trilogia fascista: “Deus, Pátria e Família”.²⁵⁹

Dessa forma, as condições do período agregadas aos objetivos dos dirigentes do poder – representados pelo Estado em sua aliança com a Igreja – refletiram as propostas do ensino que deveria vigorar nos anos de 1930. Sobre os planos do Estado com a Igreja, concordamos com Foucault quando interrogou:

O que é afinal o sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?²⁶⁰

Nesse sentido, o plano educacional estatal/católico, que se baseou em um projeto autoritário, fascista, e nacionalista, foi uma forma política de assujeitamento, em que se utilizou o poder e o saber para doutrinar indivíduos.

Os planos de ensino do Estado e da Igreja não passaram pelas ideias socialistas. Manoel Lubambo²⁶¹, defensor católico, alertou sobre o perigo socialista entre os maçons:

Trabalho de absorção que de mãos dadas com a maçonaria elle [o socialismo radical] vem promovendo com a sua grande paciencia de inimigo da Egreja.
Que a escola única está infeccionada de socialismo e maçonismo não resta a menor duvida. [...] a escola única não consiste numa reforma propriamente pedagogica, como a escola activa; ella consiste, antes, numa reforma profundamente social e tendenciosamente politica. É por ella que o socialismo pretende fazer valer a suaperigosa ideologia material.²⁶²

O intelectual católico associa a Maçonaria, que era a inimiga da Igreja, ao movimento Socialista e ao projeto da *Escola Única*. Para Lubambo, o projeto socialista era

²⁵⁹ ALMEIDA, Maria. 2001, passim.

²⁶⁰ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970, p.42.

²⁶¹ O pernambucano Manoel da Costa Lubambo pode ser inserido entre o grupo de intelectuais representantes do pensamento católico conservador dos anos 30 em Pernambuco. Na implantação da Interventoria em Pernambuco, em 1937, o Interventor Agamenon Magalhães escolheu Manoel Lubambo Secretário da Fazenda. Foi grande colaborador de matérias da revista católica *Fronteiras*. AZEVEDO, Ferdinand. Manoel Lubambo: um representante do pensamento católico conservador pernambucano dos anos 30. Revista **Intellectus**. v. 1, n.3, 2004.

²⁶² LUBAMBO, Manoel. Em que Consiste a Escola Única? Revista **A Ordem**. Rio de Janeiro. ano 13, nº 37 e 38, mar e abr, p. 215, 1933.

extremamente perigoso para a sociedade e não poderia entrar em vigor, por várias razões que ele defende ao longo da mesma matéria.

Sobre a associação da Maçonaria com o Socialismo, Morel e Souza²⁶³ destacam que, devido ao caráter vanguardista dos pedreiros, ao se depararem com a questão operária no Brasil, ainda no século XIX, tiveram contato com ideias socialistas recém-saídos da Europa. As más condições de trabalho dos operários das fábricas pode ter chamado atenção dos maçons, no sentido de que tal situação feria os planos maçônicos de desenvolvimento moral e intelectual do ser humano. Assim, as causas socialistas atraíram os olhares maçônicos de forma simpática. Tal associação foi apoiada até mesmo pelo Grande Oriente do Brasil (GOB) no período.²⁶⁴

Com relação ao ensino privado, oferecido pelas instituições católicas, a Igreja argumentava que as suas eram superiores às oficiais (públicas). Como se lê a seguir: “[...] O ensino privado é de todos os tempos. Em certas épocas não se conheceu outro ensino, o Estado tendo sabido conservar-se nos limites traçados para a sua acção propria. E pode-se dizer que em qualidade é incomparavelmente superior ao official [público].”²⁶⁵

Acima, além dos católicos defenderem o seu tipo de ensino ofertado, que, para eles era superior ao público e ao oferecido nas escolas maçônicas, justificavam a não viabilidade das instituições públicas, pelo ônus que tais escolas poderiam causar ao Estado: “[...] A tendencia é retornar para o Estado o onus de todos os serviços; [...] Tudo sequencia da desorganização chaotica em que o capitalismo está deixando a sociedade moderna.”²⁶⁶ O autor culpa o capitalismo e o modernismo pela desorganização caótica da sociedade, desobrigando o Estado das responsabilidades sociais. Nas entrelinhas, deixa entender que apoia o conservadorismo e o tradicionalismo, pois condena o capitalismo e o modernismo.

Assim, vimos que maçons e católicos conflitaram bastante sobre vários aspectos, não apenas em Pernambuco, produzindo e reproduzindo discursos. Os conflitos foram motivados tanto por ideologias doutrinárias, quanto por questões políticas. Uma, representando, principalmente, ideias liberais e racionalistas, rivalizava com a outra, de característica basicamente tradicional e conservadora.

Os espaços sociais em que se deram os embates entre católicos e maçons foram diversos. Dentre os espaços católicos, mereceu destaque vários elementos. O primeiro, os

²⁶³ MOREL; SOUZA. 2008, p.189.

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ LUBAMBO, Manoel. Em que Consiste a Escola Única? Revista **A Ordem**. Rio de Janeiro. ano 13, nº 37 e 38, mar- abr, 1933. p. 218.

²⁶⁶ Idem, p.217.

planos de Recatolização da Igreja, que retirou os clérigos de sua zona de conforto e os redirecionou a uma nova estratégia de atuação, junto aos intelectuais católicos e ao povo. O segundo, o jornalismo comprometido com os planos da Igreja. Além da educação e das instituições católicas de assistência social, que foram bandeiras de luta e espaços para maior ganho de poder social. Já os maçons, também empreenderam ações culturais junto à sociedade, como, por exemplo, editoração dos impressos, fundação de escolas, bibliotecas, creches, e ainda, obras de caridade e beneficência.

No início do século XX, a Maçonaria ainda se mostrou insatisfeita e combatia aos católicos, porém também se esforçava para se defender das acusações das ressonâncias que as literaturas anti-maçônicas estavam fazendo, bem como, das associações com os judeus e comunistas que fizeram a instituição perder prestígio junto ao povo, que temia tais grupos. Percebemos, nesta fase, uma interdiscursividade que circulou entre os periódicos católicos, trazendo a tona antigos argumentos e justificativas de perigo sobre os maçons.

A Igreja, nos anos 30, em meio a um sentimento de falência do liberalismo, estava mais fortalecida perante a sociedade civil, e continuava a brigar com a Maçonaria e com o sistema liberal. Seu plano político-ideológico, unido aos do Estado, lhe rendeu projetos que trabalharam sobre as massas e, em alguns momentos, chegou a atingir o formato autoritário e conservador. Também o Estado se utilizou da religião para fortalecer seus discursos autoritários, “sacralizando a política”, ou seja, fez com que as ações do governo fossem bem aceitas pela população, pois estavam “abençoadas por Deus”²⁶⁷.

Ao longo dos anos 30, maçons e católicos continuaram conflitando em um cenário político fascista no país. Conjuntamente, alguns intelectuais católicos, de forma militante, vestiram camisas verdes e marcharam para defender interesses morais e nacionais, declarando-se inimigos da Maçonaria. Vejamos a seguir, como se deram os conflitos entre maçons e intelectuais católicos dentro dos periódicos, no qual observamos a rivalidade entre maçons e os integrantes da *Ação Integralista Brasileira*.

²⁶⁷ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus, 1986. p.18

3. Plinianos versus os Filhos da Viúva²⁶⁸.

Neste capítulo, buscaremos demonstrar como se deram os conflitos entre intelectuais católicos, pertencentes à Ação Integralista Brasileira (AIB), e os maçons da cidade de Garanhuns, na década de trinta. Para tal, usamos algumas fontes periódicas como a da loja *Mensageiros do Bem* da cidade de Garanhuns, interior pernambucano: “*O Mensageiro*”. O periódico maçônico “*O Mensageiro*”, publicado durante as primeiras décadas do século XX, era órgão de propaganda da loja “*Mensageiros do Bem*” que foi fundada em 1894 dentro da onda expansionista maçônica do final do século XIX.²⁶⁹

Pelo conteúdo do jornal percebe-se que seus redatores eram indivíduos intelectuais e politizados. Os temas do impresso geralmente tratavam de política, poesia e informações de âmbito geral, tais como notas de falecimento de pessoas ilustres que visitaram a cidade, atrações da cidade e propaganda de comerciantes e serviços. Dos exemplares pesquisados, as matérias sobre política eram as maiores e, assiduamente, noticiavam ora queixas e críticas aos integrantes da AIB, ora defesa a Maçonaria.

Os maçons de “*O Mensageiro*” não concordavam com as ações e doutrinas dos integralistas, também chamados de “camisas verdes”. Tal movimento, liderado por Plínio Salgado, voltou-se para um nacionalismo e tradicionalismo católico, que conflitou com a ideologia maçônica que buscava o liberalismo laico. A discordância entre as duas instituições, que ocorreu nos anos 30 na cidade de Garanhuns, é um fragmento sobre as divergências entre a AIB e a Maçonaria que ocorreram em outras partes do Brasil, já que as duas instituições estiveram presentes em grande parte do território nacional. A exemplo temos um fator ocorrido no estado do Ceará, no qual, em 1937, “a Grande Loja do Ceará lança seu órgão oficial, o jornal *Democracia*. Nele, os maçons defendem-se dos ataques dos adversários, sobretudo clericais, e alertam para os perigos do integralismo e do comunismo.”²⁷⁰

Outra fonte que nos proporcionou conhecer os posicionamentos integralistas foi o jornal *A Offensiva*, editado no Rio de Janeiro, que se tornou o diário de

²⁶⁸ A expressão “Filhos da Viúva” é usada pelos maçons para se referirem a eles mesmos.

²⁶⁹ SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal: Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em História). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007. p.69.

²⁷⁰ SILVA, Marcos José Diniz. *A Democracia Liberal em face das ideologias dissolventes: a Maçonaria cearense frente à Aliança Nacional Libertadora e ao Integralismo em 1935*. In. SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

doutrinação da AIB com maior número de tiragens e distribuição no país.²⁷¹ E para tentar visualizar o discurso do Estado em meio a essa relação de conflito entre AIB e Maçonaria, nos debruçamos sobre o *Diário da Manhã*, publicado na capital pernambucana.

A seguir, veremos como a não simpatia partidária e ideológica de ambas as instituições se deram em um momento político fértil para polarizações políticas e ideológicas, provenientes da descrença no sistema liberal, gerando divisões entre, liberais maçons laicos e católicos integralistas de direita.

3.1 À direita do Catolicismo.

O uso do discurso religioso pode ser usado como ferramenta ideológica por líderes políticos, chefes de estado, ou mesmo pelo clero, para sensibilizar seus ouvintes e atraí-los para sua causa. Assim foi visto na História do Brasil em meados dos anos trinta, quando intelectuais católicos, em busca de defesa de princípios nacionalistas, morais, e tradicionais, usaram o discurso católico para se aproximar da massa e do Estado. No capítulo anterior, vimos que Congregados Marianos, Jesuítas e até lideranças da Igreja se articularam de diversas formas, usando o discurso religioso para alcançar maior prestígio junto à população e ao Estado. A Ação Integralista Brasileira (AIB), considerada por alguns autores²⁷² como o primeiro partido de massa do Brasil, também se utilizou desse método para atuar na sociedade com uma doutrina partidária extremista.

Falar do integralismo se tornou uma difícil tarefa, pois existem diversas versões sobre suas características que, conseqüentemente, fragmentam a visualização que se poderia construir sobre o movimento. Até 1970, os estudos que se dedicaram ao integralismo eram carregados de um discurso estereotipado e discriminatório, criado pelos opositores dos “camisas-verdes”, e dessa forma a versão construída pelos integralistas não era explorada. Após 1970, os trabalhos em torno do integralismo ganham força através dos novos métodos e abordagens, o que possibilitou diferentes

²⁷¹ SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. A Propaganda no Jornal A Offensiva. In: VICTOR, Rogério Lustosa. **À Direita da Direita**: estudos sobre o extremismo político no Brasil. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2011.

²⁷² FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os Primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In: **À Direita da Direita**: estudos sobre o extremismo políticos no Brasil. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. p.60.

olhares sobre os Integralistas. Nesta fase, destacaram-se pesquisas que viram o integralismo como um movimento com características próprias e com uma concepção particular de autoritarismo, que os retirou da generalização fascista europeia. E só a partir da década de 1990 que as pesquisas sobre o integralismo deixam de focar no caráter autoritário do movimento para se dedicar as questões culturais ou de gênero, como por exemplo: a relação do integralismo com imigrantes; ou a participação juvenil e feminina no movimento e outros.²⁷³

Na década de 30, maçons e integralistas agiram como inimigos. Podemos dizer que as causas para tais discordâncias estiveram relacionadas às ideologias político-partidárias de ambos. Como já foi visto, os maçons difundiam a defesa do liberalismo e de um estado laico, já os integralistas queriam uma administração autoritária, baseada no tradicionalismo católico, e eram contra o liberalismo e as doutrinas de esquerda. Desde que surgiram, os integralistas representaram um inimigo forte para os maçons, pois eram numerosos e tiveram boa aceitação entre o público, principalmente entre os intelectuais, o clero e o Estado. A simpatia que os populares demonstraram para com os integralistas foi propiciada pelo sentimento de falência do sistema liberal que favoreceu o surgimento de partidos e governos extremistas pelo mundo. O discurso integralista agregou a ideologia cristã contra as doutrinas de esquerda de forma doutrinária e extremistas. Já a ideologia maçônica não agradou a maior parte do público e das comunidades intelectuais católicas, que, como já foi visto, desconfiavam dos segredos maçônicos e os associavam a comunistas e judeus, que, por sua vez, estavam sendo temidos e perseguidos.

Os núcleos integralistas se multiplicaram pelo Brasil, pelas capitais e interiores em um curto espaço de tempo, ou seja, desde sua fundação em 1932 até a ilegalidade em 1938. Nos primórdios da AIB, havia um grupo de profissionais liberais e estudantes, criado em março de 1932 na cidade de São Paulo, chamado de *Sociedade de Estudos Políticos* (SEP). Seu objetivo era debater sobre a realidade política do Brasil, na defesa de elementos antiliberais e nacionalistas. Um dos líderes da SEP foi o jornalista Plínio Salgado, que era tido como escritor preocupado com os problemas do país. Naquele momento, Salgado já havia participado da Semana de Arte Moderna de 1922 e foi um

²⁷³ SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Integralismo e Historiografia. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007.

dos fundadores do grupo Verde-Amarelo que defendia um tipo de nacionalismo forte mesclado a ideias religiosas.²⁷⁴

Na liderança da SEP, Salgado fez contatos com grupos extremistas de intensa atividade no país. Tais grupos tinham características fascistas e autoritárias como, por exemplo, a *Legião Cearense do Trabalho* (LCT), que sofreu influência ideológica das obras do intelectual católico Jackson de Figueiredo e tinha uniformes e saudações entre seus membros, além da proposta de unificar a classe trabalhadora; e o *Partido Nacional Sindicalista*, que também possuía uniformes, emblema, e um juramento: “Pela Família, pela Pátria e por Deus”. Quando a SEP de Plínio Salgado deixou o debate teórico e iniciou a uma atuação prática, a fim de se tornar a Ação Integralista Brasileira, em outubro de 1932, passou a fundir dirigentes e características dos outros movimentos e partidos políticos do Brasil. Dessa forma, a AIB já nascia com a vantagem de ser uma organização de caráter nacional, com núcleos organizados pelo país, o que proporcionou aos integralistas um rápido crescimento e aceitação.²⁷⁵

Já os maçons, muito mais antigos que os integralistas em solo brasileiro, apenas demonstraram uma expansão no número de lojas no final do século XIX para o início do XX, ou seja, não tiveram um crescimento tão rápido quanto a AIB.²⁷⁶ O crescimento quantitativo de membros filiados integralistas era publicado no jornal como demonstração de força e influência. Era comum encontrar nos impressos informações contendo a quantidade de membros que participou de determinado desfile ou evento, ou ainda uma listagem com os nomes das pessoas que passaram a fazer parte do movimento.

Segundo Moura, de 1934 para 1935, o número de filiados integralistas pernambucanos dobrou. Este aumento, registrado da AIB no ano da tentativa do golpe comunista no Brasil – evento que ficou conhecido como a Intentona Comunista –

²⁷⁴ SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Forma do Sigma**: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2002. p.18.

²⁷⁵ FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os Primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In: **A Direita da Direita**: estudos sobre o extremismo políticos no Brasil. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. p.50-51.

²⁷⁶ É possível comprovar a sua existência de maneira regular no Brasil, a partir do início do século XIX. MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O Poder da Maçonaria**: a história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.55.

demonstra como o movimento foi bem aceito entre a população, que buscava uma doutrina que combatesse as ideologias exóticas.²⁷⁷

O uso de periódicos também foi utilizado pelos integralistas para difundir a propaganda do seu movimento e doutrinar seus membros. O jornal integralista *A Offensiva*, impresso no Rio de Janeiro, que contou com tiragem nacional, foi um dos mais relevantes para o movimento. Assim que surgiu, em 1934, teve publicações semanais, e a partir de 1936, passou a ser diário.²⁷⁸ Nas páginas do impresso podiam-se ler as intenções ideológicas e políticas dos integralistas. Com a ajuda d'a *Offensiva*, os integralistas conseguiram divulgar a propaganda integralista de forma comercial, que por sua vez, induzia aqueles que desejassem se integrar ao movimento, ou apenas apoiá-lo. Eram estampados n'a *Offensiva* principalmente, os discursos de Plínio Salgado palestrados nas rádios, a insatisfação com o governo e com as doutrinas esquerdistas, estrangeiras e maçônicas.

Na edição de *A Offensiva* de 1936, o autor da matéria fala sobre a visita que alguns integralistas fizeram ao bispo de Campinas:

[...] Affirma d. Francisco de Campos Barreto [bispo de Campinas] que o Episcopado Brasileiro, não só não guerreia o Integralismo, como até delle é sympathizante. [...]
O Episcopado não tem interesse político: nestas condições, ninguém melhor que os bispos póde [para] julgar o Integralismo, sob esse aspecto, como doutrina inimiga de quaesquer extremismos, e, assim sendo, o Integralismo conquistou a sympathia das altas autoridades da Igreja.²⁷⁹

Observe que o autor do impresso se apoia no discurso do bispo, que dá credibilidade aos “camisas-verdes”, dizendo que entre a Igreja e a AIB há uma amizade. Desta forma, a imagem dos integralistas passada na matéria é a de um movimento que prezava pelos valores cristãos e que não era extremista, nem deveria ser temido. O caráter extremista da AIB foi motivo de discordância entre os “camisas-verdes” e os maçons, visto que a Maçonaria era contra ideologias extremistas e autoritárias e achava que os “camisas verdes” não passavam de uma cópia infeliz do fascismo italiano. É

²⁷⁷ MOURA, Carlos André Silva de. Integralistas e Católicos: as relações discursivas entre intelectuais católicos pernambucanos e a Ação Integralista Brasileira (1930-1937). In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007. p.72.

²⁷⁸ SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. A Propaganda no Jornal *A Offensiva*. In: VICTOR, Rogério Lustosa. **À Direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2011. p.98.

²⁷⁹ O Integralismo não é Extremismo! O discurso do Sr. Bispo de Campinas. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 232, jul. 1936. p. 2.

importante dizer que os “camisas-verdes” não se consideravam um movimento de caráter extremista, apesar de apresentarem diversas semelhanças com o fascismo.

Um das características que associou o movimento pliniano com o fascismo italiano foi a organização dos membros como um corpo militarizado por todo o Brasil, na qual havia uma hierarquia a ser seguida e obedecida. As bases administrativas integralistas se dividiam em unidades nacional, provincial (em cada estado), municipal e distrital. Cada uma dessas unidades tinha seus chefes, bem como suas subdivisões em secretarias. Plínio Salgado representava o chefe nacional. No jornal integralista *A Offensiva* é possível ver a referência às hierarquias internas do movimento: “[...] Subirá hoje de automóvel para Petropolis o Chefe Nacional Plinio Salgado, em companhia do dr. Almeida Salles, Secretario Nacional das Corporações, e do dr. Euripides Cardoso de Menezes, Secretario de Estados e Representante da Chefia Provincial Fluminense.”²⁸⁰ No trecho, Plínio Salgado, líder dos integralistas, está acompanhado de outras autoridades do movimento para discursar na rádio da região.

Vale destacar que as unidades e núcleos integralistas eram responsáveis por diversas funções, tais como: conseguir eleitores para os candidatos integralistas, convidar adeptos para se juntar ao movimento, contatar sindicatos, organizar projetos culturais junto às alas feminina e juvenil.²⁸¹ Faziam parte dos núcleos diversos adeptos que se filiavam ao movimento e organizavam desfiles, reuniões e congressos. Em tais ocasiões era possível ver os integralistas saudando o “ANAUE” com o braço levantado, semelhante à saudação nazista, “Hi Hitler”. Nos desfiles carregavam bandeiras, trajavam suas fardas habituais, as camisas verdes, e levavam consigo o símbolo do “Σ” (sigma), que para Plínio significava algo indivisível, a representação da unidade do movimento nacional e eterno.²⁸²

Abaixo é possível ver a imagem dos integralistas marchando:

²⁸⁰ O Chefe Nacional Falará Hoje ao Brasil Pela PRD-3. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano 3, n.221, jul. 1936. p.1.

²⁸¹ VIANA, Giovanni Noceti. Um Cadinho de Caracteres: aproximações sobre a juventude integralista (1934-1937). In: VICTOR, Rogério Lustosa. *À Direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2011.

²⁸² CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Do Sigma ao Sigma. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício. *Histórias da Política Autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. (Série Mundo Contemporâneo).



Figura 6 – Desfile integralista. A frente, líderes como Plínio Salgado e Gustavo Barroso

283

Na fotografia, percebem-se os integralistas fardados e marchando como militares. A semelhança do movimento com o fascismo italiano é percebida em diversas características organizacionais, estéticas e ideológicas. Outros integrantes que assistem nas laterais da via saúdam os “camisas-verdes” que desfilam com a saudação integralista de braço direito levantado: o “ANAUÊ”. É interessante observar, nesta foto, a escolha do ângulo e do momento do desfile pelo fotógrafo, pois ele escolheu registrar o momento em que Plínio Salgado estava à frente, liderando a tropa que vinha logo atrás, o que enalteceu o líder do movimento. Assim “[...] é difícil não se considerar o fotógrafo como um participante.”²⁸⁴.

O evento retratado acima transcorreu como muitos outros promovidos pelos integralistas. Eram mobilizados muitos membros para a cidade onde aconteceria o evento. E, em algum teatro ou ginásio fazia-se a reunião em que discursavam as principais autoridades dos “camisas-verdes”, ou ainda podiam-se cantar hinos nacionais ou o próprio hino dos integralistas. A ocasião acima contou com a presença do líder

²⁸³ Fotografia. Disponível em: <<http://osentinelablog.blogspot.com.br/2015/04/o-partido-nacional-socialista-no-brasil.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

²⁸⁴ GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo, UNESP, 1992. p.267.

Plínio Salgado e do integralista Gustavo Barroso. Este último, como já foi visto no capítulo anterior, dedicou-se a escrever alguns livros anti-maçonaria, e, em sua literatura, tratava da associação maçônica com a classe semita, que pretendia bolar um plano mundial de destruição da ordem estabelecida.

Podemos dizer que o discurso integralista foi uma mesclagem de nacionalismo, autoritarismo, tradicionalismo, de caráter religioso, contrários às ideologias liberais e comunistas. A proposta integralista pode ser percebida no *Manifesto de Outubro de 1932*, escrito por Plínio Salgado. Em tal Manifesto, que inaugurou a AIB, Salgado lança a base do movimento em um lema: “*Deus, Pátria e Família*”. E assim, deixa claro que os integralistas agiriam sob os preceitos do catolicismo, de forma nacionalista e valorizariam a moral. Em um trecho do Manifesto se lê:

Deus dirige os destinos dos povos. [...] O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade. [...] Esse é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs da nossa História e está no intimo de todos os corações. [...] A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. [...] Combatê-lo é o nosso dever. [...] E somos contra a influencia do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania.²⁸⁵

No trecho do Manifesto acima, podemos perceber o caráter cristão, nacionalista e tradicional do movimento que convocou todos os brasileiros a comporem a AIB, a fim de que juntos implementassem o Estado Integral, contra elementos estrangeiros e liberais. Esta proposta foi lançada em várias partes do país e conquistou parte da classe intelectual católica, que, por sua vez, simpatizou-se com o movimento, passando a integrá-lo. Em Pernambuco, um dos grupos de intelectuais que se encarregou de divulgar a proposta integralista ao povo recifense foram os estudantes da *Faculdade de Direito do Recife* (FDR). Com um mês depois do lançamento do Manifesto de Plínio em São Paulo, os Estudantes da FDR lançaram o “Manifesto do Recife” em apoio aos camisas-verdes.²⁸⁶ O apoio da intelectualidade católica do período aos integralistas contribuiu para dar credibilidade ao movimento perante a sociedade.

Dentre os intelectuais católicos e membros da Igreja que aderiram às fileiras de Plínio Salgado, destacou-se o padre Helder Câmara, membro da arquidiocese cearense

²⁸⁵ SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932**. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=75>> Acesso em: 06 jun. 2017.

²⁸⁶ SILVA, Giselda Brito. 2002. p. 44.

do período. Sua personalidade e discursos ajudaram a divulgação do movimento integralista. Foi através do padre Helder Câmara, em comícios integralistas, que muitas pessoas se identificaram com suas palavras e passaram a ingressar na AIB, que cresceu rapidamente.²⁸⁷

É importante dizer que a proposta integralista presente no discurso de Plínio Salgado, pode ser entendida em dois momentos: o primeiro vai de 1932 até 1936. Nele, o líder nega os partidos políticos, pois segundo ele, para se alcançar a ordem social seria preciso o unipartidarismo. No trecho do *Manifesto de Outubro de 1932* abaixo se observa:

[...] Por isso, o nosso ideal não nos permite entrar em combinações com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecemos a Nação. [...] A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos. [...] Por isso, não colaboramos com nenhuma organização partidária, que vise dividir os brasileiros.²⁸⁸ (grifo nosso)

Percebe-se, nos trechos destacados, que Plínio Salgado não era de acordo com o pluripartidarismo, pois, segundo ele, os partidos políticos eram um dos responsáveis pela má situação em que o país se encontrava. Nesse período, a AIB não era tida ainda como um partido político, apenas como um movimento.

O segundo momento da proposta da AIB, presente no discurso do líder integralista, ocorreu entre 1936 e 1937.²⁸⁹ Nesse período, Plínio lançou um programa de governo intitulado de *Manifesto Programa*, no qual seu discurso se aprimorou, quando comparado ao antigo documento de 1932: o Manifesto de Outubro. Apesar de negar que a AIB seria um novo partido político, Plínio deixa claro que o novo documento se tratava de um programa eleitoral. Vários integrantes da AIB alcançaram cargos políticos e o próprio Plínio lançou candidatura à presidência da República para as eleições de janeiro de 1938, porém em novembro de 1937 ocorreu o golpe do Estado Novo que adiou as eleições.

Os candidatos da AIB articulavam seus discursos com valores religiosos que lhes renderam apoio da Ação Católica Brasileira e da Liga Eleitoral Católica (LEC).

²⁸⁷ SILVA, Giselda Brito. 2002. p.72.

²⁸⁸ SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932.** Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=75>> Acesso em: 06 jun. 2017.

²⁸⁹ SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Forma do Sigma:** discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2002. p.45.

Como ambas as instituições trabalharam pela valorização da religiosidade católica no ambiente político, e contra o perigo comunista, viram na Ação Integralista uma aliada. Segundo Moura, na divulgação dos candidatos políticos da AIB houve apoio da LEC. Tal postura dos candidatos da AIB resultou em uma busca por legitimidade política e religiosa.²⁹⁰

Enquanto os integralistas se esforçavam para eleger seus membros dentro da política, escolhendo uma posição partidária mais conservadora e antiliberal, os maçons, contrariamente, simpatizavam-se pelos partidos de cunho liberal. Segundo José Diniz Silva, o momento político brasileiro era de polarização, na qual se configurou de um lado:

[...] grupos liberais, democráticos, progressistas, nacionalistas e esquerdistas em defesa de reformas políticas e modernização da sociedade, num arco ideológico que vai do liberalismo, da social-deocracia e aos movimentos e frentes de esquerda nacional-popular; de outro, setores conservadores tradicionalistas, adeptos do Estado integral e corporativista, do exclusivismo religioso e das soluções autoritárias.²⁹¹

Podemos localizar, na dicotomia política partidária dos anos 30, os integrantes da Maçonaria e da Ação Integralista. Uma adepta dos partidos liberais esquerdistas e a outra dos partidos conservadores ou do próprio movimento da AIB.

Na tentativa de desvirtuar a instituição maçônica, o jornal integralista disse que:

A Maçonaria, que vinha fazendo um combate sorrateiro ao fascismo por meio de “pranchas” dirigidas aos “irmãos”, acaba de abrir luta franca contra o Integralismo [...]
Esse combate – não é necessário acrescentar – é mantido sob o pretexto de salvar o liberalismo...
Torna-se bastante precário o liberalismo de uma seita que PROHIBE aos seus adeptos de seguirem a doutrina elevada que exalta Deus, Patria e Familia.
Logo, essa PROHIBIÇÃO é um atestado de que a Maçonaria é antiliberal [...].²⁹² (grifo do autor)

²⁹⁰ MOURA, Carlos André Silva de. Integralistas e Católicos: as relações discursivas entre intelectuais católicos pernambucanos e a Ação Integralista Brasileira (1930-1937). In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007. p. 77.

²⁹¹ SILVA, Marcos José Diniz. “A Democracia Liberal em face das ideologias dissolventes”: a Maçonaria cearense frente à Aliança Nacional Libertadora e ao Integralismo em 1935. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p.190.

²⁹² BRANCO, Alberto. A Foice e o Martello ao lado do Compasso e do Esquadro. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 278, set. 1936. p.15.

Segundo o autor, a Maçonaria não é liberal pelo fato de proibir em suas lojas membros integralistas, que por sua vez seguem o caminho virtuoso. O impresso se agarra a um fato para atacar os maçons no seu caráter ideológico liberal, na tentativa de desacreditar a Maçonaria.

Em todo o período de atuação da AIB, o caráter religioso esteve muito presente na doutrina do movimento, revelando um maniqueísmo discursivo. Em vários textos publicados nos jornais integralistas, os intelectuais do movimento e o próprio Plínio Salgado encaravam a sociedade como um lugar em perigo, ameaçado pelas forças maléficas, e que precisava ser salvo. As forças maléficas, então, eram representadas pelas doutrinas esquerdistas lideradas pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, pelo capitalismo, pela Maçonaria, e pelo judaísmo. Já as forças do bem eram representadas pelos “camisas-verdes” que agiam para construir uma cidade ideal: o Estado Integral.

A seguir, temos um trecho de uma matéria escrita por Plínio Salgado, em que se pode observar o maniqueísmo discursivo:

Fóra do Integralismo não ha salvação. Ou o Integralismo vence, ou a Nação morre. [...] Contra mystica do bolchevismo, só a mystica do Integralismo. [...] Somos uma força nacional. [...] Sei o que ella [a força nacional] póde fazer pelo meu Brasil. [...] Por isso, dante do diluvio que ameaça a Nação, não tremo nem vacillo. [...] O Integralismo, porém, é a Arca da Alliança. Dentro della, nos tabernaculos sagrados dos corações, todo o Pensamento e todo o Sentimento de um Povo. Elles se salvaram no meio das tempestades.
293

No trecho apresentado, escrito por Plínio Salgado, a doutrina de esquerda é a ameaça sobre a Nação, e os integralistas representam os salvadores. Ainda sobre o trecho, o autor trabalha com metáforas quando compara o integralismo com a Arca da Aliança, ou o dilúvio com os comunistas. A forma como o líder integralista trabalha o seu texto, articulando-o ao religioso, faz com que ele ganhe dimensões que vão além das palavras escritas.²⁹⁴ Ao lerem os jornais integralistas, seus leitores recebem a mensagem de que os “camisas-verdes” foram os escolhidos por Deus para defender a população dos males comunistas, liberais e maçônicos.

²⁹³ SALGADO, Plínio. Em Face do Diluvio. **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano 3, n.224, jul. 1936. p.2.

²⁹⁴ MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. POSSENTI, Sírio (Trad). São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 25.

A doutrina de Plínio ganhou força e adeptos na década de 30, aliando-se ao discurso religioso que, segundo a AIB, salvaria o Brasil contra as ameaças esquerdistas, das quais faziam parte os maçons. Seus membros, compostos, principalmente, por intelectuais da classe média, engrossaram as fileiras do sigma, enquanto escreviam nos jornais integralistas distribuídos por todo o país. O alcance dos periódicos da AIB chegou até o interior pernambucano, na cidade de Garanhuns onde um núcleo integralista foi fundado. Mas, na mesma cidade também havia uma loja maçônica, a *Mensageiros do Bem*, que editava um jornal maçônico com ideologia divergente das defendidas pelos “camisas-verdes”. Foi nas páginas dos periódicos, maçônicos e integralistas, que observamos quais motivações levaram ambas as instituições a conflituarem em solo pernambucano.

3.2 Conflitos do Compasso com o Sigma nos Periódicos.

Dentro dos círculos de intelectuais maçônicos e integralistas, debatiam-se os temas que moviam a dinâmica político-social do período. As atividades de conflito de ambos, registrados nos periódicos, proporcionam uma visualização parcial do passado e de seus pressupostos, enquanto agentes políticos. Nessa lógica, “...uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação efetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade ...”.²⁹⁵

Um desses espaços de sociabilidades ocorrera no agreste pernambucano, na cidade de Garanhuns, na década de 30. Nessa cidade ocorreu uma pequena fração das disputas políticas, entre integralistas e maçons, que se passaram em todo o país. A cidade de Garanhuns, nas primeiras décadas do século XX, desenvolvia sua atividade econômica na produção de café e na prática do comércio. Foi nesse cenário interiorano que, em 29 de junho de 1935, surgiu o núcleo integralista garanhuense. Essa implementação se sucedeu pela expansão do movimento da AIB em caravanas. No caso de Garanhuns, a caravana se intitulou *Bandeira 07 de Outubro*, em homenagem a data da fundação do integralismo. A missão de levar a caravana rumo ao interior ficou a

²⁹⁵ RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 249.

cargo de estudantes da Faculdade de Direito do Recife que haviam simpatizado com a AIB na capital.²⁹⁶

Na ocasião da expansão interiorana integralista da *Bandeira 07 de Outubro*, seus membros, antes de partirem, foram à Rádio Clube discursar a propaganda da AIB, e seus ouvintes se reuniram nas praças para escutar os oradores. A propaganda integralista foi amplamente utilizada pela AIB tanto para a expansão do movimento, quanto para difundir as propostas eleitorais. Nos anos trinta, grande parte da população ainda era analfabeta e parte das informações que chegava as pessoas era feita através do rádio. Plínio utilizava amplamente este importante canal de comunicação para informar seus membros e para doutrinar por meio de discursos.²⁹⁷

Como era comum nos eventos integralistas, a fundação do núcleo garanhuense contou com desfiles, palestras e inscrições de membros que desejassem se filiar ao movimento. A ideologia integralista de combate ao comunismo, ao liberalismo e a Maçonaria atraiu a comunidade cristã local que aderiu as “fileiras verdes”. A força do integralismo da cidade foi percebida nas eleições para vereador, pois, em pouco mais de três meses de implantação do núcleo, os “camisas-verdes” conseguiram eleger para vereador um jovem intelectual integralista, bacharel em Direito, Antônio Tenório de Almeida.²⁹⁸

Os membros da AIB que se filiaram ao núcleo garanhuense foram, em geral, representantes da classe média, e assim, era composto por: médicos, professores, empresários, pequenos proprietários de terras, funcionários públicos, estudantes, dentistas, farmacêuticos. A quantidade aproximada dos membros contava com cerca de 350 indivíduos e 100 simpatizantes, no ano de 1937. Esses, não raramente, ajudavam a escrever as matérias dos jornais, em favor dos integralistas. Pode-se dizer que seus líderes foram filhos de representantes de uma oligarquia decaída, insatisfeita com o governo Vargas. Os integralistas de Garanhuns foram compostos de uma mocidade intelectual disposta a implementar mudanças. Para a AIB garanhuense, era preciso combater os velhos políticos liberais, responsáveis pelas ameaças estrangeiras e

²⁹⁶ MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o Símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação (Mestrado em História). Recife: PGH/UFRPE, 2012. p.53.

²⁹⁷ MORAES, 2012, p.57.

²⁹⁸ Idem. p.61.

encontrar um lugar de espaço e atuação entre a oligarquia local e a crescente classe média que apoiou Vargas em 1930.²⁹⁹

Os maçons de Garanhuns, por sua vez, estavam na cidade desde a fundação da loja *Mensageiros do Bem* em 01 de fevereiro de 1904. Esta fundação fez parte do processo de interiorização da Maçonaria em Pernambuco, durante o início do século XX, que alcançou a Zona da Mata e Agreste, visto que no Sertão não se teve vestígio de atuação maçônica documentada. Apesar da instituição ter passado, por dificuldade de crise econômica e conflitos internos, não deixou de se posicionar nas causas políticas e sociais da década de 30. Os maçons continuaram atuando na manutenção de bibliotecas, escolas, publicação de jornais, que podem ser consideradas ações importantes para fortalecer a presença e os valores maçônicos na sociedade.³⁰⁰

A atuação dos maçons de Garanhuns no meio educacional ficou registrada nas páginas do impresso Maçônico que disse:

Escola 7 de Setembro
(Mantida pela Loja Maçônica “Mensageiros do Bem”)
A comissão da Escola “Sete de Setembro” querendo concorrer às solenidades comemorativas da Semana da Pátria, organizou um programa educativo, composto de palestras alusivas aos homens e fatos de nossa independência. Assim se comprometeram a realizar as referidas palestras diversos intelectuais residentes nesta cidade [...].³⁰¹

A *Escola 7 de Setembro* representava a resistência maçônica na cidade de Garanhuns, uma vez que tinha uma proposta laica de ensino. O que desagradava as educações religiosas e doutrinárias tão difundidas pela Igreja e pelos integralistas. Assim como os maçons, os integralistas também se preocuparam com a educação da juventude. A AIB investiu nas milícias juvenis e em escolas primárias. Essas utilizaram uma pedagogia de escotismo, a fim de transmitir, aos jovens, ensinamentos que trabalhavam a moral, disciplina, o intelectual e o físico. Garanhuns contou com algumas

²⁹⁹ Os números sobre a quantidade de membros integralistas na cidade de Garanhuns em 1937, segundo Moraes, foi uma perspectiva de um agente policial que vigiava a AIB garanhuesa. Idem. p.62-68.

³⁰⁰ SILVA. Augusto César Acioly Paz. **Maçonaria e República**: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940. (Doutorado em História). Recife: UFPE/CFCH, 2013. p. 56-58.

³⁰¹ Escola 7 de Setembro. **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n.9, ago. 1937. p.3.

escolas integralistas que dividiam o espaço de funcionamento com os militantes, no mesmo prédio, sede do núcleo do movimento.³⁰²

Pode-se dizer que a influência da Maçonaria garanhuense foi significativa, pois o prefeito da cidade, Mário Lira, foi diretor do Diário de Garanhuns. Tal diário teve como um de seus redatores o grão-mestre da loja *Mensageiros do Bem*, Dário Rêgo. Segundo Moraes, os redatores do *Diário da Manhã* procuravam deslegitimar o movimento integralista.³⁰³ Diante disso, podemos dizer que ao lado dos maçons estava o prefeito da cidade, pois se o diretor do diário, que era o prefeito, não apoiasse os maçons, não aceitaria no seu corpo editorial o grão-mestre da loja maçônica, e nem publicaria matérias anti-integralistas.

Outra evidência de que a loja *Mensageiros do Bem* continha apoio de intelectuais de prestígio, encontra-se na matéria do jornal maçônico *O Mensageiro*, quando explica quais indivíduos iriam palestrar na festa sobre o Dia da Pátria, organizada pela loja maçônica: “Assim se comprometeram a realizar as referidas palestras diversos intelectuais residentes nesta cidade dentre eles, Dr. Alves Bezerra, Dr. Ivo Junior, Dr. Morse Lira, Professor Uzae Canuto e outros. [...]”.³⁰⁴ Morse Lira, anti-integralista, irmão de Mário Lira, advogado e também jornalista do *Diário de Garanhuns*, palestrando num evento maçônico confirma que ao menos uma parcela influente da classe política garanhuense apoiou a Maçonaria na cidade.

O envolvimento dos Lira com os integralistas foi além de publicar matérias contrárias a doutrina do sigma. Mário Lira, quando era prefeito da cidade, foi acusado de ter ajudado comunistas, no episódio da Intentona Comunista de 1935. Isso aconteceu quando um grupo de integralistas prendeu alguns indivíduos, considerados pelos “camisas-verdes” como suspeitos. Ao saber do acontecido, Mário Lira mandou soltar os indivíduos presos e, posteriormente, foi acusado de ajudar os comunistas.³⁰⁵

A associação do prefeito com o comunismo pode ter sido facilitada em razão da simpatia do mesmo com a Maçonaria. A associação maçônico-comunista que se

³⁰² MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o Símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação (Mestrado em História). Recife: PGH/UFRPE, 2012. p.80.

³⁰³ MORAES, 2012, p. 61.

³⁰⁴ Escola 7 de Setembro. **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n.9, ago. 1937. p.3. Mário Lira foi prefeito de Garanhuns de 1930-1934, e em 1937 foi deputado estadual. Conferir MORAES, Márcio André Martins de. A Importância do Sentimento Religioso para a Interiorização do Integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns. **Paralelos**. Recife, v. 5, n. 9, p. 9-24, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

³⁰⁵ MORAES, 2014.

reproduziu no país, através de literaturas anti-maçônicas, estereotipando discursivamente os maçons, alcançou a região agreste de Pernambuco. O próprio líder integralista Gustavo Barroso se dedicou intensamente nesta tarefa ao publicar vários livros anti-maçônicos. Aos olhos dos integralistas, a Maçonaria servia ao comunismo e ao judaísmo, representava um perigo nacional e precisava ser combatidas.

O episódio da Intentona Comunista foi citado no quinzenário maçônico de Garanhuns quando disse:

[...] Veio, porém, a revolução de Novembro de 1935, [a Intentona Comunista] para desencanto dos que acreditavam na valentia tão propalada dos *verdes*, pois, enquanto as metralhadoras varriam estradas e ruas, *chefes* fugiam desesperadamente, em aviões e automoveis, *camisas* simbolicas se rasgavam e todos negavam a propria a fé. Vencida a revolução, reapareceram os *valentões*, para a tarefa ingloria dos mexericos e das denuncias mentirosas. Garanhuns guarda uma triste recordação dessa fase de lama e de traições, as mais descaradas.³⁰⁶ (grifo do autor)

O autor, ao longo de toda a matéria, destacou em *itálico*, palavras que remetem aos integralistas. Lembrou também da tentativa de golpe comunista na cidade, ilustrada com fatos que denegriu a imagem valente dos integrantes da AIB, ao informar a fuga de chefes integralistas. O articulista também noticia mexericos e denúncias que ocorreram após a Intentona Comunista no município e evidencia o clima de tensão por qual passaram os membros das instituições maçônicas e integralistas.

A ligação da Maçonaria com o comunismo foi um tema frequente que encorpou as matérias dos jornais integralistas. No jornal *A Offensiva* de 1936, o autor da matéria informava um assassinato de um membro da AIB cometido por maçons-comunistas, na ocasião da comemoração integralista da independência do Brasil:

O nosso correspondente na Provincia do Espirito Santo, relatando os dolorosos acontecimentos verificados no Municipio de João Neiva, onde dois camisas-verdes foram miseravel e covardemente assassinados pelas costas ao descerem do trem que os levava para uma festa commemorativa do “Dia da Patria”, referiu-se á criação recente de um centro maçônico nessa cidade. O funcionamento dessa loja, formada só de elementos communistas, vem fortalecer a convicção que já possuímos sobre o facto de estarem os adeptos do bolchevismo se servindo das sociedades secretas afim

³⁰⁶ VANDERLEI, Hibernon. Insinceros e mistificadores. **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n.8, ago. 1937. p.1.

de continuar a propaganda e a actividade subversivas da ordem e destruidores do patrimonio nacional.³⁰⁷

O jornal integralista acusa, de acordo com seu correspondente, os maçons da cidade do Espírito Santo de terem assassinado o membro da AIB. Além da acusação, ocorre a associação da Maçonaria com o comunismo russo, que precisavam ser combatidos, pois eram perniciosos a nação.

Naquele período, a instituição maçônica passava por um momento difícil, visto que as potências europeias de maçons enfrentavam perseguições em seus respectivos países, tais como: Rússia, Alemanha, Itália e Portugal. Dessa forma, o momento discursivo foi propício ao surgimento de perseguições e associações de outras ideologias com à Maçonaria. As notícias dessa perseguição aos maçons estrangeiros foram reproduzidas em periódicos integralistas, como se percebe a seguir:

[...] Em entrevista concedida á imprensa, o general Mola, commandante das forças de Pamplona, declarou que o movimento actual tinha character estrictamente nacional e era dirigido pelos generaes com o apoio do povo para libertar a Hespanha do marxismo, da maçonaria e de todas as “internacionaes”.³⁰⁸

O autor da matéria integralista reproduziu o discurso do general das tropas espanholas – que combatia o marxismo, a Maçonaria e as internacionais. Tal combate estava sendo justificado pelo fato de obter o apoio popular e por se apresentar como favorável à nação. Aqui, a Maçonaria foi enquadrada junto a outras ideologias, que aos olhos do general e do autor da matéria, eram exóticas e subversivas. A intolerância mostrada no jornal, somada a outros fatos e acontecimentos locais, preenchia o imaginário dos leitores do jornal “verde” contra a Maçonaria.

Em outra matéria, que relatou um evento integralista, foi reproduzido o discurso de um dos membros em um cinema na cidade de Três Corações. Desse modo o relato dizia:

[...] Falou depois o companheiro Geral Guimarães Corrêa, sobre o espiritualismo do nosso Movimento Analysou as tenebrosas e nefastas influencias da Maçonaria e do judaismo, atravez da Historia, soprando sobre o mundo os microbios do materialismo e da corrupção,

³⁰⁷ Comunismo e Maçonaria. **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 281, set. 1936. p.2.

³⁰⁸ Para libertar a Hespanha do marxismo, da maçonaria e de todas as “internacionais” **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 238, jul. 1936. p.5.

microbios que os camisas-verdes querem derrotar com os leucocitos da Revolução Interior.[...].³⁰⁹

Na fala de um dos membros do evento integralista, a Maçonaria é associada ao judaísmo e à teoria materialista de Karl Marx. E, mais uma vez, esses grupos são vistos como perigos a serem extirpados da sociedade. Em contrapartida, o integralismo é exibido como salvador da pátria. E, dessa forma, através de sua Revolução Integral, representava o bem combatendo o mal. Isto é, o integralismo defenderia a sociedade do mal: Maçonaria, judaísmo, comunismo ou qualquer outra influencia internacional ideológica.

Na tentativa de reagir às acusações que estavam sendo construídas, ao unirem num mesmo bloco as figuras do maçom, do judeu, e do comunista, a instituição maçônica em 1934, representada no Grande Oriente do Brasil, emitiu uma circular às lojas e maçons, declarando que todo membro que ingressasse na AIB ou no PCB deveria ser eliminado dos quadros maçônicos.³¹⁰

A Maçonaria de Garanhuns não queria para si o rótulo de ser aliada ao comunismo, ao judaísmo ou a qualquer outra ideologia exótica, principalmente, após a tentativa do golpe comunista de 1935. Diante de tais acusações, o exemplar de *O Mensageiro* trouxe a seguinte matéria:

Se eu acreditasse na reencarnação diria que o snr. Barroso encarna presentemente a figura daquele professor austriaco, Sopenhagen, que via em cada movimento, em cada vulto, em cada inscrição do passado uma amostra da mão judaica nas terras do Brasil.

[...] obcecadamente ostentando uma *fobia* por tudo aquilo que cheire a judaísmo ou a maçonaria.

O peor, porém, é que ele tem a mania das generalizações. Confunde propositalmente judaísmo com maçonaria e conclui, pelo método indutivo, que tudo o que se fez no passado não presta ou foi feito errado porque foi obra de maçom.

Os episodios mais belos, as cenas mais grandiosas, os fatos mais expressivos de nossa historia são maculados, desvirtuados; amesquinados pela fúria iconoclasta do [ilegível] camisa verde.

[...] Deante disso nós perguntamos se tem a doutrina do snr. Salgado um significado nacionalista ou é um nacionalismo doentio e jacobino esse dos adeptos do sigma.³¹¹

³⁰⁹ Núcleo Municipal de Três Corações. **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 266, ago. 1936. p.14.

³¹⁰ MOREL, Marco; JEAN Françoise, 2008. Op. Cit. p.211

³¹¹ LEITÃO, Heli. Sopenhagen. **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n. 2, mai, 1937, p.1.

A associação da Maçonaria ao judaísmo não agrada o colaborador do impresso. E por isso, ele chama de “fobia” a associação da Maçonaria com o judaísmo, que o líder integralista Gustavo Barroso fez em seus livros. O autor do jornal, que censura a literatura de Barroso, intensifica sua crítica ao comparar o integralista com o professor austríaco anti-semita Sopenhagen, colocando ambos no patamar de generalistas, sem um embasamento em provas.

Outro ponto que desagrade o autor do jornal maçônico é a “desvirtuação” da história do Brasil por Gustavo Barroso, quando deprecia fatos que contém a participação maçônica. E continua a atacar os integralistas, argumentando sobre o caráter nacionalista do movimento. O que ele julga não ser nacionalismo e sim um extremismo.

A característica fascista da AIB foi frequentemente motivo para críticas maçônicas. Em um dos exemplares de *O Mensageiro*, o autor, que não se identificou, escreveu sua impressão sobre a ideologia integralista. Para o articulista:

O programa do FACISMO, NAZISMO E PORTANTO, INTEGRALISMO, é a ditadura. A força é o seu programa.

São partidos anti-democraticos que procuram usar de uma liberdade da qual não deviam usar, porque são inimigos da liberdade, erguem-se dentro da terra bradando contra nós, contra nosso programa belo de ação.

Nada mais anti-cristão do que o Facismo e suas congêneres.

[...]

O integralismo, contra nós, se dizendo espiritualista, ostentando uma falsa religiosidade, aproxima-se da Igreja Católica, num paiz essencialmente Católico, para obter, por seu intermédio, o apoio e simpatia do povo.

[...].³¹² (grifo do autor)

Nesse trecho, a doutrina integralista é apresentada como autoritária e castradora da liberdade, enquanto que a dos maçons é bela e salvadora da humanidade. O autor desconhecido chama atenção para o fato dos Integralistas se aproximarem da Igreja. Tal aproximação, como já foi colocado, foi muito presente em Pernambuco, onde o discurso da AIB dirigia-se para os mesmos interesses da Igreja. Ainda nas paginas de *O Mensageiro*, percebe-se a associação que o autor fez, quando não distinguiu os integralistas dos nazistas e fascistas, destacando sua escrita em letras maiúsculas, na tentativa de minar o movimento.

³¹² O Facismo, o Nazismo e o Integralismo. *O Mensageiro*. Garanhuns, ano 1, n. 2, mai. 1937.

A divergência ideológica entre os integralistas e maçons gerou debates acalorados nas páginas do impresso. No exemplar de número oito, um dos principais colaboradores escreveu sobre uma das razões pela qual maçons e integralistas não simpatizavam partidariamente.

Sem fanatismo ou paixão podemos afirmar que só no clima democrático se realiza esse ideal jurídico. O integralismo não pode “pairar” acima dos grupos pois, longe de visar a conduzir-se imparcialmente em face dos interesses antagônicos dos homens e das classes quer que a ação se exerça do “social *sobre* o nacional. do nacional *sobre* o individual”. [...] Essa preposição significa que a função do Estado é exercida diretamente sobre o indivíduo, mero elemento passivo em face do programa e fins do Estado. Democracia será o governo delegado pelas forças supremas da maioria. É a delegação de poderes que nós brasileiros damos a um para governar. Não faz mal que haja três, quatro, dez partidos pelo Brasil afora, [...].³¹³

A crítica contida no trecho se refere ao conteúdo do *Manifesto Programa* integralista, um tipo de programa de governo escrito por Plínio Salgado, quando teve pretensões de concorrer às eleições presidenciais de 1938. Segundo Heli Leitão, colaborador do impresso que escreveu quatro artigos sobre o Manifesto integralista, apenas a democracia e o liberalismo deveria ser exercido na gestão de um Estado. Ainda sob a interpretação do jornal maçônico, o integralismo que é anti-liberal, ao chegar ao poder, praticaria uma ditadura, suprimindo as liberdades individuais.

A opção partidária maçônica ficou ainda mais clara nas palavras do colaborador do impresso a seguir:

Assim a FRENTE POPULAR é um organismo no qual se podem congrega desde a Colligação Leiga e a Maçonaria até os partidos chamados liberaes, para que se contraponha uma alliança de suas forças e suas energias mentaes ao choque proximo do fascismo avassallante, cujas preliminares estamos vendo na costuração ás pressas de uma tunica cesarista pelos generaes fascistas e almirantes [...].³¹⁴ (grifo do autor)

No trecho, segundo o autor, observa-se uma tendência de esquerdização dos partidos e uma possibilidade de união entre a Maçonaria e os partidos liberais do

³¹³ LEITÃO, Heli. Notas em Torno do “Manifesto-Programa” III. **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n. 8, ago. 1937.

³¹⁴ A Esquerdisação dos Partidos, a Scisão Federal das Candidaturas. LACERDA, Maurício de. **O Imparcial**. Rio de Janeiro. ano 1, n. 106. set. 1935. p.3.

período que se colocavam contra as tendências fascistas representada pela AIB. As palavras do autor maçom, além de noticiar sobre a possibilidade de união entre partidos liberais e Maçonaria, também divulga a ideologia a qual defende, pois: “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.”³¹⁵

No ano seguinte, aconteceriam as eleições a presidente e muitos estavam ansiosos para conhecer quem seria o novo chefe de governo que assumiria o lugar de Getúlio Vargas. Enquanto os partidos escolhiam seus candidatos à presidente, a Ação Integralista Brasileira se lança como partido político a fim de disputar a batalha nas urnas com Plínio Salgado. No *Manifesto Programa* da AIB – que foi distribuído gratuitamente nos núcleos municipais integralistas pelo interior do país, inclusive na cidade de Garanhuns³¹⁶ – Plínio Salgado expõe seu programa de governo extremista e esse foi divergente da opção partidária escolhida pelos maçons, que era liberal. Dessa forma, os conflitos entre integralistas e maçons se circunscreveram além das motivações ideológicas culturais, pois também estiveram em torno das eleições de 1938 e seus respectivos candidatos com suas propostas de governo.

Em Garanhuns, as eleições presidenciais chegaram às páginas dos jornais. A loja maçônica *Mensageiros do Bem* deixou claro quem apoiou naquele pleito. Em lugar de destaque, na primeira página do jornal *O Mensageiro*, os maçons reproduziram o discurso do candidato José Américo de Almeida que disse:

Juro que imporei a ordem. Não com a disciplina de infernos, o ideal coberto de sangue do comunismo, sombrio como um rôlo compressor e do integralismo estrangeirado que ainda agora tenta implantar-se com ameaças de punição aos indiferentes e de massacres coletivos, como si a consciencia livre, mais bravia do que a força bruta, tivesse medo de carêtas.³¹⁷

Dando destaque ao discurso de Américo de Almeida, o jornal maçônico apoia suas palavras de desagrado ao comunismo e ao integralismo. Ao reproduzir o discurso de Almeida, os maçons fizeram uma tentativa de desvincular a imagem dos maçons do “credo vermelho”. Houve boatos de que Almeida foi conivente com grupos de esquerda,

³¹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005. p.38.

³¹⁶ MORAES, 2012, p. 115.

³¹⁷ ALMEIDA, Américo de. *O Mensageiro*. Garanhuns, ano 1, n.8, ago. 1937. p.1.

e financiado pela Maçonaria do período.³¹⁸ O trecho de seu discurso destacado no jornal fez parte das promessas de campanha que teve uma inclinação liberal. Dessa forma, a loja *Mensageiros do Bem* apoiou a candidatura de Américo de Almeida, enquanto desaprovava o opositor, Plínio Salgado de afeição pela direita.

Não fez bem para a fama de José Américo de Almeida o fato de que ele mantinha relações com a Maçonaria, uma vez que a instituição maçônica era vista como ligada ao comunismo que estava na clandestinidade. O jornal que reproduzia o discurso do Estado, o *Diário da Manhã*, também comentou sobre a fama de José Américo:

Os adversario da candidatura de José Americo querem a toda força que elle seja um incrédulo. É estranho. Mas é um facto. [...] José Americo é catholico. Faz questão em selo como um imperativo de sua consciência. [...] Não comprehende a pátria sem Deus e a familia distante das virtudes que fazem o rico patrimonio das nossas velhas tradições. [...] Os que se interessam em fazer ruir a candidatura de José Americo, espalharam aos quatro ventos que elle é maçom, atheu, comunista. [...] que quanto conheço, não pertence á Maçonaria nem a credo nenhum contrario á nossa santa igreja. [...] ³¹⁹

O trecho da matéria trata da troca de correspondências entre o bispo de São Paulo e o arcebispo da Paraíba. A questão que se desejava saber era se José Américo era mesmo católico, ou seja, conseqüentemente, segundo os clérigos, não maçom. A resposta do arcebispo de que José Américo não era ateu, nem maçom, nem comunista foi a prova, o “valioso documento” que o candidato tinha boa conduta.

Por um lado, a Maçonaria teve a simpatia dos políticos com relação ao liberal José Américo, que foi tido como o candidato do presidente. Por outro, os integralistas tiveram a vantagem de levar para seu discurso de campanha, preceitos nacionalistas, cristãos e anti-comunista. Em Garanhuns, a AIB teve apoio da diocese do município, noticiado através de seu jornal: *O Monitor*. O impresso do clero garanhunense expressou sua estima à campanha integralista de combate ao comunismo e apoio ao catolicismo.³²⁰

³¹⁸ MORAES, Márcio André Martins de. Uma campanha política para uma eleição que não aconteceu: as práticas propagandísticas dos integralistas em Garanhuns-PE (1936-1937). **Revista de História Regional**. v.17, n.2, p.589-622. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4083/3251>>. Acesso em: 09 jul. 2017. p.607.

³¹⁹ Valioso Documento. GOES, Campos. **Diário da Manhã**. Recife, ano 11, n. 3159, out. 1937. p.5.

³²⁰ MORAES, Márcio André Martins de. Uma campanha política para uma eleição que não aconteceu: as práticas propagandísticas dos integralistas em Garanhuns-PE (1936-1937). **Revista de História Regional**. v.17, n.2, p.589-622. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4083/3251>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

Dessa forma, Plínio Salgado foi o candidato que mais se aproximou dos eleitores que prezavam as tradições e valores católicos.

À medida que a eleição presidencial se aproximava, a AIB buscava a vitória nas urnas e construía o medo em torno da imagem do comunismo. Os maçons, por sua vez, procuravam desvincular-se do estereótipo de pertencerem ao credo vermelho e atacavam seus inimigos integralistas, deslegitimando o movimento. Já o Estado, desde a Intentona Comunista, passou a ampliar as medidas repressivas que procuravam enquadrar as atividades comunistas. Daí surgiu à necessidade de se criar uma polícia mais especializada, a *Delegacia de Ordem Política e Social* (DOPS). A unidade de Pernambuco (DOPS-PE), assim como todos os DOPS do país, trabalhavam, desde 1935, para manter a ordem e combater o inimigo social político, ou seja, todo indivíduo ou grupo que agisse ameaçando a ordem pública.³²¹

Marcília Gama explica um pouco mais como esses agentes do DOPS agiam em serviço. Segundo a autora, os policiais eram treinados pelos órgãos de investigação policial americano. A polícia atuava na fiscalização nos locais considerados suspeitos, como hotéis, casas de cômodos, pensões etc., e na censura prévia dos meios de comunicação de massa, na tentativa de evitar que qualquer propaganda contraria ao regime viesse a público.³²²

A ascensão da ideologia integralista decorreu dentro de um ambiente propício ao medo e a perseguição ao comunismo. Pode-se dizer que, aos olhos da sociedade pós 30, a proposta integralista foi bem vinda. Seu discurso não foi interpretado como ameaça e se passou como aliado dos preceitos da igreja e do Estado. No entanto, a polícia política estava monitorando de perto tanto os integralistas, quanto os maçons, com o intuito de colher e fornecer provas objetivas para as delegacias, uma vez que eles representavam um perigo social.

O *Diário da Manhã* noticiou uma negação de *habeas corpus* solicitada por um chefe provincial integralista em favor de um “camisa-verde”. Nele alegava “estarem os integralistas soffrendo violencias por parte da policia”³²³. Em outra matéria do mesmo impresso, lê-se a notícia de que os integralistas agiram como vândalos ao “pixar” um monumento nacional.

³²¹ SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Forma do Sigma**: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2002.

³²² GAMA, Marcília. **O DOPS e o Estado Novo**: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945). Dissertação. (Mestrado em História). Recife: UFPE/CFCH, 1996.

³²³ Prejudicado um “habeas-corpus” Impetrado em Favor dos Integralistas Bahianos. **Diário da Manhã**. Recife, ano 9, n. 2646. fev. 1936. p.2.

PIXADO PELOS INTEGRALISTAS O MONUMENTO A JOÃO CAETANO

O monumento a João Caetano situado na praça Tiradentes, em frente ao Theatro que tem o nome do grande actor brasileiro, appareceu pixado.

Os pixadores, desta vez, foram os camisas verdes do sr. Plínio Salgado.

O Monumento appareceu com um sigma enorme, pintado de pixe.

Em cima, com grandes caracteres, a palavra “Anauê”.³²⁴

No trecho, a imagem passada foi de integralistas como indivíduos perigosos a sociedade, visto que o símbolo do sigma e o “anauê” apareceram em um monumento. Esse fato levou o autor da matéria a concluir que foi um ato dos “camisas-verdes”. Nessa lógica, ao se aproximarem as eleições de 1938 para presidente, grupos considerados perigosos passaram a ser vigiados pelos policias do DOPS. A instituição Maçônica já lidava com as desconfianças sociais, desde que passou a agir de forma operativa em solo brasileiro. Já os integralistas, pode-se dizer, não se conformaram com o novo estereótipo subversivo.

A imagem de vandalismo dos integralistas também foi construída pelos maçons no impresso maçônico a seguir: “O Sr. Plínio Salgado manda seus adeptos praticar arruaças, e, depois, porque não surtiu o efeito desejado, ocupa o microfone de um radio e com voz fanhosa insulta todos os brasileiros que não acompanham na grande comedia verde.”³²⁵. O articulista da matéria tenta atacar a honra de seus opositores ao reproduzir o discurso do Estado sobre o vandalismo integralista.

Em Pernambuco, o discurso que propagava um perigo integralista, através dos registros de investigação dos agentes do DOPS-PE, equiparava os “camisas-verdes” aos comunistas. Em Garanhuns, houve um clima de insatisfação quanto à vigilância dos policiais em relação às atividades dos núcleos e membros integralistas. A polícia, em Garanhuns, possuía a seguinte forma de controle: antes de o núcleo integralista realizar qualquer movimento, as autoridades da polícia do município deveriam ser avisadas por escrito. Segundo Moraes, tal vigilância fez com que os membros da AIB garanhuenses passassem a questionar se o comissário policial tinha envolvimento com a Maçonaria.³²⁶

³²⁴ Pixado pelos Integralistas o Monumento a João Caetano. **Diário da Manhã**. Recife, ano 9, n. 2649, fev. 1936 p.2.

³²⁵ Que Força de Expressão!... **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n.7, jul. 1937. p. 1.

³²⁶ MORAES, Márcio André Martins de. Uma campanha política para uma eleição que não aconteceu: as práticas propagandísticas dos integralistas em Garanhuns-PE (1936-1937). **Revista de História Regional**. v.17, n.2, p.589-622. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4083/3251>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

É importante dizer que a fase de maior controle policial, com relação aos integralistas foi no ano de 1936, que, inclusive, também foi o ano de maior crescimento do movimento. O fato de o integralismo ter combatido, veementemente, o comunismo fez com que ele se aproveitasse do momento de temor a essa ideologia para se autopromover. Esta autopromoção colaborou para o crescimento do movimento. De outra forma, o lançamento do movimento na política partidária, em disputa com candidatos que representavam o governo, fez com que alguns governos estaduais os encarassem como inimigos.

Nessa lógica, a vigilância policial atuou sobre o integralismo sob a justificativa de conter a desordem que o movimento vinha proporcionando na sociedade. E para tal, reprimiu e até prendeu alguns indivíduos considerados mais exaltados.³²⁷

Os maçons também foram vigiados e uma das formas de monitoramento também se deu por meio da vigilância policial, como se observa a seguir:

Levamos ao conhecimento de V.S., os casos seguintes:
1º...Em a noite de 24, houve reunião da “Loja maçônica”, do prédio Nº460, 2º andar, da Rua do Imperador.
Desta vez, apresentava aspecto festivo, pois, as possantes lampadas da fachada, assim anunciavam.
Deixamos aquelle local, às 10 e 10 e a sessão ainda rolava.³²⁸

No trecho, o agente informa, através de relatório, suas atividades de espionagem à loja maçônica. Percebemos, a partir do documento acima, que a polícia já desconfiava da Maçonaria e observava suas reuniões e movimentação em frente às lojas, anotando tudo o que se passava, a espera de algum fator incriminatório.

Em meio às desconfianças do Estado com relação aos integralistas, maçons e outros grupos que podiam ser considerados subversivos, todos esperavam pelas eleições de 1938. O ataque ao candidato adversário foi feito na tentativa de desacreditar a reputação dos opositores. Assim escreveram os maçons:

[...] No palco da política nacional, o integralismo delira. E, no delírio paranoico grita que chegou a hora da tomada do poder. Chegou a hora! Chegou...Chegou...como no samba de Carmen Miranda. Proclama o atleta barrigudo Gustavo Barroso; escancara-se Plínio – o Tombola.

³²⁷ SILVA, Giselda Brito. 2002. p. 33-34.

³²⁸ Parte Policial. **Prontuário Funcional**. n. 1527 – B, DOPS-PE/ APEJE. – (Delegacia de Ordem Política e Social /Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano). 1933

Eles que nunca falaram em tomar o poder, senão pelo voto “intimidam” agora os candidatos á presidência da Republica, com uma revolução armada, esquecidos, tão cedo, da lírica revolução moral que empreendiam. [...]

Desiludidos do voto (pois creanças e moças não podem votar), depois de longo e ridículo ensaio [...] eles vão fazer uma revolução. Diriam melhor – “Vamos dar um golpe” [...] ³²⁹

Tentando derrubar a candidatura do adversário, os maçons se apoiam em um possível golpe que os integralistas dariam, por meio de uma revolução armada. O fato é que circulavam entre os intelectuais e jornais do período, sobre um golpe integralista, no qual os “plinianos” estariam prontos para atacar com armas, no ensejo de tomar as rédeas do país.

As investigações policiais sobre os integralistas seguiu uma “lógica da suspeição”, pois:

[...] entre os discursos de alerta do governo e as provas produzidas pelos investigadores guiados pelas suas suspeitas, o governo ia construindo a materialidade de sentido dos discursos que apontavam um grupo subversivo e perigoso entre os integralistas e intelectuais conhecidos da sociedade pernambucana ³³⁰

Assim, o governo foi agregando as informações e percebendo o perigo de um possível golpe por parte dos integralistas. Dessa forma, o governo associou tudo isso a outra tentativa de golpe sofrida pelo Estado: a Intentona Comunista de 1935, percebendo o perigo e recuperando a memória discursiva. É importante observar que, segundo o levantamento das fontes, houve uma construção discursiva sobre uma tentativa de um golpe integralista em 1937, no entanto, a tentativa de golpe dos plinianos só ocorreu em maio de 1938, que assim como ocorreu com a intentona comunista, foi frustrada.

Pode-se perceber que pós 1932, os discursos produzidos nos jornais com relação aos “camisas-verdes” foram de “aliados” de Vargas e de nacionalistas católicos que combatiam o perigo comunista. Num segundo momento, os integralistas foram representados pelo Estado como baderneiros com ideologia estrangeira, ao mesmo tempo em que eram reprimidos pela polícia. A comparação da AIB com comunistas também foi utilizada para inverter o sentimento nacionalista, presente na ideologia dos “camisas-verdes”, para um sentimento extremista ameaçadores da soberania nacional. O

³²⁹ 1938! Chegou a Hora! **O Mensageiro**. Garanhuns, ano 1, n. 9, ago. 1937. p. 1.

³³⁰ SILVA, Giselda Brito. 2002. p.192.

governo trabalhou intensamente, nessa fase, na construção discursiva do perigo eminente que ameaçava o país. Segundo a lógica varguista, tal ameaça poderia surgir tanto por parte dos maçons em conluio com comunistas, quanto por parte dos integralistas extremistas, ou de qualquer outro grupo inimigo. Nesse percurso, desenvolveu-se a necessidade de se ter um governo forte, que não enfrentasse problemas para manter a soberania nacional.

A construção discursiva do perigo que ameaçava a ordem nacional se fazia com o apoio de muitas alas: católico, integralista, maçons e governo. Se os inimigos estavam sendo “expostos à mesa”, não havia mais porque esperar para agir contra eles. Conseqüentemente, Vargas alegou Estado de Guerra, antes que as eleições de 1938 acontecessem. A justificativa para tal prática foi em razão da iminência de um golpe dos inimigos do governo, que, segundo ele, estava por se aproximar. A alegação era de que existiriam provas de que a propaganda comunista estaria aproveitando-se das sociedades secretas para organizar-se no Brasil.

O *Jornal da Manhã* expos o plano comunista em detalhes, descoberto pelas autoridades na edição de 02 de outubro de 1937:

As sensacionaes revelações do plano sinistro apprehendido pelo governo e cujo conhecimento justifica o pedido de decretação do Estado de Guerra.

Damos a seguir o sensacional documento que contem a trama vermelha, o plano de suas actividades sinistras contra o Brasil, ainda este ano.

Para armar-se e collocar-se em condições de defender o paiz contra os crimes friamente premeditados, o governo da Republica decidiu-se a pedir da Camara Federal a medida excepcional do Estado de Guerra.

³³¹

O documento apelidado de *Plano Cohen* foi descoberto pelo exército brasileiro e, segundo o Estado, foi arquitetado pelo Partido Comunista e pelas forças comunistas internacionais. O plano previa uma agitação popular, saques, depredações, incêndios e eliminação de autoridades civis e militares. O perigo construído foi o pretexto varguista para a decretação do Estado de Guerra no país.

Pode-se perceber que maçons e integralistas, que tinham passado por tantos conflitos durante a década de 30, tiveram também um momento de turbulência com o Estado, numa fase que antecedia o Estado Novo, sendo alvos de suspeitas. Tomadas

³³¹ Instruções e Programma de acção do Partido Communista para o Brasil. **Diário da Manhã**. Recife, ano 11, n. 3140, out. 1937. p. 6.

como instituições ameaçadoras, teriam que enfrentar as consequências que o Estado de Guerra às reservou. As lojas maçônicas amargaram seu fechamento que teve como pretexto a ameaça comunista associada à Maçonaria. Assim noticiou o *Diário da Manhã* em Recife sobre o fechamento das lojas e sobre o pronunciamento da autoridade pública:

Causou grande repercussão o fechamento de todas as lojas maçônicas de Pernambuco. [...] – “A Maçonaria, disse o [comandante] Azambuja Villa Nova, é, como o comunismo, uma arma do sionismo. Estou convencido de que a quase totalidade sinão a totalidade mesma dos maçons brasileiros ignoram que sob a capa de “igualdade”, a “fraternidade” e “humanidade”, a Maçonaria não passa de uma organização destinada exclusivamente a batalha pelo supremo interesse do judaísmo: a dominação do mundo.

[...] Até então a Maçonaria era mantida em reserva por que o Komintern julgou que Prestes chegaria facilmente ao poder com o golpe de novembro de 1935. [...] Além disso a Maçonaria do Recife expediu um boletim a todas as lojas congêneres do Brasil, [...] no qual mostra-se aterrorizada com as ameaças que surgem contra a liberdade pelo surto dos extremismos [...] fascismo, nazismo e integralismo chamando a postos todo mundo para combater aos mesmos e certamente por um “esquecimento” nem sequer tocou no comunismo.

Tenho consciência de haver prestado um grande serviço ao Brasil [...] para o fechamento desses antros cuja existência nada justifica e que são verdadeiras reservas do comunismo.³³²

A longa nota que ganhou espaço no impresso enquadrou a Maçonaria como aliada do comunismo internacional, da *Intentona Integralista* de 1935, e do judaísmo. A matéria também trabalha sobre o bem gerado à sociedade após o encerramento dos trabalhos maçônicos, pelas autoridades do Estado. Apesar dos maçons estarem proibidos de atuarem, muitos maçons continuavam suas reuniões em seções clandestinas. “Enquanto estiveram oficialmente fechadas, muitas oficinas maçônicas continuaram a desenvolver seus trabalhos secretamente. Em geral, as reuniões se davam na casa de membros, em bares ou clubes.”³³³ Tal atuação dos pedreiros nos permite acreditar que a Maçonaria não se mostrou passiva ao autoritarismo no período varguista.

A crise liberal aliada à “lógica do medo” construída durante os anos 30 deu base ao golpe do Estado Novo empreendido por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, impedindo que as eleições democráticas presidenciais ocorressem em 1938. A

³³² Em torno do Fechamento de todas as Lojas Maçônicas de Pernambuco. *Diário da Manhã*. Recife, ano 11, n. 3158, out. 1937. p.10.

³³³ MOREL, Marco; JEAN, François. **O Poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 213.

instalação de uma ditadura no país colocou interventores em cada unidade federativa. Em Pernambuco, o cargo ficou nas mãos de Agamenon Magalhães, e por isso a intolerância e as repressões se tornaram ainda mais intensas.

A “caça” aos inimigos do Estado não se restringiu apenas aos comunistas e a Maçonaria. Foi a vez dos integralistas ficarem proibidos de atuar, a partir da lei federal nº 37 de 02 dezembro de 1937, na qual todos os partidos políticos foram postos na ilegalidade pela ditadura do Estado Novo. A partir daí, os integralistas entraram na ilegalidade e passaram a se encontrar de forma clandestina, e, não raramente, foram vigiados pela polícia.³³⁴ A ilegalidade integralista aumentou a sensação de insegurança que foi construída em torno do medo de um golpe da AIB.

Na cidade de Garanhuns, um golpe integralista chegou a ser planejado para acontecer na noite de 25 de dezembro, no entanto não teve sucesso, pois os membros da AIB armados esperavam, pelo rádio, notícias que um levante ocorresse primeiro no Rio de Janeiro. Como o levante da capital federal não estourou, os membros integralistas não agiram em Garanhuns.³³⁵

Notícias do jornal alertavam sobre os “perigosos” integralistas que estavam sendo desmascarados em diversos locais com ações malogradas pelas forças da polícia, como no caso a seguir: “Completamente Desarticulada a Conspiração Contra o Regimen. A Intentona Integralista, segundo apurou a policia, deveria rebentar na noite de 10 de março, com um vasto programa de ódio e de sangue a cumprir”.³³⁶ Na matéria, os integralistas são postos como bandidos que cumpririam um “programa de ódio e de sangue” enquanto que a polícia, bem sucedida, conseguiu descobrir os planos maléficis da AIB, tranquilizando a população.

De fato, uma tentativa de golpe integralista ocorreu na residência do presidente Getúlio Vargas em maio de 1938 e contou com a participação de integralistas e alguns militares. A tentativa foi chamada pelo governo de *Intentona Integralista*, remetendo a memória a *Intentona Comunista* de 1935. Apesar de quase conseguirem invadir o Palácio da Guanabara, os membros da AIB foram detidos com apoio policial e militar. Após a tentativa frustrada de golpe, as forças governistas perseguiram e prenderam alguns envolvidos, enquanto Plínio Salgado foi exilado para Portugal.

³³⁴ MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o Símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação (Mestrado em História). Recife: PGH/UFRPE, 2012. p.187.

³³⁵ MORAES, idem. p.154.

³³⁶ Completamente Desarticulada a Conspiração Contra o Regimen. **Diário da Manhã**. Recife, ano11, n.3277, mar. 1938. p.1.

Assim, nas páginas de seus periódicos, durante os anos 30, as discordâncias entre integralistas e a Maçonaria estiveram relacionadas às ideologias político-partidárias de ambas. Como já foi visto, os maçons difundiam a defesa do liberalismo e de um estado laico, já os integralistas queriam uma administração autoritária, baseada no tradicionalismo católico, e, conseqüentemente, foram contra o liberalismo e as doutrinas de esquerda.

Dentro dessa disputa, percebeu-se que os “camisas-verdes” tiraram mais proveito de algumas condições do período tais como: o rápido crescimento do movimento da AIB; a simpatia e “aliança” que o mesmo compartilhou no início da década com parte do clero e lideranças do Estado; e o caráter propagandístico que o movimento tomou principalmente com relação aos seus impressos que chegaram a ter alcance nacional. Já os maçons tiveram que enfrentar o estereótipo que foi reproduzido há anos, associando-os com o comunismo e o judaísmo internacional.

As divergências entre ambas também se refletiu na escolha político partidária para as eleições presidenciais de 1938, que, por sinal, não chegaram a ocorrer devido ao golpe do Estado Novo. A AIB, quando se lançou partido político, expos seu programa de governo extremista e foi divergente da opção partidária escolhida dos maçons, que era liberal. Dessa forma, os conflitos entre integralistas e maçons se circunscreveram além das motivações ideológicas culturais, como também esteve em torno do pleito e seus respectivos candidatos com suas propostas de governo. Dessa forma, pode-se dizer que os maçons apoiaram a candidatura de Américo de Almeida, enquanto desaprovava o opositor: Plínio Salgado, de afeição à direita.

No entanto, o golpe varguista, justificado por um perigo eminente comunista, foi construído com ajuda do DOPS, visto que esse vigiou e apreendeu provas objetivas contra os inimigos do governo. Foi assim que membros do governo tiveram que se utilizar de algumas estratégias para inverter o papel de patriotas dos integralistas, para de traidores da nação.

Maçons e integralistas, que no início da década de 30 estiveram em conflito, tiveram que se preocupar com outro inimigo mais forte: o Estado. Durante a ditadura varguista, a repressão às forças subversivas foi justificada pelo perigo, seguido pelo medo. Enquanto as imagens dos inimigos do Estado foram construídas como subversivas, a de Getúlio ganhou apoio e simpatia popular, tendo suas atuações repressivas aplaudidas pelo povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui é importante afirmar algumas considerações que foram sendo construídas ao longo da pesquisa e outras que se somaram as que já existiam. Buscaremos elencar uma síntese das questões trabalhadas da pesquisa. Essa teve como objetivo mostrar como se deram as relações de conflito entre maçons e católicos, com o foco especial em Pernambuco.

Para tentar visualizar o quadro em que os conflitos entre Maçonaria e a Igreja Católica se deram, buscamos informações de autores que nos indicaram fatos e informações complementares. Com isso, fizemos uma tentativa de compreensão do ambiente onde nossos personagens viveram, das paixões e medos que os moviam. Para buscar os nossos personagens maçons e católicos em meio às turbulências políticas que antecederam a República, analisamos periódicos conservadores e liberais republicanos que nos mostraram onde estavam nossos indivíduos e a que causa política acreditavam.

Tal estudo nos mostrou que os conflitos foram motivados tanto por ideologias doutrinárias, quanto por questões políticas. Maçons integrantes dos partidos liberais, racionalistas, rivalizaram com uma gama de intelectuais católicos, defensores de um tradicionalismo e participantes dos partidos conservadores. Esta perspectiva foi constatada ao longo de todo recorte cronológico da pesquisa. Até mesmo nos anos de 1930, quando o grupo de católicos leigos da AIB se colocou como inimigos dos maçons, suas opções partidárias e ideológicas também foram de inclinação ao conservadorismo, e os maçons optaram pelo liberalismo. Apesar da Maçonaria ter passado por cisões, não perdeu seu caráter homogêneo. Tal característica facilitou nossa visualização, com relação ao grupo e seu perfil.

É preciso aprofundar as pesquisas sobre a simpatia maçônica com a questão trabalhista e o movimento operário. A simpatia maçônica pela pedagogia voltada para o mundo do trabalho e as causas sociais atraiu de alguma forma para a defesa das causas trabalhistas. Marcelo Freitas Gil³³⁷ fez um trabalho sobre a atuação que a Maçonaria e a religião espírita empreenderam junto aos trabalhadores urbanos do município de Pelotas, no sul do país. Em Pernambuco este foco precisa ser explorado.

Encontramos outras lacunas que também precisam ser trabalhadas por pesquisas futuras com relação à instituição maçônica. Trata-se da simpatia dos maçons

³³⁷ Cf., GIL, Marcelo Freitas. Trabalhadores, Maçonaria e Espiritismo em Pelotas (1877-1937) In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundáí, Paco Editorial: 2015.

com outras religiões. O fato da intolerância da Igreja Católica com outros credos, de alguma forma, aproximou a Maçonaria dos protestantes, espíritas e teosofistas. Tal aproximação ainda é pouco explorada em trabalhos locais.

Existe ainda uma possibilidade de estudo sobre uma relação entre Maçonaria brasileira e portuguesa no final do século XIX. Tal indução partiu através dos estudos que efetuamos sobre os jornais do período. O jornal recifense *O Rebate* levou o mesmo nome do jornal maçônico português, do final do século XIX: *Rebate*.³³⁸ Em Portugal, assim como no Brasil, neste período, a Maçonaria teve inspiração liberal, anti-clerical e republicana. Pode-se até mesmo relacionar os maçons republicanos portugueses à sociedade secreta *Carbonária*. Tal sociedade teve participação importante na Revolução Republicana de 5 de outubro de 1910 em Portugal.³³⁹ Deve-se pensar na possibilidade de ter havido algum tipo de influência entre os redatores do periódico *O Rebate*, com maçons portugueses. Ou ainda, uma relação entre maçons portugueses com os maçons brasileiros.

Percebeu-se que a imagem negativa em torno da Maçonaria foi ampliada pelos documentos oficiais publicados pela Igreja. Estas publicações influenciaram católicos a construir literaturas antimaçônicas. A aversão à instituição maçônica girou em torno do caráter secreto da instituição, bem como da ideologia “moderna” que ameaçou a estabilidade das monarquias, e logo, da Igreja, pois esta última era privilegiada dos benefícios monárquicos. A construção discursiva negativa dos maçons se seguiu ao longo da Primeira e Segunda República, acrescida de associações desses com o comunismo, judaísmo e políticas internacionais.

As agressões discursivas nos impressos foram encaradas como estratégias de combate. Destacamos a imprensa maçônica como ambiente irradiador de discursos liberais e de críticas aos conservadores e às lideranças da Igreja. Foram nos jornais que os maçons se posicionaram politicamente, valorizando a laicidade social e fortalecendo-se como instituição, uma vez que enfrentavam associações aos males da modernidade. Também os católicos, inspirados pelos bispos reformadores, empreenderam um projeto de Recatolização para fortalecer a Igreja perante a sociedade e o Estado. Seus impressos

³³⁸ A informação de que o jornal português *Rebate* foi maçônico está na página da *internet*. A. M. Gonçalves. **Breve História da Maçonaria em Portugal**. Artigo da internet. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/arnaldoG.html>> acesso em 01/12/2009>. Acesso em: 05 nov. 2008.

³³⁹ MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias Cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942)**. 2015. Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015. p.95-96.

estamparam discursos de afinidade com o governo, defesa das causas católicas, além de combate a Maçonaria.

Também consideramos, como estratégias de combate social, as reações que os maçons e católicos empreenderam, voltadas para o público, através de ações culturais. Uma dessas ações foi o apoio à causa educacional empreendido tanto por maçons, quanto pelos intelectuais católicos, cada um, buscando explorar seus ideais que se refletiam em cada projeto pedagógico específico. Ambas as instituições estiveram empenhadas em financiar estabelecimentos de ensino, bibliotecas e cursos voltados para a população. O plano educacional católico que esteve relacionado aos objetivos pedagógicos do Estado, baseou-se em um projeto autoritário, fascista, nacionalista, e uma forma política de assujeitamento, em que se utilizou o poder e o saber para doutrinar indivíduos. Já os maçons investiram numa educação racionalista e anticlerical, voltada para o mundo do trabalho e para as classes menos favorecidas.

Percebemos que os integralistas, enquanto grupo de intelectuais católicos, também rivalizaram com os maçons por motivos não muito diferentes que os intelectuais católicos da Primeira República. Podem-se listar os motivos pelos quais conflitaram discursivamente em seus periódicos: discordância ideológica; política; educacional e moral.

Dessa forma, os conflitos entre integralistas e maçons de Pernambuco se circunscreveram também em torno das eleições de 1938 e seus respectivos candidatos, com suas propostas de governo. Enquanto os integralistas se esforçavam para eleger seus membros dentro da política, escolhendo uma posição partidária mais conservadora e antiliberal, os maçons ao contrário, simpatizaram pelos partidos de cunho liberal.

Alguns elementos coloraram os integralistas em vantagem, com relação à aceitação e apoio popular, durante a década de 1930. Enquanto a Maçonaria era vista pela sociedade como seita secreta que escondia algo de negativo, também relacionada ao perigo comunista, os integralistas, em contrapartida, tiveram o discurso religioso agregado ao caráter direitista do movimento e uma aliança com o Estado. Tal postura da AIB cativou as massas que no período eram muito religiosas e decepcionadas com o sistema liberal.

Outra vantagem que distinguiu os integralistas, colocando-os em posição de vantagem, foi com relação à velocidade de crescimento, e número de membros. Apesar dos maçons serem muito mais antigos que os integralistas em solo brasileiro, não tiveram um crescimento tão rápido quanto a AIB, pois a Maçonaria apenas demonstrou

uma expansão no número de lojas no final do século XIX para o início do XX, enquanto que os integralistas apresentaram um rápido crescimento em poucos anos de existência do movimento.

Os impressos da AIB também tiveram uma maior alcance e periodicidade que era proporcionada com a ajuda financeira de seus patrocinadores. Por outro lado, os impressos da Maçonaria, além do *Boletim do Grande Oriente do Brasil*, tiveram um alcance apenas local. As questões financeiras podem ter limitado a publicação dos impressos maçônicos bem como a desconfiança que a instituição sofreu por parte da população e do Estado.

As duas instituições que tanto conflitaram, tiveram uma preocupação a mais: a repressão do DOPS. A polícia política estava monitorando de perto tanto os integralistas quanto os maçons, com o intuito de colher e fornecer provas objetivas para as delegacias, argumentando que eles representavam um perigo social. Tomadas como instituições ameaçadoras, teriam que enfrentar as consequências que o Estado de Guerra as reservou. As lojas maçônicas amargaram seu fechamento devido a ameaça comunista que estava sendo associada à Maçonaria. Já os Integralistas, após a tentativa frustrada de um golpe contra o governo, foram postos na ilegalidade, e seu líder foi exilado para Portugal.

Como muitas pesquisas, este ponto não pode ser o fim. Assim, não temos a pretensão de dar como encerradas o debate que envolve a Maçonaria e a Igreja Católica, que está longe de se esgotar. Esperamos contribuir para somar análises e abordagens sobre o tema. Temos a certeza de que as renovações e novas questões continuarão a ocorrer.

FONTES

Arquivos

Arquivo da Província Nossa Sr^a da Penha do NE do Brasil, dos Frades Capuchinhos / Acervo documental D. Vital. Recife.

Arquivo de Obras Raras da Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco.

Arquivo de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Arquivo de Obras Raras da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Acervo Documental Digital da Biblioteca Nacional- BN

Acervo Documental Digital da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE

Acervo do Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco DOPS-PE/ APEJE

Periódicos

O Alfinete

A Alvorada

America Illustrada

O Americano

Archivo Maçonico.

Boletim do Grande Oriente do Brasil

O Conservador

Correio Paulistano

Diário da Manhã

A Epoque

Era Nova

Gazeta do Norte

O Imparcial

A Imprensa Evangelica

Jornal Gazeta do Norte

Lanterna Mágica

A Marqueza do Linguarudo

O Mensageiro

A Offensiva
A Ordem
O Rebate
A Tribuna Religiosa

Outras Fontes

BAROSO, Gustavo. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**: texto completo e apostilado. Porto Alegre: Revisão, 1991. (Coleção Centenário de Gustavo Barroso).

OLIVEIRA, Ramos de. **O Conflito Maçônico-Religioso de 1872**. Petrópolis: Vozes, 1952.

QUEIROZ, Álvaro de. **A Maçonaria Simbólica**. São Paulo: Madras, 2010.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica Humanum Genus**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_1-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html>. Acesso em: 16 set. 2016.

LEME, Sebastião. **Carta Pastoral**. 1916. Disponível em: <<http://amigocruz.blogspot.com.br/2010/01/carta-pastoral-de-dom-leme-de-1916.html>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Pastoral Coletiva. 1890. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/1327>> Acesso em: 13 abr. 2017.

PIO XI. **Quas Primas**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Pio IX. **Bula Syllabus Errorum**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

A Igreja Católica o Bispo de Olinda e a Maçonaria. Recife: 1898. (Livro).

Decreto 119-A. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm> Acesso em: 11 abr. 2016.

SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932**.

Parte Policial. **Prontuário Funcional**. n. 1527. 1933

Ilustrações

Figura 1- [Autor desconhecido]. **Homem não identificado, maçom**. Fotografia, jpg, 954,33 KB. Coleção Francisco Rodrigues - FR-05729. Documento iconográfico em meio eletrônico do acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/jn004807.jpg>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

Figura 2- Revista **América Ilustrada**. n. 27, 1879. p.4. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18790713 – Recife, Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX&PagFis=7462>> Acesso em, 15 nov. 2015.

Figura 3- Revista **América Ilustrada**, Recife, n. 26, jul. 1879. p.4. Jornal do Acervo digitalizado da Companhia Editorial de Pernambuco – CEPE, 18790706. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Figura 4- Dom Miguel de Lima. **Era Nova**. Olinda, out. 1936. p.3.

Figura 5 - Fachada do Liceu de Artes e Ofício do Recife com o símbolo maçônico do esquadro e do compasso. Fonte: fotografia, 19 ago. 2016.

Figura 6 - Desfile integralista. A frente, líderes como Plínio Salgado e Gustavo Barroso. Fotografia. Disponível em: <<http://osentinelablog.blogspot.com.br/2015/04/o-partido-nacional-socialista-no-brasil.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

Referências

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

AZEVEDO, Celia M. Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. **Revista USP**. São Paulo, n.32, p.178-189, 1996-97.

AZEVEDO, Ferdinand. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936**. Recife: FASA, 1986.

AZEVEDO, Ferdinand. Manoel Lubambo: um representante do pensamento católico conservador pernambucano dos anos 30. **Revista Intellectus**. v. 1, n.3, 2004.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Tempo & Memória, n.14).

_____. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). **Revista Locus**. v. 1, n. 1, 1995. p.125-141. Disponível em: <<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2223/1576>>.

BENIMELI, Ferrer; ANTÔNIO, José. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Paulus, 1998.

BENSA, Alban. Da Micro-história a uma Antropologia Crítica. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BENTO, Luiz Carlos. **Educação em Litígio**: Gustavo Capanema, Conciliação e Reforma nos anos de 1930. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: PGH/UFG, 2006.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja Frente os estados Liberais: 1880-1930. In: DUSSEL, Enrique. **Historia Liberationis**: 500 anos de história da igreja na América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAMPOS, Eduardo Luiz Cavalcanti; CABRAL, Newton Darwin de Andrade. A Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica no Recife: uma atuação religiosa, política e cultural (1923-1946). In: V Colóquio de História: Perspectivas Históricas, historiografia, pesquisa e patrimônio. nov. 2011. Recife. **Anais**. Disponível em:<<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.33-44.pdf>> Acesso em: jul. 2016.

CANDIÁ, Milena Aparecida Almeida. A instrução do povo pelo povo: a maçonaria e o movimento associativista pela expansão da educação popular no Brasil. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundáí, Paco Editorial: 2015.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Do Sigma ao Sigma. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício. **Histórias da Política Autoritária**: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. (Série Mundo Contemporâneo).

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

CAVALCANTI, Paulo. **A Luta Clandestina**: (o caso eu conto como o caso foi). Recife: Editora Guararapes, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros**: discurso e práxis dos seus programas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed. 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. DIFEL, 2001.

COLUSSI, Eliane Lúcia. **Plantando Ramos da Acácia**: a maçonaria gaucha na segunda metade do século XIX. Tese (Mestrado em História) - PUCRS/IFCH, Porto Alegre, 1998.

_____. **A Maçonaria Brasileira no Século XIX**. São Paulo: Saraiva, 2002. (Que história é essa?).

_____. A Maçonaria Brasileira e a Defesa do Ensino Laico (Século XIX). Revista **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000.

COSTA, Luiz Mário Ferreira. **A Antimaçonaria Desvendada**: conspirações, pactos satânicos e comunismo. Curitiba: Editora Prisma, 2016.

COSTA, Wendell Rodrigues. Instruir e trabalhar: a sociedade dos artistas mecânicos e liberais de Pernambuco e o liceu de artes e ofícios (1841-1880). Revista **Linhas**. Florianópolis, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013. p. 253 – 280

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os Primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In: **À Direita da Direita**: estudos sobre o extremismo políticos no Brasil. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

FEBVRE, Lucien Paul Victor. **Combates pela história**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

GAMA, Marcília. **O DOPS e o Estado Novo**: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945). Dissertação. (Mestrado em História) UFPE/CFCH, 1996.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo, UNESP, 1992.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo Maçônico e Cultura Política na Corte Imperial Brasileira (1871-1874)**. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: PGH/UFF, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2006.

HAUCK, João Fagundes. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época. Petrópolis: Edições Paulinas, 1992.

KOSELLEK, Reinhart. **Passado Futuro**: Contribuição a semântica dos tempos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LIMA, Tânia Andrade; SILVA, Marília Nogueira. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 8-9. p. 9-54, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGALHÃES, Fernando da Silva. **Maçonaria e Educação**: contribuições para o ideário republicano (1889-1930). Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ, 2013. 307p

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. A Velha Arte de Governar: o conselho de estado no Brasil imperial. Revista **Topoi**, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 178-221.

MONTEIRO, Fernando; SILVA, Cláudia Neves da. A Cruz e o Compasso: Uma intrincada relação histórica. **Publ. UEPG Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts**, Ponta Grossa, 19 (1): 19-31, jan.-jun. 2011 Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas>>.

MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o Símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação (Mestrado em História). Recife: PGH/UFRPE, 2012.

_____. Uma campanha política para uma eleição que não aconteceu: as práticas propagandísticas dos integralistas em Garanhuns-PE (1936-1937). **Revista de História Regional**. v.17, n.2, p.589-622. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4083/3251>>. Acesso em: 09/07/2017.

_____. A Importância do Sentimento Religioso para a Interiorização do Integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns. **Paralelos**. Recife, v. 5, n. 9, p.9-24, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus>>. Acesso em: 01/08/2017.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O Poder da Maçonaria**: a história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MOURA, Carlos André Silva de. Integralistas e Católicos: as relações discursivas entre intelectuais católicos pernambucanos e a Ação Integralista Brasileira (1930-1937). In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife, Editora da UFRPE: 2007.

_____. **Fé, Saber e Poder:** os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937). Recife, PCR: 2012.

_____. **Histórias Cruzadas:** debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942). Tese (Doutorado em História). UNICAMP/IFCH, Campinas, 2015.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco.** Vol. II. Diários do Recife 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco. 1966. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf> Acesso em, 10 fev. 2016.

OLIVEIRA, Carmem Lopes. **A Maçonaria em Pernambuco:** Ideias, ações e perseguições no contexto da crise liberal (1930–1945). 2008. 43p. Monografia (Licenciatura em História) UFRPE/DLCH, Recife, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Análise do Discurso:** Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

RÉMOND, René. **O Século XIX:** 1815-1914. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. 207 p.

_____. **Por uma História Política.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Luaê Carregari Carneiro. A Maçonaria e a Formação do Partido Republicano Paulista. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil:** história, política e sociabilidade. Jundaí, Paco Editorial: 2015.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência:** os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

SCHMIDT, Guilherme Cesar Temp. **Revista o Delta:** ideias e voz da maçonaria gaúcha (1916-1927). Dissertação (Mestrado em História). UPF/IFCH/PPGH, Passo Fundo, 2006.

SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Integralismo e Historiografia. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil.** Recife, Editora da UFRPE: 2007.

SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do Mal:** Maçonaria X Igreja Católica em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em História). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007.

_____. **Maçonaria e República:** confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940. (Doutorado em História). UFPE/CFCH, Recife, 2013.

SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Forma do Sigma:** discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH/UFPE, 2002.

SILVA, Marcos José Diniz. **Moderno-Espiritualismo e Espaço Público Republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**. Tese (Doutorado em Sociologia). UFC/Centro de Humanidades, Fortaleza, 2009.

_____. A Democracia Liberal em face das ideologias dissolventes: a Maçonaria cearense frente à Aliança Nacional Libertadora e ao Integralismo em 1935. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. SILVA, Michel. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SILVA, Severino Vicente. **A Primeira Guerra Mundial na Tribuna Religiosa: o nascimento da neo-cristandade (1917-1919)** Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 1985.

SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. A Propaganda no Jornal A Offensiva. In: VICTOR, Rogério Lustosa. **À Direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2011.

SOUSA JÚNIOR, José Pereira. **Estado Laico, Igreja Romanizada na Paraíba Republicana: relações políticas e religiosas (1890-1930)**. Tese. (Doutorado em História), UFPE – CFCH, Recife, 2015.

_____. O Processo de Restauração Católica no Brasil na Primeira República. **Fato & Versões**. v.7, n.14, 2015. p.80-103.

TAVARES, Marcelo dos Reis. **Entre a Cruz e o Esquadro: o debate entre a Igreja Católica e a Maçonaria na imprensa francana (1882-1901)**. Dissertação (Mestrado em História). PGH/UNESP, Franca, 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª ed., reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

VIANA, Giovanni Noceti. Um Cadinho de Caracteres: aproximações sobre a juventude integralista (1934-1937). In: VICTOR, Rogério Lustosa. **À Direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2011.

ZUGNO, Vanildo Luiz. A “Pastoral Coletiva” de 1890: A Igreja Católica entre o Estado laico e a liberdade religiosa. In: Congresso Internacional da Faculdade de EST. **Anais eletrônicos**. v.2, 2014. p. 192-207. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/issue/view/4>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Sites

<http://www.integralismo.org.br/?cont=781&ox=203#.VxLJt1da-9c>

<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=534

<http://www.freemasons-freemasonry.com/arnaldoG.html> acesso em 01/12/2009

<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=SECXIX>

<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/jn004807.jpg>

<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2223/1576>

<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>

<http://amigocruz.blogspot.com.br/2010/01/carta-pastoral-de-dom-leme-de-1916.html>

<http://permanencia.org.br/drupal/node/1327>

<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/issue/view/4>

<http://seer.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1604/1152>

<http://www.integralismo.org.br/?cont=75>

<https://padrepauloricardo.org/episodios/um-catolico-pode-ser-macom>

<http://ilustresdabahia.blogspot.com.br/2014/06/dom-antonio-macedo-costa.html>